UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

AS EXPECTATIVAS DO TER E O FRACASSO DO SER: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCÊNCIA E SUICÍDIO ENTRE ADOLESCENTES

Priscilla de Oliveira Martins

Vitória, ES

2002

PRISCILLA DE OLIVEIRA MARTINS

AS EXPECTATIVAS DO TER E O FRACASSO DO SER: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCÊNCIA E SUICÍDIO ENTRE ADOLESCENTES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob orientação da Profª Drª Zeidi Araujo Trindade.

UFES

Vitória, Agosto de 2002

Dados Internacionais de Catalogação-na-puplicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Martins, Priscilla de Oliveira, 1975-

M386e As expectativas do ter e o fracasso do ser: representações sociais de adolescência e suicídio entre adolescentes / Priscilla de Oliveira Martins. – 2002.

146. : il.

Orientador: Zeidi Araujo Trindade.

Co-Orientador: Ângela Maria de Oliveira Almeida.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Psicologia social. 2. Psicologia do desenvolvimento. 3. Suicídio. 4. Adolescência. I. Trindade, Zeidi Araujo, 1946- II. Almeida, Ângela Maria de Oliveira. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. IV. Título.

CDU: 159.9

AS EXPECTATIVAS DO TER E O FRACASSO DO SER:

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCÊNCIA E SUICÍDIO

ENTRE ADOLESCENTES

PRISCILLA DE OLIVEIRA MARTINS

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 13 de agosto de 2002, por:

Profª Drª Zeidi Araujo Trindade – Orientadora, UFES

Profª Drª Ângela Maria de Oliveira Almeida – Coorientadora, UnB

Prof Dr Paulo Rogério Meira Menandro – UFES

Prof Dr Sávio Silveira de Queiroz – UFES

Dedico este trabalho à minha família,
meus pais, minha irmã
e meu marido.

Agradecimentos

O processo de construção desse trabalho envolveu várias pessoas, sem as quais não teria conseguido ultrapassar as barreiras que envolvem a elaboração de uma dissertação. Todas elas participaram de alguma forma, umas mais intensamente e outras dando a força e o apoio quando precisei.

À minha família, pais, irmã e marido, que sempre estiveram por perto ajudando e dando apoio desde o início.

Aos meus amigos que sempre me deram apoio.

À minha orientadora, Zeidi Araújo Trindade, pela atenção, pela disponibilidade, pelos comentários que sempre me deram uma direção e pela liberdade que me deu na elaboração da dissertação.

À minha co-orientadora, Ângela Maria de Oliveira Almeida, por ter me apresentado a metodologia utilizada neste estudo, pelos comentários que me ajudaram muito na avaliação dos resultados e pela atenção e disponibilidade.

Ao Aldry Sandro M. Ribeiro pela atenção e paciência que teve comigo ao me ensinar a usar os programas utilizados nesta dissertação.

À Maria Cristina S. Menandro pelos toques e por estar sempre disponível quando precisei, seja em Vitória ou em Brasília.

Aos professores do corpo docente do Programa de Pós Graduação da UFES que sempre me passavam referências bibliográficas quando encontravam algo que me interessasse.

Às escolas por terem me permitido fazer o estudo e aos seus profissionais que me atenderam sempre com grande disponibilidade e atenção.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

Martins, Priscilla de Oliveira (2002). As expectativas do ter e o fracasso do ser: representações sociais de adolescência e suicídio entre adolescentes. Dissertação de Mestrado, Vitória – ES, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo.

Resumo

O presente trabalho busca discutir um fenômeno que tem sido recorrente na população de jovens e adolescentes: o suicídio. Na literatura científica existem poucos estudos que procuram entender esse fenômeno em uma abordagem psicossocial, a maioria dos estudos concentra-se nas áreas sociológicas, psicológicas e médico-psiquiátricas. Fundamentando-se na Teoria das Representações Sociais, procuramos analisar o significado de adolescência e de suicídio entre os adolescentes e verificar as possíveis relações entre esses dois temas. Participaram desse estudo 360 adolescentes entre as idades de 14 e 23 anos; 180 (90 do sexo feminino e 90 do sexo masculino) residentes em região urbana e que estudam em escola particular localizada em bairro considerado de classe média alta e alta e 180 (90 do sexo feminino e 90 do sexo masculino) residentes em uma região rural e que estudam em escola agrotécnica pública. Os resultados indicaram que a forma como cada grupo representa o suicídio relaciona-se à forma de viver a adolescência. Para o grupo da região urbana, a Representação Social da adolescência configura-se em dois pólos: curtição e apoio, o primeiro significa a socialização entre pares e o segundo o apoio familiar. Para eles, a grande preocupação é ficar sozinho. Dessa forma, os fatores de risco relacionados ao suicídio são os problemas familiares, como separação parental, maus tratos, negligência parental, entre outros; e, dificuldade em relacionar-se, que pode estar relacionado à auto-estima, síndromes psiquiátricas entre outros. Para o grupo da região rural a adolescência é uma transição muito rápida para a idade adulta, por isso, eles preocupam-se, com a realidade do mercado profissional e, não apenas com a solidão. Sendo assim, os fatores de riscos para esses adolescentes são os mencionados no grupo que reside em região urbana e os problemas sociais, como: desemprego, baixos salários, dificuldades financeiras, entre outros. A partir desses resultados concluímos que, para uma adequada assistência à saúde do adolescente é imprescindível conhecer melhor os seus medos, seus projetos de vida, suas crenças, seu contexto sócio-cultural para podermos oferecer um conjunto de ações mais efetivo.

Palavras – chave: psicologia social, representação social, psicologia do desenvolvimento, adolescência, suicídio.

Martins, Priscilla de Oliveira (2002). Expectations of having and frustration of being: social representations of adolescence and suicide among adolescents. Master Dissertation, Vitória - ES, Psychology Graduated Program, Human and Natural Sciences Center at Federal University of Espírito Santo.

Abstract

The present work aims to discuss a phenomenon which has been occured often among the adolescent population: the suicide. In the scientific literature there are a few studies that understands that phenomenon in a psychossociological approach, the majority of the studies are focused on the sociological, psychological and psychiatrically approaches. Based on the Theory of Social Representation we analyze the meaning of adolescence and suicide among adolescents and verify the possible relations between these two themes. 360 adolescents of 14 to 23 years old participated in this research; 180 (90 female and 90 male) that live in a urban area and that study in a private school which is located in a neighborhood considered of a high-middle class and high class, and 180 (90 female and 90 male) that live in a rural area and that study in a agrotecnical public school. The results pointed out that the way each group represent the suicide depends on the way they live their adolescence. To the urban area group the social representation of adolescence is configured in two main themes: “party on” and support. The first one means the peer socialization and the second one the parental support. The main concern to this group is being alone. Therefore, the risk factors related to suicide are family problems such as: parental divorce, maltreatment, parental neglect, among others; and problems in relating with others, that can be related to self steam, psychiatric syndromes, among others. The rural area group represents adolescence as a quick transition to adulthood, thus, they are concerned with professional market reality, and not only with loneliness. Therefore the risk factors to these adolescents are the mentioned to the group that live in a urban area and social problems such as: unemployment, low wages, financial difficulties, among others. From the results we conclude that, to have a good adolescent health treatment is indispensable knowing better the adolescents’ fears, life projects, beliefs, social context in order to provide a effective group of action on that way.
Key words: social psychology, social representation, development psychology, adolescence, suicide.

Sumário

Agradecimentos 4
Resumo 5
Abstract 6
Apresentação 8

Capítulo 1: O Suicídio 10
1.1 Um Histórico Sobre o Suicídio 12
1.2 A Morte e o Morrer 14
1.3 O Suicídio no Mundo e no Brasil 17
1.4 O Suicídio no Espírito Santo 20

Capítulo 2: A Adolescência 25
2.1 Teorias Psicológicas Sobre a Adolescência 25
2.2 O Adolescente da Cidade e do Campo 36

Capítulo 3: Perspectivas de Estudo Sobre o Suicídio e a Teoria das Representações Sociais 41

Capítulo 4: O Método 54
4.1 Os Sujeitos 54
4.2 As Escolas 54
4.3 Material e Instrumentos 56
4.4 Procedimento de Coleta de Dados 58
4.5 Procedimento de Organização e Análise dos Dados 59

Capítulo 5: Resultados e Discussão 66
5.1 Caracterização dos Sujeitos 66
5.2 As Três Hipóteses: Os Três Níveis de Análise 68
5.2.1 Representação Social de Adolescentes sobre Adolescência 69
5.2.1.1 1º Nível: O Campo Comum das RS de Adolescência 69
5.2.1.2 2º Nível: Diferenciações Grupais das RS de Adolescência 80
5.2.2 Representação Social de Adolescentes sobre Suicídio 88
5.2.2.1 1º Nível: O Campo Comum das RS de Suicídio 88
5.2.2.2 2º Nível: Diferenciações Grupais das RS de Suicídio 98
5.3 3º Nível: A Ancoragem da Adolescência e do Suicídio 109

Capítulo 6: Considerações Finais — Algumas Recomendações 122

Referências Bibliográficas 125

Anexo I 133
Anexo II 136
Anexo III 141
Anexo IV 145
Anexo V 146

Apresentação

O suicídio acontece em todo o mundo, embora o seu valor simbólico e o seu sentido sejam diferenciados nas várias sociedades e culturas. A taxa de suicídio mantinha uma certa estabilidade por países, entretanto, mais recentemente apresentou um considerável aumento na maioria dos locais. Interessante ressaltar que esse é um fenômeno que vem atingindo fundamentalmente os mais jovens. Este aumento demonstra-nos que o suicídio ultrapassa o lugar discreto e controlado das estatísticas e nosologia psiquiátrica e mostra-se como uma afirmação identidária da modernidade (Ferreira, 1995). Sob essa perspectiva, é importante pensar o suicídio por meio das dimensões sócio-culturais e psicológicas.

Para tanto, utilizaremos a Teoria das Representações Sociais, pois entendemos que essa teoria pode trazer contribuições bastante relevantes na compreensão do fenômeno do suicídio.

O objetivo deste trabalho é entender o significado de adolescência e suicídio entre os adolescentes, além de verificar as possíveis relações entre esses dois temas. Isso se justifica, posto ser um tema que tem chamado muita atenção em todo o mundo devido às altas taxas verificadas, principalmente nos últimos anos.

A partir destas questões, o nosso trabalho desenvolver-se-á da seguinte forma.

No primeiro capítulo, apresentaremos uma breve revisão da literatura sobre o suicídio. Iniciaremos tal revisão com o histórico do suicídio na sociedade

ocidental, posteriormente discutiremos a dificuldade em lidar com a morte e conseqüentemente com o suicídio. Neste capítulo, também abordaremos a situação das taxas de suicídio no mundo, no Brasil e, mais especificamente, no Estado do Espírito Santo, local em que ocorreu a pesquisa, verificando também as diferenças existentes nas ocorrências desse fenômeno na cidade e no campo.

No segundo capítulo, faremos um levantamento das principais Teorias Psicológicas do Desenvolvimento e enfocaremos a inserção social como elemento importante na formação do adulto.

No capítulo 3, apresentaremos a abordagem teórica utilizada (Teoria das Representações Sociais) e a forma de apresentação dos resultados.

Nos capítulos seguintes, descreveremos a pesquisa e discutiremos os resultados à luz do referencial teórico utilizado.

Capítulo 1: O Suicídio

O suicídio é um fenômeno universal e deve ser entendido a partir do contexto cultural que se está estudando, uma vez que sua significação vai depender de como cada cultura entende este ato.

> *"Em determinadas sociedades orientais e em sociedades tribais, o suicídio tem um valor positivo, é valorizado e por vezes encorajado. No Oriente, ele pode ser visto como um ato honroso, como uma demonstração de fidelidade, disciplina e boa índole. Em sociedades tribais, ele corresponde a uma tentativa de reabilitação do indivíduo no grupo, no caso de ele sobreviver, ou da imagem do morto no imaginário coletivo, no caso do suicídio consumado. Já em sociedades ocidentais, o fenômeno do suicídio constitui um tema interdito, uma tentativa de negação completa da dor, do sofrer, da morte"* (Dias, 1991: 98).

Isso ocorre de acordo com as representações da pessoa que se constroem os sentimentos de ambivalência, admiração, perplexidade e indignação com que o senso comum interpreta esse ato (Ferreira, 1995). Estaremos trabalhando o suicídio a partir desta última significação, entretanto, precisamos definir antes o que entendemos como suicídio.

Durkheim (2000/ 1987), em sua definição, afirma *"chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado"* (p. 14). Sendo assim, elimina do seu estudo as tentativas de suicídio. Mas, *"a maioria*

dos estudos, diferentemente da recomendação de Durkheim, tratam das mortes e das tentativas de mortes por suicídio" (Minayo,1998: 7). Minayo (1998), em sua análise, descreve que isso acontece por três motivos:

> *"De um lado, porque quase sempre os indivíduos que morrem por autoviolência costumam anunciar o evento fatal através de vários sinais anteriores, quase nunca levados a sério pelos que os cercam (...). Depois porque, freqüentemente, o perfil sócio-demográfico dos que se suicidam costuma ser diferente dos que ameaçam fazê-lo (...). Por fim, o crescimento das notificações e da busca por atenção dos que ameaçam se matar, é um fenômeno que merece atenção do setor de saúde"* (p. 7).

Podemos acrescentar a essas razões a problemática metodológica. É impossível ter como sujeito de pesquisa uma pessoa que cometeu suicídio, dessa forma, uma das poucas maneiras de conseguir entender melhor o fenômeno do suicídio é através daqueles que tentaram tirar a sua vida e não obtiveram êxito. As outras formas de buscar entender esse fenômeno são o contato com os familiares e pesquisa de documentos como atestado de óbito e ficha médica.

Nesta pesquisa, abordaremos o suicídio, mas entendendo o suicídio como um ato, tanto de cometimento como de omissão, realizado pela própria pessoa ou por terceiros, por meio do qual um indivíduo autonomamente pretende e deseja concretizar a própria morte, porque quer ser morto ou quer morrer uma morte que ele mesmo concretiza (Fairbairn, 1999).

1.1 Um Histórico Sobre o Suicídio

Para compreendermos como foi estabelecida a interdição ao suicídio na sociedade ocidental, precisamos conhecer melhor o processo histórico.

Barchifontaine e Pessini (1990) e Coelho (1997) fizeram um levantamento histórico sobre o tema suicídio, demonstrando que este é um assunto que tem sido discutido pelo homem desde a Antigüidade. Na Grécia Antiga, o suicídio era regulado e, por isso, legalizado e, algumas vezes, incentivado pela própria sociedade. Isso ocorria em Atenas, Esparta, Tebas e Chipre. O ato só era condenado caso não fosse planejado. Em Roma, era reconhecido o direito de decidir pela morte em caso de sofrimento insuportável, embora isso fosse proibido entre os escravos, cuja vida pertencia ao dono, e aos soldados, cuja vida pertencia à pátria (Ferreira, 1995).

A partir do século V d.C., com a consolidação do Império Sacro-Romano, o suicídio foi declarado crime, pois era um ato contra Deus. Considerado soberano tanto na vida quanto na morte, somente Deus poderia dar ou tirar a vida de alguém.

Na Idade Média, permanece a mesma interpretação sobre o suicídio, todavia este também era visto envolto em superstições, por exemplo, *"dizia-se que se uma mulher grávida parasse no túmulo de um suicida a criança morreria de suicídio"* (Barchifontaine e Pessini, 1990: 190).

A religião, através da história, teve uma participação importante na formação das representações e atitudes frente ao suicídio. Na bíblia, não existe uma condenação explícita ao suicídio, o que existe são apenas relatos sobre o

fato. Realmente, existem seis suicídios no Antigo Testamento e um no Novo Testamento, sendo este o de Judas. Durante vários séculos, a Igreja não possuía, como instituição, uma posição clara sobre esse assunto. Foram Santo Agostinho e, mais tarde, São Tomás de Aquino que definiram a posição da Igreja, entendendo o suicídio como algo pecaminoso e moralmente mau. Para essa explicação, Santo Agostinho utilizou três razões, são elas:

> *"primeira, porque todo ser se ama naturalmente a si mesmo; por esse motivo, o fato de alguém se matar é contrário à inclinação natural e à caridade, pela qual a pessoa deve amar-se a si mesma. Daí o suicídio ser sempre pecado mortal, por ir contra a caridade. Segunda, porque cada parte, enquanto tal, é algo de um todo; um homem qualquer é parte da comunidade e, portanto, tudo o que ele é pertence à sociedade. Logo, quem se suicida, atenta contra a comunidade, como indicou Aristóteles. Terceira: porque a vida é um dom de Deus e sujeita ao seu divino poder, que mata e faz viver. Portanto, quem se priva a si mesmo da vida peca contra Deus"* (Barchifontaine e Pessini, 1990: 190).

A Igreja, naquela época, para evitar que as pessoas pecassem, recusou aos suicidas os ritos funerais e enterros. As normas proibindo o suicídio têm tido grande influência no Catolicismo, Protestantismo e Judaísmo. Apenas as religiões orientais são mais tolerantes a esse respeito.

Com o tempo, gradualmente, a posição da Igreja influenciou a posição do Governo que a incorporou na lei civil. Como resultado, o suicídio passou a ser considerado crime, uma violação contra as instituições sociais e começou a ser

punido severamente. *"As autoridades confiscavam a propriedade das vítimas, os sobreviventes tinham que pagar uma multa para o tesouro nacional e o corpo por vezes era exposto à execração"* (Barchifontaine e Pessini, 1990: 191).

A partir da segunda metade do século XVIII, as punições em relação ao suicida e a seus familiares começaram a ser mais brandas, *"devido ao fato de o indivíduo isolado perder a importância coletiva que tinha, tanto na Antiguidade quanto na Idade Média"* (Coelho, 1997: 49). Posteriormente, no século XIX, filósofos e intelectuais questionaram essas atitudes, conseguindo mudar, com isso, essa situação. No entanto, o que realmente possibilitou uma mudança foi o contexto sócio-cultural-científico, que estava, naquela época, em transformação devido às descobertas do campo médico e social.

1.2 A Morte e o Morrer

Apesar das mudanças, o suicídio ainda hoje é visto com um certo horror, uma vez que o tabu que envolve o suicídio ainda é grande. Além do processo histórico de como o suicídio foi condenado pela Igreja e suas conseqüências nos dias de hoje, acrescenta-se a estranheza que é o falar da morte.

A morte é um processo natural da vida, que passou a ser antinatural. Anteriormente, a morte era esperada no leito, em casa. O quarto do moribundo transformava-se em um lugar público, onde se entrava e do qual se saía livremente. Era muito importante que os parentes, os amigos e os vizinhos estivessem presentes, incluindo as crianças nesse acontecimento. Os ritos de morte eram aceitos com simplicidade e cumpridos de modo cerimonial, porém

sem caráter dramático ou gestos de emoção excessivos (Ariès, 1975). Os médicos do final do século XVIII, quando descobriram as primeiras regras de higiene, queixavam-se do excesso de pessoas no quarto do moribundo. Este foi um dos fatores que promoveu a mudança na relação das pessoas com a morte: de processo natural, passou a objeto de interdição. Percebemos que existe um enorme esforço para negá-la, especialmente quando alguém a deseja para si mesmo.

Morin (1997), em seu livro *O Homem e a Morte,* discute justamente a dificuldade que é lidar com a morte, com a nossa morte, e afirma que é a individualidade humana que fica traumaticamente afetada. Segundo o autor, existe um horror à morte que engloba realidades aparentemente heterogêneas: a dor dos funerais, o terror da decomposição do caráter e a obsessão pela vida. *"Mas dor, terror, obsessão tem um denominador comum: a perda da individualidade"* (Morin, 1997: 32). A perda da individualidade é retratada como um vazio, um nada, algo sem conteúdo.

Esse horror à morte de acordo com Morin é capaz de tudo, já que

> "*a emoção, o sentimento ou a consciência da individualidade. (...). Sentimento que é de uma ruptura, de um mal, de um desastre, isto é sentimento traumático. Consciência enfim de um vazio, de um nada, que se abre onde havia plenitude individual, ou seja, um sentimento traumático"* (Morin, 1997:33).

Por meio dessa descrição, podemos entender melhor o terror, o horror, o sentimento traumático que é, para o indivíduo, a sua morte.

Morin (1997) procura também entender, à luz desse horror e da obsessão pela vida, a criação dos mitos de vida eterna como a ressurreição, a reencarnação entre outros. De fato, desde sempre a humanidade criou religiões e construiu crenças que lhe garantissem a imortalidade, como forma de fugir, de escapar de tonar-se um nada. Afinal, como entender que se vive para no final não haver sinal de sua existência?

O horror à morte, o terror da decomposição do caráter e a obsessão pela vida nos demonstram o enorme esforço que existe para negar a morte. Diante desse contexto, é possível compreender a reação do senso comum perante o suicídio que o transforma em um tabu, ou seja, algo que não deve ser mencionado, e sim evitado, indicando que os números encontrados nos mais diversos países são sub-reportados.

Percebe-se, então, um silêncio profundo, posto que o tabu foi rompido. O indivíduo cometeu algo que é contra a natureza e que não é de sua alçada. Rodrigues (1983) deixa esse movimento entre o que é sagrado e o que é profano muito claro, estabelecendo os limites do indivíduo. Uma vez rompidos os limites, algo precisa ser feito para que seja restabelecida a ordem. Estudos precisam ser realizados a fim de serem mais bem determinadas as ações de tentativa de restabelecimento da ordem. Entretanto, em uma análise preliminar[1], pudemos notar que, quando acontece um suicídio, há um silêncio muito grande ao seu redor. Com o silêncio, o assunto é evitado, não é sequer comentado, podendo ainda, a causa da morte ser inventada. Sendo assim, se não é falado o fato não se torna conhecido pela comunidade e, conseqüentemente, se ninguém toma

[1] Pesquisa realizada na disciplina de Processos Psicossociais com o título Suicídio: Um Problema Médico?

conhecimento do fato, ele, simplesmente, não existe. Essa é uma das formas pela qual a família consegue retornar a sua ordem e manter o tabu intacto. O tabu é de tal ordem que existem sites nos Estados Unidos da América em que cada um pode contar a sua verdadeira história e ler as de outras pessoas, sem que haja repreensões por parte de alguém. Isso ocorre pois a internet é um espaço que permite a pessoa expressar-se e manter-se no anonimato.

1.3 O Suicídio no Mundo e no Brasil

As estatísticas sobre suicídios são falhas, não só devido ao tabu que circula ao redor do tema, como também em função da dificuldade de conceituação, já que uma proporção não-sabida de suicídios passa por acidentes. Estudos norte-americanos indicam que isso ocorre em 50% dos suicídios consumados e que 25% dos acidentes de automóvel teriam componente suicida consciente (Cassorla, 1991a). Segundo Cassorla (1991a),

> *"certamente a subestimação estatística será mais intensa quando se trata de crianças e adolescentes, em que os atos autodestrutivos serão negados e até escondidos pela família, diante de maiores sentimentos de culpa e/ou vergonha pelo ato"* (p. 63).

Apesar dessas falhas, o número de mortes por suicídio tem apresentado no decorrer do tempo um padrão de distribuição por países, o que é em geral atribuído às diferenças culturais. No entanto, as transformações culturais das últimas décadas têm participado mais ativamente na alteração desse padrão. O

fato é que muitos países, especialmente os que já apresentavam altas taxas de suicídio, têm experimentado um aumento considerável nas últimas décadas. É interessante ressaltar que esse é um fenômeno que tem atingido não o conjunto da população, mas fundamentalmente os mais jovens (Barros, 1991). De acordo com uma reportagem da Folha de São Paulo (16/02/98), a taxa de suicídio no Brasil entre jovens de 15 a 24 anos, no período entre 1979 e 1993, cresceu 26% nas nove capitais estudadas: São Paulo, Recife, Salvador, Fortaleza, Porto Alegre, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba e Belém. As estatísticas da Organização Mundial de Saúde (OMS)[2] de 1995 (último ano fornecido em detalhes) sobre suicídios no Brasil demonstram que a maior parte dos suicídios concentra-se entre as idades de 15 e 34 anos, ou seja, 46% dos suicídios consumados são encontrados nesta faixa etária. Isso nos indica que deve haver algo acontecendo no processo de desenvolvimento da adolescência e do jovem adulto. Todavia, é importante ressaltar que no Brasil, segundo os números da OMS de 1992 para 1995, houve um salto no número de suicídios entre a população que se encontra na faixa etária de 35 a 44 anos de 2.9 para 6.2 em 100.000 suicídios, indicando que essa população também precisa de um estudo para compreender quais os fatores envolvidos neste crescimento.

Apesar do aumento verificado, as taxas de suicídios de jovens no Brasil são consideradas baixas em comparação a outros países como Finlândia, Lituânia, Rússia e Hungria. De acordo com as estatísticas gerais da OMS, nestes países para cada 100.000 pessoas 28.7, 43.7, 39.35, 32.9 pessoas cometem suicídio, respectivamente, enquanto o Brasil apresenta a taxa de 3.6 suicídios. Os

[2] No anexo I encontram-se as taxas de suicídio por países fornecidas pela OMS.

números, se considerados de forma total, demonstram-nos que ocorrem cerca de mil suicídios por dia e quase meio milhão por ano no mundo. São dados alarmantes que nos indicam a necessidade de estudarmos os fatores que envolvem o suicídio, a fim de podermos pensar melhores formas de prevenção.

Na tentativa de entender melhor o que acontece e como acontece o suicídio, vários estudos são feitos para perceber os fatores de risco que estão relacionados ao suicídio. Conforme Grünspun (1991), fator de risco é qualquer característica verificável, referente a uma pessoa e ao meio ambiente circundante, que pode afetar de modo adverso ou até específico as reações da pessoa. O fator de risco é um elo em uma cadeia de associações que conduz a um evento mórbido ou indicador desse evento. Os fatores de risco podem constituir sinais de perturbações ou evidenciar causas.

Nas pesquisas sobre suicídio, os fatores de risco mais relacionados são os fatores sociodemográficos (Vansan, 1996; Zubia et al., 1991) como o gênero, a idade e o nível sócio econômico; e, as síndromes psiquiátricas (Zubia et al., 1991) que abarcam a depressão, o transtorno afetivo, a síndrome do pânico, a esquizofrenia e ter cometido tentativas de suicídio anteriormente (Salvo et al., 1998) entre outros. Também são observados os fatores individuais como a hereditariedade, a impulsividade (Turecki, 1999), a dificuldade em lidar com situações de stress (Feijó et al., 1999) e a auto-estima (Overholser et al., 1995); e, os fatores familiares (Reyes et al., 1998 e Brown et al., 1999), como pais separados, abuso infantil, maus tratos, abuso de substância tóxica pelos pais, entre outros. Fatores relacionados ao tempo como meses do ano também foram relacionados ao suicídio (Reyes et al., 1998). Apesar do grande número de

pesquisas realizadas nos últimos anos, ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas.

Sob a perspectiva da pessoa que pretende tirar a sua vida os autores afirmam que elas não estão em busca da morte, mesmo porque ninguém sabe o que é a morte. O que a pessoa deseja é escapar de um sofrimento intolerável em busca de tranqüilidade ou de uma "vida melhor" (Dias, 1991 e Cassorla, 1991b).

1.4 O Suicídio no Espírito Santo

No Espírito Santo, foi verificado que o grupo de adolescentes e de jovens tem um dos mais altos índices para o suicídio. Nos dados fornecidos pela MS/Funasa/Cenepi – Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM)[3], constam apenas os anos de 1996 a 1999, por isso não podemos fazer um estudo comparativo e observar se houve um aumento na taxa entre a população de interesse.

Os dados mostram-nos que o número de suicídios permanece praticamente constante e que a maior incidência desse fenômeno ocorre entre a faixa etária de 25 a 34 anos, seguida pela de 15 a 24 anos e a de 35 a 44 anos, podendo estas duas últimas alternarem-se. Estes dados são consistentes com os dados do Brasil, em que foi observado um aumento na taxa de suicídios entre adultos e jovens adultos; entretanto, podemos observar que, apesar de o índice de suicídio entre adolescentes não ser o mais alto, há grande significância, posto que representa, em média, 23% dos suicídios ocorridos.

[3] Encontram-se no anexo II os dados fornecidos pela MS/Funasa/Cenepi – Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM).

O Sistema de Informações sobre Mortalidade também nos dá o número de suicídios ocorridos por município e macro-região. A macro-região consiste na divisão do Estado em Região Metropolitana, na qual participam os municípios que consistem a região metropolitana propriamente dita e os municípios que se encontram em seu entorno; em Região Norte que se localiza no extremo norte do Estado e faz divisa com a Bahia e o norte de Minas Gerais; em Região Noroeste que faz divisa com a Região Metropolitana, com a Região Norte e com o Estado de Minas Gerais; e, na Região Sul que consiste em todo o sul do Estado até a divisa fronteira com o Estado do Rio de Janeiro.

Conforme a divisão por macro-região, observamos que o maior número de ocorrência de suicídio nesses quatro anos aparece na Região Metropolitana com 64,5% dos suicídios, seguida pela Região Sul com 16,3%, pela Região Noroeste com 14% e pela Região Norte com 5,2%. Ao observarmos os números por município, vemos que o maior número de ocorrências aparece nas maiores cidades de cada macro-região, com exceção da Região Norte, pois o número de suicídios é similar em todas as cidades em que houve ocorrências.

Não existem dados completos e sistematizados sobre o meio utilizado para o suicídio, no entanto o Centro de Atendimento Toxicológico do Espírito Santo – Toxcen[4] tem alguns dados interessantes. O Toxcen atende a todo o Estado do Espírito Santo e a algumas cidades de Minas Gerais que fazem divisa com o Estado, tendo como objetivo efetuar coleta, tratamento, armazenamento e disseminação das informações tóxico-farmacológicas. Vários são os atendimentos sobre intoxicação, no ano de 2000, por exemplo, foram feitos 2192 atendimentos

[4] Os dados foram gentilmente cedidos pela Drª Sony Hito - Coordenadora Geral do Toxcen.

e, destes, 568 foram categorizados como tentativas de suicídio. De acordo com os dados dessa instituição, em 1998 ocorreram 11 suicídios e como método foi utilizado o praguicida agrícola, em 1999 foram 14 tendo a maioria utilizado praguicida agropecuário e em 2000 foram 17, tendo a maioria utilizado o mesmo meio citado anteriormente. A grande maioria destes suicídios ocorreu com pessoas na faixa etária de 15 a 35 anos (em 1998 foram 9, em 1999, 10, repetindo-se o mesmo número em 2000) e em populações de regiões agrícolas (em 1998 ocorreram 10 suicídios em regiões agrícolas, em 1999 ocorreram 11 e em 2000 ocorreram 13, enquanto nas regiões urbanas ocorreu 1 suicídio em 1998, ocorreram 3 em 1999 e 4 em 2000). Esses dados demonstram que houve um pequeno aumento de suicídios que têm como método a utilização de substâncias tóxicas e que a maioria deles ocorre em regiões agrícolas.

Os dados sobre o suicídio no Espírito Santo podem nos levar a pensar que a urbanização deve contribuir para a ocorrência do suicídio. De fato, existem pesquisadores que abordam este tema. O pioneiro no assunto foi Èmile Durkheim (2000/1897) que, em seu estudo sobre o suicídio, chega à conclusão de que quanto mais integrada socialmente for uma população, menor será a tendência à anomia e, consequentemente, menor será o número de suicídios. Dessa forma, em uma sociedade na qual a integração seja confusa e desorganizada, como em uma cidade, maior será o número de suicídios. Entretanto, essa maneira de pensar ficou ultrapassada pela própria complexidade crescente das sociedades modernas. Se observarmos melhor os números de suicídios, veremos que, em países onde há um alto índice de violência, a taxa de suicídio é pequena e, em países cuja taxa de suicídio é alta, o índice de violência é pequeno (IBGE). De

acordo com a tese acima citada, essa relação torna-se um paradoxo, uma vez que a violência deveria ocorrer em uma sociedade confusa e desintegrada; dessa maneira essas taxas deveriam ter uma relação direta, no entanto não é isso o que ocorre. Essa relação entre os números da violência e do suicídio mostra-nos que o fenômeno do suicídio não pode ser estudado apenas sob um prisma.

Além da questão discutida acima, os dados do Espírito Santo estão em números absolutos e não relativos, por isso é preciso ponderar que um dos motivos do elevado número de suicídios nas maiores cidades de cada macro-região é por esta conter um número de habitantes maior que em regiões rurais. Por exemplo, a Região Metropolitana possui 40% da população de todo o Estado, que é de 3.097.232 habitantes.

Com relação às diferenças entre zona urbana e rural há uma divisão não tão clara, já que não temos os dados completos dos suicídios que ocorrem na cidade e no campo. Na cidade, provavelmente o método utilizado é mais violento (arma de fogo, faca) do que no campo (veneno) embora este último seja mais letal, especialmente em caso de praguicidas. Na cidade também é observada uma maior possibilidade de acesso a hospitais e tratamentos do que no campo.

O conjunto desses dados mostra-nos que existe um grande número de suicídios que ocorre em cidades, mas que a população do interior também sofre com esse fenômeno. Além disso, podemos observar que a população jovem, neste Estado, não é a que possui o maior índice de suicídio, todavia apresenta um número significativo que merece investigação. No próximo capítulo, procuramos discutir a adolescência e para isso, primeiro, exporemos as principais teorias

psicológicas sobre a adolescência e, posteriormente, abordaremos a importância do contexto social do qual o adolescente faz parte na formação de sua identidade.

Capítulo 2: A Adolescência

2.1 Teorias Psicológicas Sobre Adolescência

Até o início do século XX, o conhecimento a respeito do desenvolvimento humano era pouco sistematizado (Oliveira e Egry, 1997). Entretanto, após este período, vários estudos foram feitos com o objetivo de entender e de tecer teorias sobre o desenvolvimento humano, inclusive acerca do período da adolescência. Vários foram os aspectos abordados como o físico, o emocional, o cognitivo e o social.

A palavra "adolescência" é derivada do verbo latim *adolescere* que significa crescer ou crescer até a maturidade. Enfatizando que a adolescência é um período de transição, Muuss (1976) a considerava um período no qual o indivíduo vive uma situação marginal, na qual novos ajustamentos devem ser feitos entre o comportamento de criança e o comportamento de adulto. Muuss (1976) ainda afirmava que, cronologicamente, a adolescência é o tempo que se estende, aproximadamente, dos 12 ou 13 anos até os 20 e 21 e 22 anos, com grandes variações individuais e culturais.

Atualmente, a Organização Mundial da Saúde define os adolescentes como pessoas de 10 a 19 anos e os jovens como pessoas de 15 a 24 anos e o termo 'gente jovem' é utilizado para incluir ambos os grupos (OPS, 1998:77). Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069 de 13/07/1990) o adolescente é o indivíduo que se encontra entre a faixa etária de 12 e 18 anos de idade.

Fisiologicamente, a adolescência começa com a pubescência que é o período de aproximadamente dois anos precedente à puberdade, na qual ocorre o amadurecimento das funções reprodutivas que inclui o aparecimento das características sexuais secundárias e a maturidade fisiológica dos órgãos sexuais primários (Muuss, 1976).

Grossman e Cardoso (1997), em um estudo documental sobre as bases conceituais da atenção à saúde do adolescente, revelam que

> *"a preocupação em se encontrar um critério que contemplasse a totalidade dos adolescentes, com bases objetivas de caracterização e aferição, determinou que fosse levado em consideração o critério somático"* (p. 3).

A partir disso definiram como marcadores da adolescência:

> *"os estirões no crescimento e a modificação da forma do corpo; o crescimento e desenvolvimento das gônadas; o desenvolvimento dos órgãos secundários e das características sexuais; as modificações na composição do corpo e o desenvolvimento dos sistemas respiratório, circulatório e muscular"* (p. 3).

À primeira vista, a adolescência se apresenta como uma categoria vinculada à idade, portanto refere-se à biologia, ao estado e à capacidade do corpo, no entanto o desenvolvimento do adolescente não se esgota nas diversas e importantes mudanças que acontecem no âmbito biológico e fisiológico, ele também apresenta várias significações superpostas elaboradas sócio-historicamente. Dessa forma, além das mudanças biológicas, também ocorrem mudanças de papéis, de idéias e de atitudes. A Psicologia procurou entender

melhor essas mudanças através de estudos, de discussões e de teorizações. Explicitaremos a seguir as principais teorias sobre a adolescência.

Um dos primeiros estudiosos a respeito foi Stanley Hall, seu primeiro livro sobre o assunto foi publicado em 1904. Por isso é considerado o pai da "Psicologia da Adolescência" (Muuss, 1976). Hall, em seus estudos, procurou caracterizar o desenvolvimento do ser humano e para isso relacionou cada fase deste a uma fase da história da humanidade. Dessa maneira, ele procurava explicar a história ontogenética pela história filogenética. Essa teoria foi negada posteriormente, entretanto os estudos feitos sobre a adolescência tiveram grande relevância. Hall caracterizou o período da adolescência como uma época de tempestade e de tormenta devido à oscilação entre tendências contraditórias:

> *"energia, exaltação e superatividade e indiferença, letargia e desprezo. Uma alegria exuberante, gargalhadas e euforia cedem lugar à disforia, depressão e melancolia. O egoísmo, a vaidade e a presunção são tão característicos desse período como o abatimento, humilhação e timidez"* (Muuss, 1976: 23).

Todavia, ao caracterizar a adolescência como um estágio do desenvolvimento deixou pouco espaço para as influências do meio. Sendo assim, era natural o adolescente viver uma época conturbada e não havia muita coisa a fazer para mudar essa sua característica.

Sigmund Freud, contemporâneo de Hall, em sua teoria psicanalítica, deu relativamente pouca ênfase à pubescência e à adolescência. Foi Anna Freud, sua filha, quem aprofundou o estudo desse período a partir da conceituação psicanalítica e atribuiu à adolescência uma grande importância na formação do

caráter. Ela também partilha da idéia de que a adolescência é um estágio do desenvolvimento, apontando, que pode sofrer influências do ambiente, embora muito pequenas, uma vez que os fatores ambientais, para a psicanálise ortodoxa, são secundários em relação aos fatores biológicos e instintivos. Anna Freud também concordava que a adolescência caracteriza-se por um período turbulento. A autora afirmava que o estado previsível para o adolescente é uma turbulência episódica (Oliveira e Egry, 1997), chegando mesmo a dizer que *"a manutenção de um equilíbrio estável durante a adolescência é em si anormal"* (Anna Freud apud Günther, 1996: 61). Essa turbulência está associada a sentimentos de culpa devido a fantasias proibidas, frustração de não obter a autonomia desejada e dúvidas sobre sua identidade e sobre as expectativas das outras pessoas (Oliveira e Egry, 1997). Após a definição de papéis e a resolução definitiva dos conflitos entre o *id* e o *ego "a falta de educação, agressividade, comportamento perverso desaparecem como um pesadelo"* (Anna Freud apud Muuss, 1976, p.31).

Em 1950, Erick Erikson publica sua primeira obra sobre o desenvolvimento, *Childhood and Society.* Posteriormente, em sua obra *Identity, Youth and Crisis* (1968) utilizando a teoria do desenvolvimento proposta pela psicanálise e os achados da Antropologia Cultural propõe a Teoria do Estabelecimento da Identidade do Ego, na qual sugere que o ambiente também participa na construção da personalidade do indivíduo. Erickson estabeleceu oito fases no desenvolvimento humano, sendo que em que cada uma existe um conflito com duas saídas: uma positiva e outra negativa. O caminho que o indivíduo irá tomar dependerá de fatores inatos e ambientais. Essa mudança na

visão do desenvolvimento é de grande importância, posto que abre novas fronteiras para o entendimento do desenvolvimento e, mais especificamente, da adolescência.

Erickson, em sua teoria, afirma que a adolescência é uma fase de conflito que envolve os pólos da identidade e da difusão de papéis. De acordo com ele, nesse período, as mudanças corporais acontecem de maneira muito rápida, o que ameaça a imagem física e a identidade do ego do adolescente. Também, o indivíduo precisa estabelecer uma identidade dominante, isto é, estabelecer e restabelecer a sua identidade baseada na experiência anterior e na percepção do futuro como parte integrante do seu plano de vida (Muuss, 1976).

De uma forma geral, antes de Erickson, os teóricos concebiam a adolescência como um estágio do desenvolvimento, ou seja, um período universal, como a infância e a idade adulta, com características específicas, constituindo-se em um período necessariamente e naturalmente conturbado.

Os estudos da Antropologia Social revolucionaram essa forma de pensar a adolescência. Os resultados dos estudos feitos pelos antropólogos mostraram uma possibilidade de entender as fases do desenvolvimento humano de forma totalmente nova, ressaltando duas importantes questões: a adolescência não precisa ser, necessariamente, um período turbulento; as características do desenvolvimento psicossocial não são universais. Na sociedade estudada em Samoa por M. Mead (1967), por exemplo, o desenvolvimento era gradual, calmo e sem impactos profundos.

Bandura (1964), teórico da área da aprendizagem social, também não concorda com o pressuposto da universalidade do desenvolvimento humano e em

que a adolescência seja um período caracterizado por conflitos. Segundo este autor, as dificuldades que ocorrem são conseqüências de experiências ambientais. Assim, ele afirma que

> *"as suposições sobre a natureza adolescente decorrem do sensacionalismo da mídia, de interpretações excessivas sobre conformismo e rebeldia, de generalizações inapropriadas e amostras clínicas envolvendo comportamentos não casuais"* (apud. Günther, 1996: 62).

A questão sobre a universalidade ou não da adolescência é um tema importante e alguns historiadores interessados nesse problema defendem que a adolescência é uma construção social. Oliveira e Egry (1997) fazem um levantamento histórico e revisam o surgimento da Adolescência. Citando Cavalcanti (1988), afirmam que a adolescência é produto da Revolução Industrial e que pôde ser mais bem observada com a instituição do sistema educacional obrigatório e os projetos de maternidade e da infância. Este conjunto de acontecimentos fez com que o período de dependência do indivíduo se estendesse. Dessa maneira, o conceito de adolescência pode ser considerado recente. Acredita-se que o reconhecimento deste como uma etapa do desenvolvimento humano ocorreu no Ocidente no início do século XX (Ariès, 1978). Essa visão sócio-histórica traz mais elementos demonstradores de que a inserção sócio-cultural é fundamental para compreendermos melhor o ser humano.

As teorias psicológicas do Desenvolvimento sempre apontaram a família, ou seja, a socialização parental como a grande influenciadora no desenvolvimento

infantil, entretanto mais recentemente, Judith Harris (1995) revolucionou, de certa forma, esse pensar o desenvolvimento humano. A autora, por meio de uma consistente revisão da literatura existente, demonstra que a socialização parental não é essencial na formação da personalidade adulta. A partir disso, propõe uma teoria na qual a socialização entre os pares é de extrema importância nesse aspecto, esta teoria chama-se *Group Socialization (GS) Theory*.

Os principais temas e conceitos que dão suporte a esta teoria são: socialização, processo de aprendizagem, transmissão cultural e personalidade. A socialização é entendida como o processo pelo qual a criança se torna um membro da sociedade, ou seja, comporta-se de forma apropriada, sabe a língua usada, possui as aptidões necessárias e assume os comportamentos e ações esperadas. Pensava-se que um dos principais papéis parentais era justamente a socialização da criança. Esta aprenderia a comportar-se através da imitação dos comportamentos de seus pais. A autora denomina esta forma de pensar de *Context – Specific Socialization* (socialização em um contexto específico), ou seja, a criança aprenderia as regras da sociedade no contexto específico familiar.

Sobre o processo de aprendizagem, a autora afirma que a criança aprende através de várias fontes e não apenas em um contexto específico. Dessa forma, expande o conceito de socialização infantil expondo que este é dependente do contexto em que a criança está inserida, assim ela aprende separadamente como comportar-se em casa e na escola, por exemplo. A importância das descobertas da autora é a inversão do foco na socialização infantil, uma vez que antes o foco era na interação familiar e a interação fora da família era algo secundário, Harris (1995), ao contrário, propõe que a interação com os pares traz mais elementos

para a formação da identidade da criança do que a interação parental, que passa a ser secundária.

Um dos temas centrais no trabalho da autora é a transmissão cultural. Anteriormente, acreditava-se que a cultura era transmitida de indivíduo para indivíduo, a criança aprendia a cultura através de seus pais, professores, outras crianças, e outras pessoas que participassem de seu convívio. Apesar de alguns pesquisadores terem apontado para a grande ênfase colocada no indivíduo pela Psicologia, pouco foi feito para mudar esta tendência. Harris percebeu isso mais claramente e propôs uma nova forma de entender como ocorre a transmissão cultural. De acordo com a sua teoria, a transmissão ocorre de grupo para grupo, ou seja, do grupo de pais para o grupo de crianças. Assim, ela não ignora a rede de informações que circula entre os pais sobre, por exemplo, como criar uma criança. No entanto, a transmissão cultural não ocorre diretamente, pois passa primeiro pelo filtro do grupo de crianças. Em outras palavras, a aprendizagem que ocorre através de seus pares é reflexo da aprendizagem que acontece entre grupo de pais e grupo de filhos.

Outro conceito importante para a *GS Theory* é o de personalidade. Personalidade consiste em um substrato inato que durante o desenvolvimento é construído e modificado pela influência ambiental. A personalidade tem dois componentes: um genético, que acompanha o indivíduo sempre; e, um ambiental, que é específico de cada contexto. O sistema de comportamento é aprendido de acordo com cada ambiente, mas o aspecto genético determina características que permanecem inalteradas em todos os contextos. Sendo assim, a personalidade modifica-se conforme o sistema de comportamento adotado para determinado

contexto, contudo as experiências em contextos diferentes tendem a manter uma certa consistência, o que leva à pequena variância no sistema de comportamento adotado e à estabilidade da personalidade.

Harris (1995), a partir de sua concepção de personalidade, aproxima duas condições que, a princípio, para a maioria dos pesquisadores sociais, eram vistas separadamente: a condição cultural e a biológica. Bussab e Ribeiro (1998) dizem que

> *"há mais do que um jogo de palavras na afirmação de que o homem é naturalmente cultural, ou ainda, de que a chave para a compreensão da natureza humana está na cultura e a chave para a da cultura está na natureza humana"* (p. 182).

Na condição humana, vemos os dois aspectos engendrados, não é possível pensar o ser humano apenas como organismo biológico ou apenas como ser social ou estabelecer um limite entre estes aspectos — até aonde vai o ser humano biológico e aonde começa o ser humano social. O ser humano é a interação entre estes aspectos, por isso Bussab e Ribeiro (1998) utilizaram para definir a nossa condição o termo *biologicamente cultural*.

Através das explicitações das principais teorias sobre a adolescência, podemos observar a mudança do paradigma da universalidade do estágio da adolescência para um outro, o da inserção sócio-cultural, demonstrando, então, que o período da adolescência não necessariamente deverá ser conflituoso. Além disso, os estudos mais atuais sobre esta etapa do desenvolvimento reconhecem que estes envolvem a interação do indivíduo com outros e com um contexto. Mas, apesar de os vários estudos e pesquisas neste campo, o estereótipo de uma

adolescência conturbada e de um adolescente rebelde, estabelecido inicialmente por Hall, ainda permeia a sociedade. Podemos dizer que

> *"o sensacionalismo presente em certos meios de comunicação generaliza toda a população adolescente, de traços inferidos a partir de certos fatos chamativos de algumas minorias, tais como a exagerada importância atribuída a manifestações superficiais de inconformismo, criando-se estereótipos sobre a tempestade adolescente. Estes podem levar a tornarem-se turbulentos muitos sujeitos, pelo único motivo das expectativas: por ser o que se espera do adolescente e o que se prognostica que vai ser. Assim como em outros âmbitos, a imagem e a expectativa sociais de um fato de conduta influem, por sua vez, na incitação e desenvolvimento do mesmo: é a profecia que se autocumpre"* (Cárdenas, 2000: 22).

Quapper (2001) chama a atenção para a visão adultocêntrica do adolescente, em que "*ser joven es llevar el estigma de una enfermedad que se cura con la edad"* (Reyes, 2001: 119), de outro modo, o adolescente é considerado completo apenas após a idade adulta, quando alcança, para a sociedade, a sua maturidade, independência, autodeterminação, responsabilidade, atividade sexual afetivamente adulta com a possibilidade de procriação e condição econômica de estabelecer uma família (Cárdenas, 2000).

Essa visão acarreta alguns problemas na compreensão do adolescente e do jovem. Em primeiro lugar, a sua expressão fica comprometida, já que não tem a mesma significância que a de um adulto. Muitos programas de intervenção para

a promoção de saúde direcionados ao adolescente e ao jovem, por exemplo, podem não alcançar os seus objetivos, posto que não os convidam para participar em sua criação. Os programas, em sua maioria, são criados por adultos que não compreendem claramente as necessidades dos adolescentes e dos jovens. É preciso que eles participem ativamente da criação desses programas, pois são eles que sabem as dificuldades que atravessam. Um outro problema que esta visão acarreta é a simplificação do conceito de adolescente. Erickson elaborou o conceito de moratória social em que afirma ser um prazo dado aos adolescentes e jovens a fim de lhes permitirem gozar de menor exigência enquanto completam a sua educação formal e alcançam a maturidade social e econômica (Gallintin, 1978) que, como dito anteriormente, vai ser mais bem observada após a Revolução Industrial e com a instituição do sistema educacional obrigatório e dos projetos de maternidade e da infância. Contudo, a adolescência não se restringe a esse prazo, ela não é apenas uma moratória social, um período de espera para chegar à idade adulta. Margulis (2001) propõe, de acordo com uma abordagem mais sócio-historicamente orientada, utilizar a palavra adolescência no plural, indicando que há mais de uma forma de viver a adolescência. Segundo ela, a adolescência

> *"se trata de uma condición historicamente construída y determinada, cuya caracterización depende de diferentes variables, siendo más notórias la diferenciación social, el gênero y la generación"* (p. 42).

A adolescência, então, deve ser entendida como um período e um processo psicossociológico de transição entre a infância e a fase adulta e que

depende das circunstâncias sociais e históricas para a formação do sujeito. Sendo assim, a adolescência é um período/processo em que o adolescente é convidado a participar, dinamicamente, da construção de um projeto seu, o seu projeto de vida. Neste processo, a identidade, a sexualidade, o grupo de amigos, os valores, a experiência e a experimentação de novos papéis tornam-se importantes nas relações do adolescente com o seu mundo. Nessa fase, o adolescente procura se definir por meio de suas atividades, de suas inclinações, de suas aspirações e de suas relações afetivas.

Como dito anteriormente, a inserção social é uma das variáveis importantes para o entendimento da adolescência e da construção da identidade do adolescente, por isso faremos algumas considerações sobre as diferenças entre o adolescente da cidade e do campo.

2.2 O Adolescente da Cidade e do Campo

O grupo social do qual o adolescente faz parte é muito importante para podermos entender melhor as suas idéias, os seus comportamentos, e as suas expectativas de futuro, já que é por meio do grupo social que se dá a estruturação das crenças e valores.

De acordo com os dados do IBGE (1999), o conjunto formado pelos jovens de 15 a 24 anos de idade, em sua maioria, reside em áreas urbanas das grandes regiões brasileiras. Os números mostram-nos que a tendência desde 1980 é claramente ascendente. Podemos observar que em 1980 existiam 69,8 %; em 1991, 75,7%; e, em 1996, 78,4% dos jovens residentes na zona urbana. Esse

fenômeno pode ser explicado pelas grandes correntes migratórias que ocorreram ao longo desse período, o que nos faz pensar sobre o jovem que se encontra no campo.

Ao falarmos do jovem que reside no campo, observamos que existe um estereótipo muito difundido: *"um muchacho campesino de 16 años analfabeto funcional, (...) e que trabaja en la agricultura familiar de subsistência"* (Durston, 2001: 101). Durston fez uma avaliação detalhada e mostra-nos que apesar de realmente existirem jovens que se enquadram nessa descrição, eles não são a maioria.

Sob o ponto de vista de viver para subsistência, este autor afirma que, em todos os países da América Latina, uma boa proporção de adolescentes e jovens está em lugares não pobres. No Brasil, de acordo com a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), em 1993 havia 56,7% de pessoas de 15 a 24 anos em áreas pobres e 43,3% em áreas não pobres. Entretanto, é preciso também avaliar a situação do indivíduo. No Brasil, em 1997, 80% de pessoas entre 15 a 24 anos que trabalhavam, eram consideradas pobres e 20% não pobres. Apesar de a diferença ser bastante alta, ela nos mostra que nem todos os adolescentes e jovens do campo são pobres (Durston, 2001).

Um outro ponto que é necessário salientar é que este estereótipo nos faz pensar no adolescente e jovem masculino, no entanto 45% destes são do sexo feminino. As adolescentes e as jovens têm realidades diferentes da dos adolescentes e jovens com necessidades e problemas próprios, o que ocorre também com a adolescente da cidade. Essas diferenças são tão significantes que a Organização Mundial da Saúde (2000) organizou um documento sobre o

adolescente e o jovem enfocando as diferenças de gênero para um melhor entendimento do seu desenvolvimento e para uma melhor atenção à sua saúde.

Sobre o analfabetismo é observado que existe uma grande diferença entre os países da América Latina, contudo podemos observar um padrão que se mantém constante: em todos os casos os jovens duplicam a educação obtida pelos seus pais. No Brasil, por exemplo, observamos que a média de anos de estudo dos pais é de dois anos, enquanto a média de estudo dos jovens de 20 a 24 anos é de 4,2 anos. Todavia, ao compararmos a área rural e urbana, ainda vemos uma discrepância muito grande no país. De acordo com os dados da CEPAL (1995), a média de jovens do sexo masculino entre 20 e 24 anos que têm o Ensino Médio completo na região urbana é de 23,4% e na região rural é de 5,9%; e das jovens do sexo feminino é de 30% e 7,4%, respectivamente (Durston, 2001). As oportunidades de ingresso em instituições de ensino superior são melhores nas regiões metropolitanas e este fato pode ser comprovado quando se observa a proporção bem mais favorável de mulheres de 15 a 24 anos estudantes que residem na região metropolitana (47,4%) comparada à média nacional 42,8%.

Um outro dado complementar a este é sobre a população ativa nesses dois lugares entre as idade de 15 e 19 anos. Em 1995, na região urbana, encontravam-se 63,4% de indivíduos do sexo masculino e 42,1% do sexo feminino ativos enquanto, na região rural, havia 87,1% de indivíduos do sexo masculino e 52% dos indivíduos do sexo feminino ativos.

Estes dados trazem-nos a diferença do que é viver no campo e na cidade. Na cidade, existem maiores possibilidades para o adolescente concluir o ensino

fundamental e continuar os estudos e fazer um curso superior. Um outro aspecto interessante que estes dados nos mostram é a diferença entre ser homem e ser mulher. Sobre este assunto, Durston (2001) explica que no campo

> *"los jóvenes varones de hogares poseedores de suficiente tierra tienen una tendência a dejar lios estudos antes, para trabajar con este recurso en conjunto con sus padres. Las muchachas rurales, en contraste, muestran una tendencia a estudiar más, ya que la educacion se perciebe como un canal de acceso a ocupaciones no-agrícolas, en una estrategia de vida en que el objetivo para muchas es no repetir la historia de sus madres campesinas"* (p. 103).

Este comportamento já vem sendo observado há algum tempo não só nas comunidades rurais, mas também nas classes mais empobrecidas na zona urbana. O homem precisa entrar cedo no mercado de trabalho para ajudar em casa, por isso assume funções que exigem apenas conhecimentos práticos e que são basicamente braçais. A mulher, ao contrário, continua a sua formação acadêmica e utiliza-a como uma forma de inserção no mercado de trabalho.

A diferença entre viver na cidade e no campo é marcante. Realmente, na cidade existem maiores possibilidades para o término dos estudos; no campo, há uma necessidade mais emergente para a entrada do adolescente e do jovem na atividade produtiva.

Como os números nos mostram, o campo e a cidade são dois mundos diferentes. Mas, os números dão-nos apenas uma parte dessa realidade, existe muito mais. O campo e a cidade têm desenvolvimentos históricos específicos, em

razão disso apresentam realidades diferentes, com os valores, as idéias de mundo, as crenças de cada uma dessas realidades também diferenciadas. É importante identificarmos isso e observar que

> *"as experiências acumuladas ao longo da trajetória de um grupo produzem esquemas de percepção, de pensamento e de ação que guiam os indivíduos assegurando-lhes a conformidade e a constância de certas práticas através do tempo"* (Sobrinho, 1998: 118).

São essas diferenças, uma dimensão fundamental a ser apreendida no processo de construção das representações sociais, sobretudo, quando se trata de compreender as particularidades que envolvem diferentes "leituras" de objetos socialmente compartilhados como o suicídio, por exemplo.

A seguir exporemos a Teoria das Representações Sociais, que é o referencial teórico utilizado neste estudo e as razões de sua utilização nesta pesquisa. Mas, antes, exporemos as principais perspectivas utilizadas até o momento para o estudo do suicídio.

Capítulo 3: Perspectivas de Estudo Sobre o Suicídio e A Teoria das Representações Sociais

Atualmente podemos dizer que o suicídio é um evento estudado por várias áreas, cada uma gerando diferentes perspectivas sobre o fenômeno. Haim Grünspun (1991) divide essas áreas em: Psiquiátrica, Psicológica e Psicossocial; já Rodriguez-Pullido et. al. (1990) em: Sociocultural, Psicanalítica e Biológica. Mas de uma forma geral, apesar da diferença na nomenclatura, os autores concordam entre si. Para um melhor entendimento nós as denominaremos de Biológica, Sociológica e Psicológica.

A perspectiva denominada Biológica é a perspectiva médico-psiquiátrica, que observa o suicídio como uma sintomatologia da loucura, como algo orgânico, tendo como base os fatores bioquímicos e fisiológicos. Entretanto, existem estudos que mostram pouco consenso sobre esta relação entre suicídio e doença mental. Melo (2000) faz um levantamento sobre as posições de alguns autores sobre o assunto. Neste estudo, demonstra que Goodwin & Runk (1992) acreditam que a maioria dos suicidas está doente mental no momento do ato, contudo não negam que existe uma certa diversidade conceitual entre os pesquisadores. Ao contrário, Hawton & Catalan (1987) afirmam que aqueles que tentam o suicídio não devem ser avaliados como doentes mentais.

Durkheim (2000/1897), em seu livro *O Suicídio*, fez um levantamento minucioso sobre o tema e desmontou esta relação. Para isso, ele delimitou quais estados mentais estão relacionados ao suicídio e verificou se esses são os únicos casos de suicídios ocorridos. Conforme, a pesquisa realizada, a sua conclusão é a

de que nenhum estado psicopático mantém com o suicídio uma relação regular e incontestável. De qualquer forma, a perspectiva biológica centra o evento no indivíduo, seja ele doente mental ou não.

A perspectiva psicológica, através de Freud, amplia o entendimento do suicídio para o núcleo familiar. No entanto, o suicídio também é tratado como algo individual pelos psicanalistas, de modo geral, uma vez que utilizam a dinâmica interna e os conflitos inconscientes como explicação para os fenômenos ocorridos com o indivíduo. Outras correntes de pensamento dentro da Psicologia também percebem este fenômeno como individual e pessoal, posto que é o sujeito, em sua individualidade, que sente, sofre e age. Grünspum (1991), apesar de chamá-la de abordagem psicossocial, considera a dinâmica psicológica como predominante, mesmo que vários fatores interfiram nessa dinâmica.

A terceira perspectiva mencionada é a Sociológica e baseia-se em dados estatísticos em que propõe o ambiente e sua dinâmica como fator fundamental para entendimento do suicídio. O início desta perspectiva deu-se com a obra de Durkheim, *O Suicídio*. Segundo ele, o suicídio pode ser observado como um fenômeno social, já que

> *"existe, para cada grupo social, uma tendência específica ao suicídio que não é explicada nem pela constituição orgânico-psíquica dos indivíduos nem pela natureza do meio físico. Disso resulta, por eliminação, que ela deve depender necessariamente de causas sociais e constituir por si mesma um fenômeno coletivo"* (2000: 165).

Todas essas abordagens procuram, de alguma forma, entender o fenômeno do suicídio, todavia, reduzem, apesar do esforço, o fenômeno de acordo com sua perspectiva. A abordagem biológica percebe o indivíduo através de marcadores bioquímicos, a abordagem psicológica coloca a sua ênfase no indivíduo e desconsidera os fatores ambientais como relevantes e a abordagem sociológica distancia o sofrimento que é muito palpável, concebendo-o em números. Neste estudo, estamos interessados tanto na abordagem social como na psicológica, mas não queremos reduzir o indivíduo a um ou a outro aspecto. Dessa maneira, propomo-nos a integrar o social e o indivíduo, sem uma preocupação excessiva pendendo para um dos lados. Por essa perspectiva de análise, enfocaremos a participação do indivíduo na construção de sua realidade ao mesmo tempo em que é construído por ela, percebendo o engendramento cotidiano desses fatores, o que caracteriza a abordagem psicossocial.

No âmbito da Psicologia Social, optamos pela Teoria das Representações Sociais, dado que

> *"as representações sociais têm ocupado um espaço importante e têm sido um instrumento fundamental para a compreensão da complexidade, das aparentes discrepâncias e dicotomias que surgem no processo de conhecimento de um dado fenômeno social, tendo como pressuposto fundamental o efeito do cotidiano em sua construção"* (Trindade, 1996).

Várias pesquisas têm sido realizadas utilizando essa teoria. Ordaz e Vala (1998), por exemplo, ao estudar os processos de objetivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita indicaram que era

necessário, para um entendimento completo desses processos, compreender o significado individual e social do suicídio, além de apreender os meios de comunicação como produtores de sentidos coletivos. Castro (1995), em sua pesquisa sobre as representações sociais da prostituição na cidade do Rio de Janeiro, na qual teve como sujeitos as prostitutas que trabalhavam no Mangue, zona de baixo meretrício daquela cidade, utilizou a Teoria das Representações Sociais como uma forma de alcançar uma abordagem psicossocial. Na pesquisa, ele mostrou que a construção da realidade daquelas mulheres ocorre por meio da participação delas e das influências do mundo a sua volta. Assim, a posição das prostitutas frente ao mundo dá-se de acordo com o engendramento desses fatores. Guareschi (1995), ao estudar a representação social de poder e autoridade da criança, também mostra que essas representações estruturam-se nas interações sociais vivenciadas. A partir disso, podemos apontar que as crianças sofrem a ação das representações sociais de poder e autoridade que circula no social como também agem na construção dessas representações.

A Teoria das Representações Sociais (TRS) surgiu no trabalho de Serge Moscovici intitulado *La psychanalyse son image et son public* (1978, 1961). No trabalho, Moscovici retrata *"o fenômeno de socialização da psicanálise, da sua apropriação pela população parisiense, do processo de sua transformação para servir a outros usos e funções sociais"* (Sá, 1993: 19).

Através deste trabalho, Moscovici apresenta uma nova forma de ver a Psicologia Social, sua intenção não era apenas criar uma teoria, mas redefinir os problemas e conceitos da Psicologia Social da época. As representações sociais são uma forma mais socialmente orientada do que a Psicologia Social da América

do Norte e da Grã-Bretanha. Estas últimas tinham uma tradição em ocupar-se basicamente dos fenômenos psicológicos individuais que eram influenciados pelo chamado social. Esta forma de tratar a Psicologia Social, para alguns, não conseguia abranger as relações cotidianas da vida humana e em um nível mais propriamente social ou coletivo (Sá, 1993: 20), além de tratar de forma unidirecional a influência do social sobre os indivíduos. Nesta outra forma de entender a Psicologia Social tanto os comportamentos individuais como os fatos sociais são apreendidos de acordo com seu contexto histórico. Também importam os conteúdos dos fenômenos sociais, e não os fenômenos em si.

As representações sociais são construídas por meio de conversas, leituras, entre outros, sendo assim, elas acontecem em qualquer lugar, em uma esquina, na mesa de bar, em uma feira, em uma festa, etc, e onde todos participam de alguma maneira para formar a teoria do senso comum. É importante ressaltar, aqui, que não há uma única teoria do senso comum, mas várias sob os mais diversos temas. Dessa forma, o que existe é uma sociedade pensante, que tem a sua própria lógica, que é diferente da lógica científica. Moscovici faz uma diferenciação do que são os pensamentos do senso comum e os pensamentos científicos. De acordo com ele, existem dois universos: o universo consensual e o universo reificado. No universo reificado,

> *"bastante circunscritos, é que produzem e circulam as ciências e o pensamento erudito em geral, com a sua objetividade, o seu rigor lógico e metodológico, sua teorização abstrata, sua compartimentalização em especialidades e sua estratificação hierárquica. Aos universos consensuais correspondem as*

> *atividades intelectuais da interação social cotidiana pelas quais são produzidas as Representações Sociais"* (Sá, 1993: 28).

Representar, para Moscovici, não significa reproduzir ou duplicar, representar significa mais do que isso, significa modificar, reconstituir. Em outras palavras, representar é participar ativamente do processo de construção da sociedade e de si. A Teoria das Representações Sociais devolve ao indivíduo a sua importância na formação do social e afirma a sua participação ativa (modifica, movimenta, concorda) e não passiva (meros receptores). Com isso, *"el individuo se constitue y constitue sus representaciones tambien constituye su mundo social y construye y reconstruye permanentemente su propia realidad social y su propia identidad personal"* (Banchs, 2000: 3.10).

Moscovici, ao apresentar a sua teoria, também não a conceituou com clareza. Isso provocou muitas críticas, mas a sua intenção era justamente não "fechar", e sim "abrir" o campo da psicologia social. Mais tarde, dando prosseguimento à tarefa de sistematização, Denise Jodelet estabeleceu uma definição sintética e sobre a qual parece existir um amplo acordo entre os estudiosos do assunto:

> *"As Representações Sociais são uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social"* (Jodelet apud Sá, 1993: 32).

A função das representações sociais é tornar familiar o não familiar, numa dinâmica em que o objeto é reconhecido e compreendido a partir de uma experiência anterior. Sendo assim,

> *"a memória predomina sobre a lógica, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo. O ato de representação transfere o que é estranho, perturbador do universo exterior para o interior, coloca-o em uma categoria e contextos conhecidos"* (Leme, 1993: 48).

Os processos formadores das representações sociais foram descritos como processos de objetivação e de ancoragem. A objetivação tem como função dar materialidade a um objeto abstrato, duplicar um sentido por um objeto. *"Como exemplo, lembra o fato de comparar Deus a um pai, o que faz com que a pessoa preencha a mente e desperte os sentimentos correspondentes"* (Leme, 1993: 49). O processo de ancoragem tem a função de dar um sentido inteligível dentro de um contexto. Moscovici em seu primeiro trabalho sobre a TRS exemplifica este processo na psicanálise, em que a terapia é uma estranha medicina sem remédios, mas ao mesmo tempo, assemelhada a uma confissão religiosa.

Jodelet apontou para a necessidade conceitual de abranger tanto os aspectos mentais como afetivos e avançar para uma concepção do ser humano essencialmente social. Dessa forma, hoje o estudo das Representações Sociais é orientado na dimensão do imaginário e do afetivo, superando a dicotomia entre cognição e emoção.

> *"Com a perspectiva de que a Representação Social é intrinsecamente carregada de afeto, a análise do processo de ancoragem e objetivação está sendo enriquecida com a participação da memória afetivo-emocional no pensamento de fundo, permitindo entender a participação do emocional no*

> *processo de idéias hegemônicas e vice-versa. Os afetos, induzidos pela reativação da memória emocional, colocam o sistema representacional num estado receptivo que lhe permita assimilar ou criar novos elementos que contribuam para sua expressão e transformação"* (Sawaia, 1993: 81).

Na ancoragem e na objetivação, é preciso decidir se o que está sendo avaliado é semelhante ou é diferente de um modelo e essa decisão não é neutra, *"ela implica uma atitude para com a pessoa ou coisa e um desejo de considerá-la normal ou desviante"* (Leme, 1993: 49). A participação dos afetos, sob esta perspectiva, é de grande importância para o maior entendimento das Representações Sociais, já que estes são os mediadores em sua constituição, ou seja, é através dos afetos que são constituídos os vínculos com os grupos, com as idéias e com a visão de mundo no indivíduo.

A TRS tem aproximadamente quarenta anos. Em seus primeiros dez anos permaneceu praticamente ignorada. Nos dez anos seguintes, foi nutrida por vários estudos e pesquisas sobre os mais diversos temas. Nos últimos vinte anos, maior foi o número de pesquisas feitas, o que conseguiu refinar a teoria em termos teórico-conceituais, discutir e aperfeiçoar os métodos utilizados e atualizar seus relacionamentos potenciais com outras abordagens do mesmo campo fenomenal. Além disso, também foi difundida para outros territórios e passou a ser alvo de críticas e questionamentos. Com esse aprofundamento nos estudos, observamos que a TRS vem possibilitando uma pluralidade metodológica na construção de objetos específicos de pesquisa. Isso ocorreu, também, devido à resistência de Moscovici em definir com precisão os termos teórico-conceituais, o que parece ter

tido como efeito *"impedir a cristalização prematura dos conjuntos operacionalizados de conceitos, hipóteses e técnicas de pesquisa que terminassem por constituir 'microteorias' autônomas em relação à 'grande teoria' "* (Sá, 1996: 8). Essa forma de operacionalizar a TRS permitiu construir abordagens complementares que proporcionam descrições mais detalhadas de certas estruturas, assim como de seu funcionamento, e que se mostram compatíveis com a teoria geral.

Neste estudo, utilizaremos duas dessas abordagens: a Teoria do Núcleo Central, que é desenvolvida em Aix em Provence por Jean Claude Abric e centra-se nos processos sócio-cognitivos com o estudo das estruturas das Representações Sociais; e a abordagem utilizada por Willem Doise, que é desenvolvida em Genebra, e tem uma ênfase mais sociológica, pois apresenta como objetivo estudar as condições de produção e circulação das Representações Sociais.

Jean Claude Abric, em suas pesquisas, tem como objetivo identificar as estruturas representacionais, procurando entender a constituição das representações sociais, o seu conteúdo e estrutura, para compreender, com isso, o seu funcionamento.

Abric propõe que as RS são organizadas em torno de um núcleo central, constituído de um ou mais elementos e que estes elementos organizam e dão significado às RS. Dessa forma, podemos observar que o núcleo central tem duas funções essenciais na estruturação e no funcionamento das RS, são eles:

> *"uma função **geradora**: ele é o elemento pelo qual se cria, ou se transforma, a significação dos outros elementos constitutivos da*

> *representação. É por eles que esses elementos tomam um sentido, um valor [e;] uma função* ***organizadora****: é o núcleo central que determina a natureza dos laços que unem entre si os elementos da representação. Ele é nesse sentido o elemento unificador e estabilizador da representação"* (Abric, 1998:31).

Além dessas funções, o núcleo central tem a propriedade de estabilidade, isto é, o núcleo central é o elemento mais estável de uma representação social. Essa propriedade assegura a continuidade das RS em contextos móveis e evolutivos. Os elementos do núcleo central são determinados pelas condições históricas, sociológicas e ideológicas e, por isso, são coletivamente partilhados e, portanto, mais resistentes a mudanças.

Em torno do núcleo central e como seu complemento indispensável, organizam-se os elementos periféricos que se constituem como a interface entre a realidade concreta e o sistema central, por isso são mais flexíveis e móveis. Tais elementos possuem três funções primordiais: (1) a função de concretização, que é a concretização do sistema central em termos de tomada de posições e conduta: os elementos periféricos possibilitam a interface entre a realidade e o núcleo central, dessa forma, também possibilitam a elaboração das RS e sua utilização em termos concretos, compreensíveis e transmissíveis. (2) A função de regulação e adaptação do sistema central às evoluções do contexto: os elementos centrais são estáveis e de difícil mudança, assim são os elementos periféricos que constituem o aspecto móvel e evolutivo das RS. (3) A última função é a função de defesa: os elementos periféricos funcionam como um sistema de defesa do núcleo central; já que, no caso de haver uma mudança dos elementos do núcleo central,

ocorrerá uma alteração completa da representação. Com isso, em caso de transformações da representação, estas acontecerão primeiramente nos elementos periféricos — mudança de ponderação, interpretações novas, integração condicional de elementos contraditórios. É no sistema periférico que poderão aparecer e ser toleradas contradições.

A Teoria do Núcleo Central permite-nos identificar, como dito anteriormente, a estrutura e o conteúdo das RS, entretanto observamos que, para tornar este estudo mais completo, seria interessante acrescentar a metodologia utilizada por Willem Doise (2000). O autor utiliza três hipóteses importantes para o estudo das RS:

> *"Uma primeira hipótese é que os diferentes membros de uma população estudada partilham efetivamente certas crenças comuns concernentes a uma dada relação social. As RS se constroem nas relações de comunicação que supõem referentes ou pontos de referência comum aos indivíduos ou grupos implicados nessas trocas simbólicas. Uma segunda hipótese refere-se à natureza das tomadas de posições individuais em relação a um campo de RS. A teoria das RS deve explicar como e porque os indivíduos diferenciam entre si nas relações que ele mantêm com essas representações. Isto implica que essas variações nas tomadas de posição individuais são organizadas de uma maneira sistemática. Uma terceira hipótese considera a ancoragem das tomadas de posição em outras realidades simbólicas e coletivas, como as hierarquias de valores, as percepções que os indivíduos constroem*

das relações entre grupos e categorias e as experiências sociais que eles compartilham com o outro" (p. 12).

Através dessas hipóteses, com o objetivo de integrar, em uma mesma análise, os modos de funcionamento da sociedade e do indivíduo, Doise diferencia a sua abordagem. Este autor procura entender não apenas a Representação Social de um grupo, mas como ela ocorre através da ancoragem e como essa ancoragem dá-se de diferentes maneiras permitindo diferentes posições.

Por meio de seus estudos, podemos compreender melhor a amplitude da sua proposta de trabalho. Atualmente, ele tem focado seus estudos sobre a Representação Social dos Direitos Humanos. Em sua pesquisa, participaram 38 nacionalidades diferentes (Doise, Clemence, et al. 1995) utilizando essas hipóteses. Na análise dos dados, o referido autor verificou a universalidade das questões sobre esse tópico, mas também observou que, de acordo com a história e com a ideologia de cada país, existem diferenças de posicionamento. Esse é um estudo minucioso, e que permite um melhor entendimento das questões que participam na construção das RS.

Utilizaremos, então, essas duas abordagens neste estudo, pois temos como objetivo compreender a estrutura e o conteúdo das RS, assim como compreender de que forma este tema é tratado pelos adolescentes, se existem diferenças dentro desta classe de sujeitos e como estas representações são ancoradas.

A partir dessas considerações o objetivo deste estudo é examinar, descrever e analisar os significados da adolescência e do suicídio entre

adolescentes, além de verificar as possíveis relações entre esses dois temas. Nossos objetivos específicos são:

1) Descrever e analisar as Representações Sociais de adolescência entre adolescentes;

2) Descrever e analisar as Representações Sociais de suicídio entre adolescentes;

3) Verificar as possíveis relações nas Representações Sociais de adolescência e suicídio;

4) Descrever e analisar as diferenças entre as Representações Sociais de suicídio e adolescência entre os adolescentes de acordo com a sua inserção sócio-cultural.

Capítulo 4: O Método

4.1 Os Sujeitos

Participaram deste estudo 360 sujeitos entre as idades de 14 anos e 23 anos que estivessem no Ensino Médio, sendo 180 (90 do sexo feminino e 90 do sexo masculino) que freqüentam uma escola particular de um bairro de classe média alta e alta na região Metropolitana do Estado do Espírito Santo e 180 (90 do sexo feminino e 90 do sexo masculino) que freqüentam uma escola pública da região Sul deste mesmo Estado.

Inicialmente havia sido determinado que a faixa etária dos sujeitos seria de 15 anos a 18 anos de idade, entretanto foi verificado que a faixa etária de alunos cursando o Ensino Médio era maior, assim sendo, decidiu-se que esses sujeitos também fossem incluídos na pesquisa.

4.2 As Escolas

A fim de alcançar o nosso objetivo, foram escolhidas duas escolas de Ensino Médio, uma localizada na cidade de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, e outra em uma cidade eminentemente rural na região Sul deste Estado.

Para um maior entendimento das realidades de cada escola, detalharemos a região em que estão localizadas, assim como daremos informações que consideramos relevantes a seu respeito. Vitória foi fundada oficialmente em 8 de

Setembro de 1551, por isso é a terceira capital mais antiga do Brasil. A cidade[5] é o centro da área metropolitana que tem 1.3 milhões de habitantes, o que representa aproximadamente 40% da população total do Estado do Espírito Santo. A área metropolitana corresponde economicamente a 60% da economia do estado. Vitória possui 292.304 habitantes, todos residentes em área urbana, possui uma área de 89 Km^2 em sua unidade territorial e apresenta um índice de alfabetização de 95,7%.

A escola selecionada desta cidade possui o Ensino Médio e localiza-se em um bairro considerado de classe média alta e classe alta. Dos 180 alunos que participaram deste estudo apenas quatro residem em bairros considerados de periferia, determinando assim que a maioria dos alunos contactados reside em bairros considerados de classe média, de classe média alta e classe alta.

A segunda escola localiza-se em um distrito de uma cidade da região Sul do Estado, que fica a aproximadamente 60 Km de Cachoeiro de Itapemirim, cidade mais significativa da região em dimensão, urbanização e área industrial. A cidade em questão possui uma unidade territorial de 776 km^2 e tem uma população de 31.714 habitantes, sendo 19.741 residentes de região urbana e 11.973 residentes de região rural. A principal fonte econômica da cidade está vinculada ao plantio do café e o índice de alfabetização da cidade é de 83.8%.

A escola contactada é uma escola agrotécnica federal que, ao final do curso, permite aos estudantes trabalharem em conformidade com o CREA (Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia), elaborando e acompanhando os projetos dentro da área de agropecuária. O curso possui quatro anos de

[5] As informações sobre as cidades e sobre o Estado foram retiradas dos dados do IBGE de 2000.

duração e ensina os principais tipos de cultura que uma fazenda pode ter: agricultura, bovinocultura, suinocultura, avicultura e piscicultura dulcícola, além de cursos complementares, como climatologia, infra-estrutura, gestão, produção agroindustrial e zootecnia. Por suas características, a escola recebe, em sua maioria, alunos vinculados a atividades rurais. Dos que participaram da pesquisa, a grande maioria reside em cidades ou em localidades próximas, apenas três alunos são originalmente da região Metropolitana e onze vieram de Cachoeiro de Itapemirim.

4.3 Material e Instrumentos

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário. O uso do questionário tem sido um importante auxiliar nas pesquisas das áreas das ciências sociais, posto que permite ser aplicado em um grande número de pessoas, em um tempo relativamente curto e envolve poucos recursos.

O questionário[6] utilizado foi dividido em três partes: a primeira parte consta de dados pessoais, a segunda tem como objetivo investigar o que os sujeitos pensam a respeito da adolescência e a última investigar o que eles pensam a respeito do suicídio. As duas últimas partes foram elaboradas com uma questão utilizando a técnica de associação livre e cinco questões utilizando perguntas abertas. Foram utilizadas duas perguntas abertas para a primeira parte e três para a segunda.

[6] O questionário encontra-se no anexo IV

A utilização da técnica de associação livre, considerada por Abric (1994 apud Sá, 1996: 119) como *"uma técnica maior para coletar os elementos constitutivos do conteúdo de uma representação",* consiste em se pedir aos sujeitos que, a partir de um termo indutor apresentado pelo pesquisador, escrevam as palavras ou expressões que lhes tenham vindo à mente.

Segundo Abric (1994 apud Sá, 119: 1996), esse método é vantajoso, pois tem um

> *"caráter espontâneo – portanto menos controlado – e a dimensão projetiva dessa produção deveria, portanto permitir o acesso, muito mais facilmente e rapidamente do que uma entrevista, aos elementos que constituem o universo semântico do termo ou do objeto estudado. A associação livre permite a atualização de elementos implícitos ou latentes que seriam perdidos ou mascarados nas produções discursivas"*.

As questões abertas também foram utilizadas para obter um maior número de informações sobre as RS dos sujeitos sobre o tema em estudo. Estas questões possibilitam ao sujeito configurar o seu pensamento e dar um sentido a ele, já que lhe dá a liberdade para expressar-se. As perguntas abertas também possibilitam a contextualização da RS o que permite, conseqüentemente, ir além da configuração da estrutura das RS atribuindo um sentido a ela.

4.4 Procedimento de Coleta de Dados

Foi feito, após o questionário pronto, primeiramente, o preenchimento do questionário com dezesseis adolescentes (oito de escolas públicas e oito de escolas particulares) como pré-teste para sabermos o tempo de preenchimento e se as perguntas deixavam alguma dúvida. Em seguida ao pré-teste, algumas modificações foram feitas e o instrumento foi ajustado de acordo com a população que seria estudada. A aplicação definitiva ocorreu em Outubro e Novembro de 2001.

Foi mantido o contato com as escolas através do Diretor ou Orientador Educacional e entregue uma carta[7] com os objetivos da pesquisa e com a explicação dos procedimentos necessários. Posteriormente, foi assinado um termo de permissão[8] para a coleta de dados. A aplicação dos questionários foi realizada dentro da sala de aula de forma coletiva. Antes da aplicação foram dadas as explicações necessárias sobre o objetivo da pesquisa e sobre o questionário, quais foram:

"A Universidade Federal do Espírito Santo via o Programa de Pós-Graduação em Psicologia está realizando uma pesquisa sobre o suicídio e a adolescência. O que gostaríamos de saber é o que vocês pensam sobre esses dois assuntos. Não se preocupem se a sua resposta está certa ou errada, pois não existe resposta certa ou errada, apenas a sua opinião. Vocês vão preencher um questionário, por favor, respondam a todas as perguntas".

[7] A carta entregue à escola encontra-se no anexo IV.
[8] O termo de permissão encontra-se no anexo V.

Foi esclarecido, também, que era decisão do estudante participar ou não da pesquisa, entretanto todos se mostraram disponíveis a participar.

Na escola da região Metropolitana a aplicação foi realizada na última aula nas classes do primeiro e de segundo anos do Ensino Médio; na escola agrotécnica a aplicação foi realizada na primeira parte das aulas e todas as séries do Ensino Médio participaram da pesquisa. O tempo médio de aplicação do questionário foi de vinte minutos, incluindo a explicação e o preenchimento do questionário pelos estudantes. Na primeira escola citada acima, foi necessária a participação de um auxiliar de pesquisa que foi devidamente treinado para a execução de tal atividade.

4.5. Procedimento de Organização e Análise dos Dados

Para a análise dos dados obtidos através da entrevista, foram utilizados os programas de computador ALCESTE e EVOC. O ALCESTE (*Analyse Lexicale par Contexte d'um Ensemble de Segments de Texte*) realiza uma análise de dados textuais através da análise estatística, com o objetivo de descobrir a informação essencial do texto. Após a análise estatística, é feita uma análise qualitativa dos dados para extrair o sentido atribuído ao discurso. O EVOC (*Ensemble de Programmes Permettant L'Analyse dês Évocations*) permite a realização de uma análise das evocações, uma vez que fornece dados para o reconhecimento da estrutura das representações sociais.

O ALCESTE foi elaborado por Max Reinert, no Centro de Cálculos de Toulouse, e realiza de maneira automática a análise de diálogos, entrevistas,

romances, auto-relatos etc. A abordagem proposta por Reinert (1990) emerge da análise lingüística e propõe a definição de unidade de contexto. Apesar de este autor considerar ambígua a noção de contexto, procura defini-la no quadro lingüístico ou em um *corpus* (texto) finito dado.

Reinert (1990) considera um *corpus* o objeto de estudo do pesquisador, ou seja, aquilo que é de interesse de pesquisa, um texto transcrito ou já escrito, mas no qual há hipóteses a serem verificadas.

Uma proposição ou um enunciado ensina-nos alguma coisa sobre o que é ou o que não é para alguém. O enunciado mede a noção de idéias de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Mas uma idéia não é simplesmente ligada à representação de um objeto, ela é constituída de acordo com a maneira pela qual o sujeito a apresenta em função de sua própria história de vida e em função de sua dimensão de mundo. Sendo assim, Reinert (1990) afirma que o traço do locutor no enunciado é resultado de uma interferência entre duas entidades: o mundo e si mesmo. Apenas nessa dupla referência é que uma idéia pode adquirir *corpus*.

Mais recentemente, o programa ALCESTE tem sido usado em pesquisas da área da Psicologia Social e associado à Teoria das Representações Sociais com grande êxito (Naiff, 1999; Ribeiro, 2000). Os resultados obtidos demonstram que este programa consegue destacar os componentes estruturais de uma representação social.

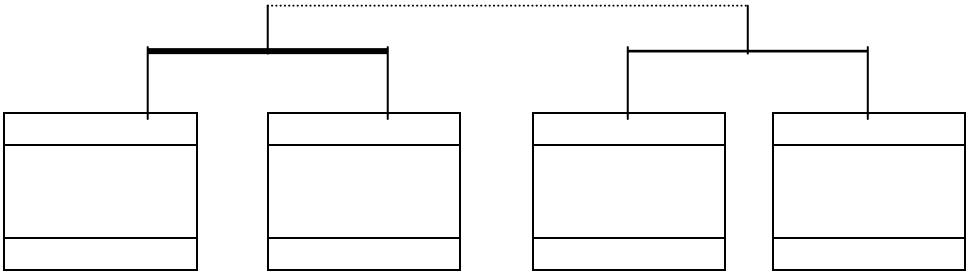
Na análise do *corpus*, o programa ALCESTE reconhece as UCIs, que são as divisões naturais do *corpus* (capítulos de livros, respostas a questões abertas, entre outras) e, posteriormente, divide-as e classifica-as em Unidades de Contexto

Elementar (UCE). Essas UCEs constituem-se de segmentos de texto na maior parte das vezes do tamanho de três linhas. Para Reinert (1990), é mais interessante uma decomposição da UCI de forma menos rígida e rigorosa como o parágrafo, por exemplo, sendo assim definiu para a decomposição em UCEs o tamanho e a pontuação. Cada UCE é constituída de enunciados lingüísticos, definidos como proposições e frases, nos quais o pensamento é anunciado.

O programa ALCESTE distingue as unidades de contexto e os contextos-tipo, em que as unidades de contexto referem-se ao desenvolvimento de uma palavra dentro de um texto e o contexto-tipo corresponde a regularidade das unidades de contexto. O texto estudado é representado por uma matriz de duas entradas. Em linhas, são colocadas as unidades de contexto e, em coluna, o vocabulário retido. A matriz compõe-se de um e zero, indicando a presença ou a ausência de uma palavra dentro de uma unidade de contexto.

A análise estatística efetuada consiste em uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD) destinada a calcular as partições em classes lexicais e a apresentar suas posições sob forma de uma árvore (dendograma). O dendograma, que está apresentado na Figura 01, possibilita verificar a ligação entre as classes (forte ou fraca) e a representatividade de cada classe dentro do *corpus*. Cada classe é composta de várias UCEs em função de uma classificação segundo a sua distribuição nos vocabulários. Em um segundo momento, efetua uma Análise Fatorial de Correspondência (AFC) que permite a visualização das posições das classes resultantes da CDH e das posições das variáveis relevantes, por meio do plano fatorial.

Figura 01: Dendograma



As análises estatísticas são feitas em quatro etapas (A,B,C e D). São elas:

- Etapa A: Nesta etapa, o programa prepara o *corpus*, reconhece as UCI, faz uma primeira fragmentação do texto, agrupa as ocorrências das palavras e suas raízes e procede ao cálculo da freqüência destas formas reduzidas.
- Etapa B: Nesta etapa, as UCEs são classificadas em função dos seus respectivos vocabulários e o conjunto das UCEs é repartido em função das freqüências das formas reduzidas. A partir das matrizes criando formas reduzidas e UCE, variando o tamanho destas, aplica-se o método de CHD e obtém-se uma classificação definitiva.
- Etapa C: O programa, nesta etapa, executa os cálculos complementares para cada uma das classes obtidas na etapa precedente. Esta etapa fornece resultados que nos permite descrever as classes obtidas, pois relaciona os seus vocabulários característicos e as variáveis mais significantes por classe. A partir desses resultados é realizada, também nesta etapa, a Análise Fatorial de Correspondência.
- Etapa D: Esta etapa é um prolongamento da etapa anterior, uma vez que, com base nas classes de UCE escolhidas, o programa calcula e fornece às UCEs mais características de cada classe, permitindo a contextualização do vocabulário típico de cada classe. Esta etapa fornece, também, os

resultados do tratamento de segmentos repetidos nas UCEs e a exportação destas para outros programas de informática.

O outro programa utilizado nesta pesquisa é o EVOC, que possibilita a análise das palavras evocadas a partir de um termo indutor. Tal análise dá-se em função de dois critérios, a freqüência e a ordem de evocação. A combinação destes dois critérios permite o levantamento daqueles elementos que mais provavelmente se associam ao termo indutor e, conseqüentemente, também permite o levantamento da organização interna das representações sociais associadas a este termo.

Os resultados são apresentados em quadrantes organizados em dois eixos (figura 02), sendo que o eixo vertical corresponde à freqüência de evocação das palavras e o eixo horizontal à ordem de evocação.

Ribeiro (2000) explica de forma bastante simples a disposição dos quatro quadrantes:

> *"O primeiro quadrante corresponde aos elementos que são primeiramente evocados e com uma freqüência significativamente mais elevada em relação às palavras ou expressões associadas ao termo indutor. Esses elementos são os mais relevantes e, portanto, indicadores do provável núcleo central da representação. O segundo e terceiro quadrantes correspondem aos elementos menos salientes na estrutura da representação, porém significativos em sua organização. Esses quadrantes referem-se à periferia próxima, ou seja, correspondem aos prováveis elementos constitutivos do sistema periférico. O quarto quadrante apresenta*

os elementos menos freqüentes e menos prontamente evocados, correspondendo assim à periferia distante ou segunda periferia. Esses elementos estão ligados aos aspectos mais individuais do sujeito" (p. 71).

Figura 02: Tabela em que são apresentados os elementos da representação dos sujeitos, em função da freqüência e ordem média de evocação.

	ORDEM MÉDIA DE EVOCAÇÃO	
FREQÜÊNCIA	1º Quadrante Núcleo Central	2º Quadrante Sistema Periférico ou Periferia Próxima
	3º Quadrante Sistema Periférico ou Periferia Próxima	4º Quadrante Periferia Distante

Com o resultado da análise das evocações, pode-se realizar uma nova análise, chamada de *Análise de Similitude*, através do programa EVOC, que tem acoplado o programa SIMI. Primeiramente, os dados são organizados em categorias de forma que todos os elementos possam ser colocados em uma das categorias e que um mesmo elemento só possa pertencer a uma categoria. Depois de feito isso, realiza-se, então, a análise de similitude entre as categorias. Esta análise permite visualizar, através de um gráfico chamado árvore máxima, se há relação entre as categorias e se esta relação é forte ou fraca. As relações são representadas por quatro classes, são elas: linha pontilhada, linha simples, linha dupla e linha tripla, sendo a linha pontilhada a relação mais fraca e a linha tripla a mais forte. Existem três tipos diferentes de configuração para a árvore máxima: *"a estrela, em torno de uma noção que se liga a muitas outras; o triângulo, que liga*

três noções duas a duas; e o ciclo, que liga mais de três noções" (Sá, 1996: 130). A estrela é, obviamente, a estrutura que evidencia de forma mais flagrante a existência de um elemento organizador, central, ou mesmo mais de um.

A análise de similitude foi introduzida no campo das representações sociais por Claude Flament, com a participação de Vergés e Degenne nos anos 70, mesma ocasião da configuração da Teoria do Núcleo Central. Com isso, a análise de similitude tornou-se a principal técnica de detecção do grau de conexidade dos diversos elementos de uma representação (Sá, 1996). Tal análise tem os seguintes pressupostos:

> *"uma representação é um conjunto de cognemas organizado por múltiplas relações; essas relações podem ser orientadas (implicações, causalidade, hierarquia...) ou simétricas (equivalência, semelhança, antagonismo...), mas todos podem se degradar em uma relação simétrica traduzindo a idéia de 'ir junto'; essa relação, em geral, não é transitiva: se A vai com B por certas razões, e B com C por outras razões, pode bem ser que A e C não tenham nenhuma relação para ir junto"* (Sá, 1996: 132).

Neste estudo foi utilizado o programa ALCESTE para a análise das perguntas abertas e o programa EVOC para a análise das respostas de associação livre. A partir disto, procuramos aliar o rigor do tratamento quantitativo feito pelos programas ALCESTE e EVOC à interpretação qualitativa. Contudo, é importante ressaltar que a interpretação qualitativa não esgota, absolutamente, os sentidos contidos nas expressões objetivadas pela escrita.

Capítulo 5: Resultados e Discussão

Exporemos agora os resultados da primeira parte do questionário que tem como objetivo caracterizar a população estudada. Utilizaremos a nomenclatura de sujeito da capital para os sujeitos que freqüentam a escola localizada na capital (Vitória) e a de sujeitos do interior para os sujeitos que freqüentam a escola localizada na região Sul do Estado. Posteriormente, seguindo as hipóteses de Willem Doise exporemos os resultados da análise textual. Os três níveis de análise serão apresentados neste capítulo.

5.1 Caracterização dos Sujeitos

Os sujeitos da capital que participaram desse estudo encontram-se na faixa etária de 14 a 19 anos e os do interior na faixa etária de 14 a 23 anos.

Figura 03: Distribuição dos sujeitos de acordo com a escolaridade do pai (n=360).

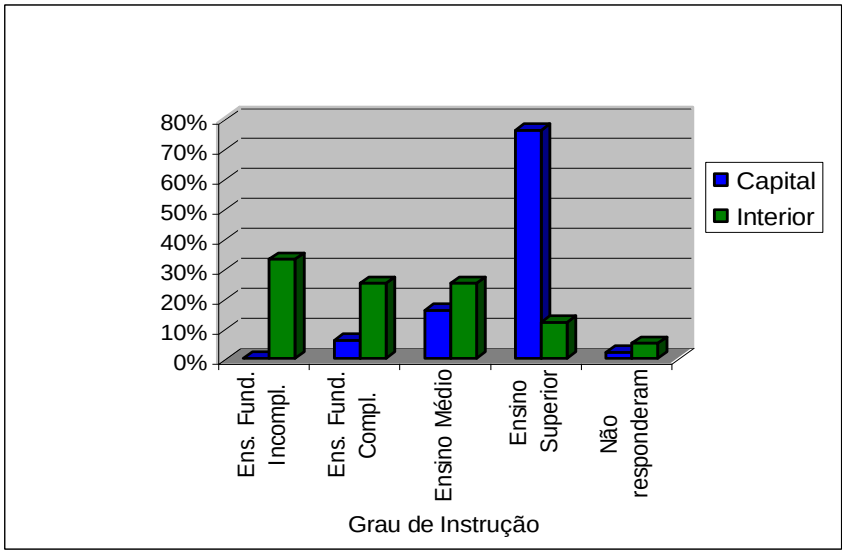
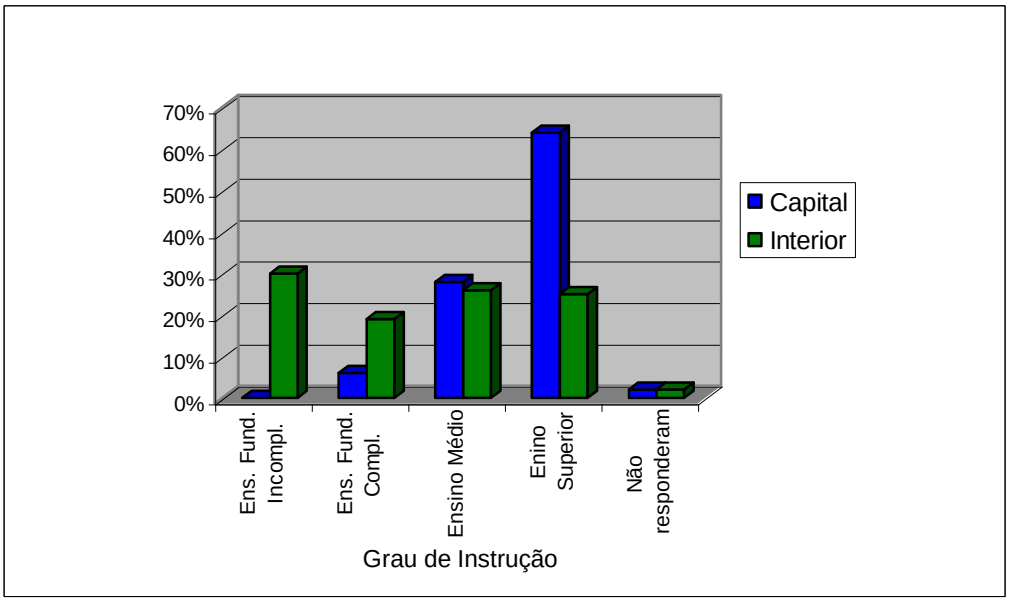


Figura 04: Distribuição dos sujeitos de acordo com a escolaridade da mãe (n=360).



Na Figura 03, observamos que a maioria dos pais dos sujeitos da capital (75,55%) possui o Ensino Superior completo, enquanto apenas 5% dos pais dos sujeitos do interior têm esse mesmo nível de escolaridade. Para os pais dos sujeitos do interior, observamos maior freqüência (33,33%) no nível de escolaridade de Ensino Fundamental incompleto. Estes pais também apresentam um número expressivo (24,44%) para os níveis de Ensino Fundamental e Ensino Médio completo.

Na Figura 04, observamos que 64,44% das mães dos sujeitos da capital e que 24,44% das mães dos sujeitos do interior têm o Ensino Superior. O número de mães com o Ensino Médio completo é parecido para os dois grupos (27,77% são mães dos sujeitos da capital e 25,55% são mães dos sujeitos do interior). Para o nível de Ensino Fundamental incompleto verificamos apenas as mães dos sujeitos do interior, sendo que a maior freqüência de respostas encontra-se neste nível de escolaridade (29,44%).

Os dados não mostram grandes diferenças entre os dois grupos em relação à situação profissional paterna, pois a expressiva maioria dos pais encontra-se trabalhando no momento (93,88%, para os pais dos sujeitos da capital; e, 81,11%, para os pais dos sujeitos do interior). Entretanto, existem diferenças entre os dois grupos em relação à situação profissional materna em que 76,11% das mães dos sujeitos da capital e 55% das mães dos sujeitos do interior estão no mercado de trabalho e 16,11% das mães dos sujeitos da capital têm como função os serviços domésticos com 38,33% das mães do outro grupo exercendo a mesma atividade.

5.2 As Três Hipóteses: Os Três Níveis de Análise

Os resultados obtidos permitiram-nos identificar e analisar as RS dos adolescentes sobre suicídio e a sua relação com a adolescência. Como dito anteriormente, exporemos os dados utilizando a metodologia de Doise. Primeiramente, será apresentada a análise de todos os sujeitos, visando à explicitação do campo comum das RS dos sujeitos. Posteriormente, a análise dos dados será apresentada considerando os grupos em separado, para podermos reconhecer as diferenças existentes entre as posições de cada grupo. Por último, será apresentada a ancoragem das RS. Procuramos demonstrar que a tomada de posição ocorre de acordo com um sistema de representações no qual se incluem crenças, avaliações e normas sociais.

A análise do *corpus* total pelo programa ALCESTE apresentou duas classes, como se esperava. Analisamos, então, o *corpus* dividido em dois. Essa divisão deu-se de acordo com o instrumento: a primeira parte procura investigar o

que os sujeitos pensam a respeito da adolescência e a segunda o que eles pensam a respeito do suicídio. O pressuposto que se sustenta ao dividir o instrumento dessa forma é procurar entender o que é tão significativo e importante para os adolescentes e o que, de acordo com eles, leva uma pessoa ao suicídio para podermos, então, relacionar os dois temas.

5.2.1 Representação Social de Adolescentes sobre a Adolescência

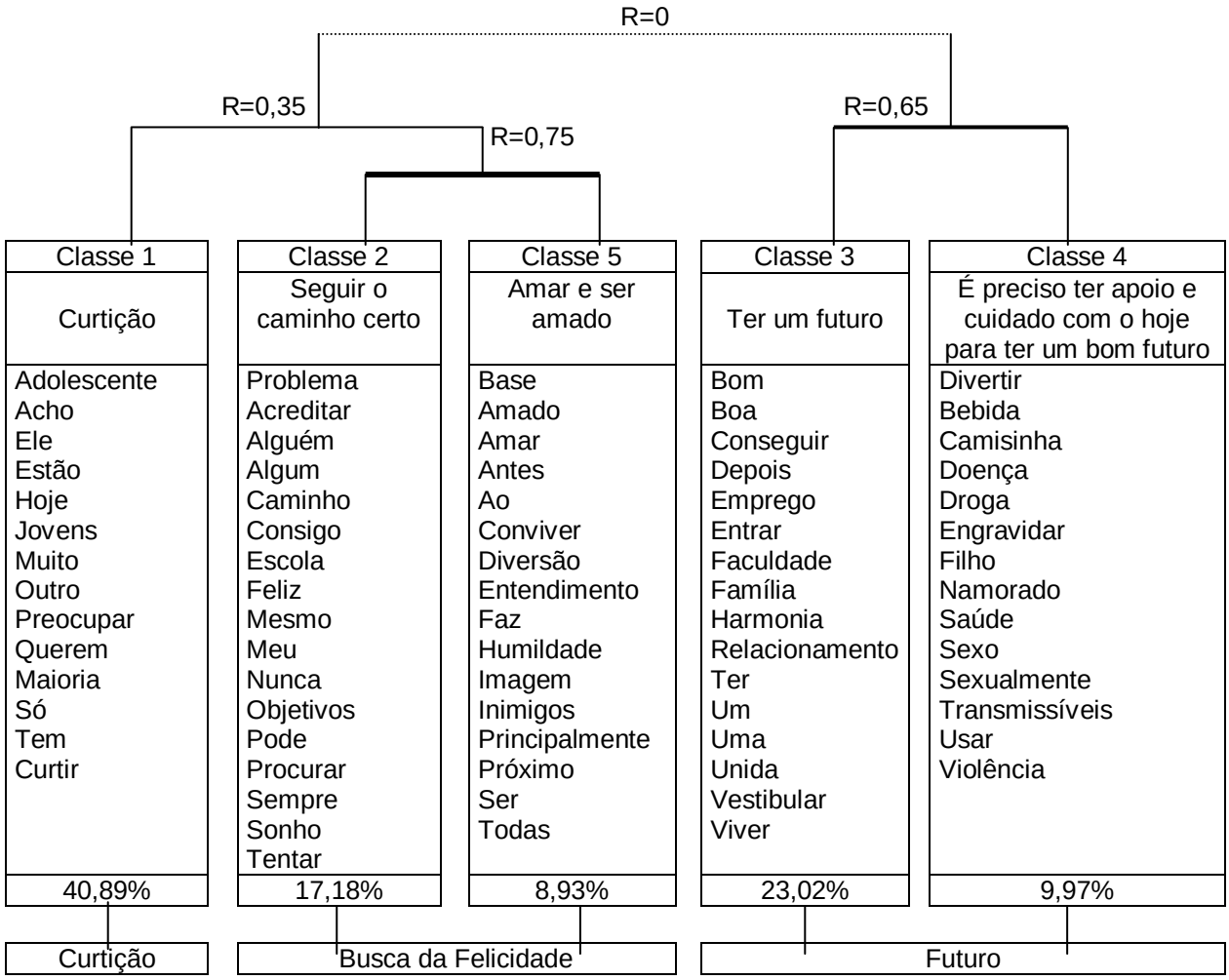
5.2.1.1 Primeiro Nível: O Campo Comum das RS de Adolescência

A) Análise das questões abertas pelo ALCESTE

A análise do *corpus* correspondente às questões sobre adolescência apresentou cinco classes. A Figura 3 demonstra essas classes e a relação existente entre elas.

Como apresenta a Figura 05, a análise das questões abertas sobre adolescência indicou três grandes eixos na organização da RS sobre a adolescência: *Curtição, Busca da Felicidade* e *Futuro*. Observamos que existe uma forte relação entre as classes 2 e 5 (R= 0,75) e entre as classes 3 e 4 (R= 0,65). A classe 1 corresponde a um eixo que tem uma relação, ainda que mais fraca (R = 0,35) com o eixo *Busca da Felicidade.*

Figura 05: Estrutura do *corpus* das questões abertas sobre a adolescência (n=360).



O primeiro eixo (*Curtição*) corresponde ao discurso de que o adolescente e o jovem estão preocupados apenas com o presente e não com o seu futuro em relação ao trabalho e ao estudo. Esse presente significa estar com os amigos e divertir-se, significa saber qual vai ser o "rock"[9] do dia. Esse discurso está muito vinculado ao estereótipo de adolescente rebelde e confuso e que não consegue diferenciar entre o certo e o errado e, por isso, muitas vezes segue o caminho

[9] A expressão "rock" é utilizada pelos adolescentes e jovens com o significado de diversão, curtição, acontecimento. Ex.: Qual vai ser o rock hoje? Significa: Qual vai ser a curtição hoje? Qual vai ser o acontecimento hoje?

errado. É interessante ressaltar que a maioria das falas emitidas (40,89%) está configurada nesta classe. Abaixo seguem algumas falas encontradas nos questionários respondidos pelos sujeitos.

"Muitos adolescentes não querem saber de escola, querem apenas sair à noite".

"Os jovens e adolescentes de hoje estão muito divididos, alguns estão pensando no seu futuro, mas a maioria só quer saber de curtição".

"Muitos adolescentes se preocupam em curtir uma balada chocante, e o que é chocante? São bebidas, cigarros, pensam em ficar[10] com muitos sem se preocupar com os riscos".

"Muitas vezes os jovens e adolescentes não se preocupam muito com o futuro, o que importa para eles neste momento é a liberdade. Pois é muito difícil você encontram um adolescente que se preocupa com o seu futuro e sim se importa com o agora e não com o amanhã, no que será deles".

"Na verdade é difícil citar preocupações, pois os jovens de hoje tem uma cabeça muito diferenciada dos outros, uns pensam de uma maneira digamos que correta, outros só querem saber de droga, sexo e rock and roll".

O segundo eixo corresponde à preocupação em ser feliz e de como alcançar essa felicidade. O discurso dos sujeitos indica-nos que existem, para eles, duas formas de alcançar esse objetivo. A classe 2 representa o discurso de *seguir o caminho certo*, ou seja, é preciso para isso gostar de si, gostar dos outros, acreditar e ter força de vontade para alcançar os seus objetivos.

[10] O verbo ficar é utilizado como sinônimo de um namoro rápido, em que em um período curto, que pode ser o tempo de duração de uma festa ou de um show, por exemplo, é permitido comportar-se como namorada e namorado. O limite de intimidade é determinado pelos envolvidos.

“Ter bons e verdadeiros amigos, ter pessoas que gostem de mim, me sair bem no que faço, realizar meus sonhos, correr atrás dos meus objetivos”.

“Conhecer a si mesmo, buscar sempre Deus para aliviar as dores do mundo e sempre acreditar que existem pessoas com problemas mais graves que o seu”.

“Ter fé em Deus e esquecer das coisas ruins, tentar praticar sempre o bem, acreditar em si próprio e não o que vem dos outros, procurar se divertir com os amigos, mas nunca esquecendo de seus afazeres”.

“Uma família amorosa, uma vida estruturada, boa aceitação no meio que vive, bom desempenho na escola e trabalho e bons amigos”.

“Penso em como será sua vida quando for adulto, o que você quer fazer da vida, qual profissão seguir, se será feliz, terei dinheiro, qual será meu caráter”.

A classe 5 *Amar e ser amado* apresenta que a questão do reconhecimento do adolescente como pessoa é de grande importância para o alcance da felicidade. Para esses sujeitos, o reconhecimento significa também amor. Amor que só é obtido caso consiga amar.

“Acreditar em Deus, ter apoio para se sentir seguro, não necessariamente da família e se possível amar e ser amado. Buscar ser humilde também”.

“Principalmente se sentir amado, pois se a pessoa não sente isso, ela começa a afundar na vida”.

“Ter muito amor ao próximo e ser amado principalmente”.

“Não ir pela idéias de ninguém como entrar na vida de violência, drogas, etc. Ser simpática com as pessoas e amar o próximo”.

“O medo de não ser aceito”.

Nesse eixo há, também, a presença do discurso da Igreja. Isso pode ser observado pelo modo como lidam com a vida: *é preciso amar ao próximo como a ti mesmo e a Deus acima de todas as coisas* (Novo Testamento). Além disso, observamos a necessidade de alguns adolescentes em sustentar a sua vida em torno da fé na Igreja, visto que é por meio dela que conseguem as forças necessárias para poder seguir no caminho certo e também é por meio dela que conseguem ser amados.

O terceiro eixo refere-se à preocupação que os adolescentes mantêm com o *Futuro*. A classe 3 apresenta seu discurso organizado em torno da preocupação em ter um futuro, ou seja, em ter um bom emprego, em conseguir entrar em uma faculdade, ter uma família e viver em harmonia. Abaixo estão algumas falas desses adolescentes.

“Viver em paz com a vida e com todos em geral, viver em harmonia e ter senso de humor. Passar no vestibular, entrar numa faculdade, iniciando uma vida adulta e a partir daí se tornar independente e mais responsável”.

“Ter família, uma boa educação, bons estudos, um bom emprego e fazer aquilo que gosta. Em conseguir passar no vestibular, recursos para pagar uma faculdade e como conseguir emprego”.

“*Em passar no vestibular, ser alguém na vida, tentar melhorar a situação econômica da família, arrumar um emprego depois que sair da faculdade*”.

“Ter uma família bem estruturada, um bom emprego, uma boa segurança diante do mundo, minha família em geral ligada a Deus, sentir-me capaz e em paz a cada dia que passa”.

“Ter Jesus no coração em primeiro lugar. Preocupações de não conseguir no futuro ter um emprego adequado”.

A classe 4 foi nomeada *É preciso ter apoio e cuidado com o hoje para ter um bom futuro*, e corresponde justamente às preocupações que o adolescente confere ao presente, posto que o presente está cercado de problemas e de caminhos errados como: drogas, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis e violência. Nesse sentido, o adolescente precisa ter cuidado e, mais do que isso, necessita do apoio das pessoas que o cercam para poder seguir o caminho certo. Sendo assim, de acordo com as palavras dos sujeitos, as preocupações são:

“Ter saúde, educação, bons pais e boas companhias, segurança, etc. As doenças sexualmente transmissíveis, escolha do futuro, profissão, estudos, violência, etc”.
“Um ambiente familiar bom, calmo, uma educação boa. O sexo sem camisinha, drogas, violência, a preocupação quando se tem muita liberdade”.

“A violência e a facilidade de usar drogas, também as doenças transmitidas sexualmente e a possível geração de um filho em uma relação irresponsável”.

“Procurar não se estressar e não arrumar confusão, além de estudar e não ter muita preocupação. O estudo, livrar-se das drogas, além do vestibular”.

“Não engravidar antes de completar os estudos e usar camisinha”.

“Ter o suficiente para viver confortavelmente, ter pessoas amigas para nos apoiar, ter alguém especial que se importe com você. A procura do primeiro emprego já que muitas pessoas hesitam em empregar pessoas sem experiência, os estudos, outros problemas que surgem com a falta de responsabilidade, como por exemplo, a gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis”.

B) Análise das questões de evocação pelo EVOC

Primeiramente, será apresentado o resultado analisado das questões de evocação pelo EVOC com o objetivo de fazer o levantamento da organização interna das representações. Os resultados serão apresentados em uma tabela de quatro quadrantes organizados em dois eixos como explicado anteriormente. O eixo vertical corresponde à freqüência de evocação das palavras e o eixo horizontal à ordem de evocação. Posteriormente, será apresentado o resultado da Análise de Similitude.

Tabela 01: Elementos da representação dos sujeitos sobre a adolescência, em função da freqüência e ordem média de evocação (n=360).

		Ordem Média de Evocação			
		Inferior a 2,8		**Superior a 2,8**	
FREQUÊNCIA	**Acima ou igual a 31**	47 - Alegria	2,74	46 - Amizade	3,45
		35 - Descobertas	2,68	51 - Diversão	3,02
		41 - Liberdade	2,36	44 - Drogas	2,86
		31 - Problemas	2,67	36 - Estudo	3,19
		46 - Responsabilidade	2,76	48 - Festas	3,16
				45 - Namoro	3,64
				54 - Sexo	3,31
	Abaixo de 31	20 - Amadurecimento	2,60	26 - Amor	3,96
		16 - Complicado	2,06	12 - Bagunça	3,08
		13 - Fase	2,30	18 - Curiosidade	3,50
		24 - Felicidade	2,54	20 - Curtição	2,90
		12 - Imaturidade	1,91	21 - Dúvidas	3,04
		28 - Irresponsabilidade	2,67	24 - Futuro	3,16
		21 - Juventude	2,28	13 - Mulher	3,30
		27 - Mudança	2,33	17 - Preocupação	4,05
		29 - Rebeldia	2,17	16 - Rock	3,18
		23 - Vida	2,73		

Nº total de evocações = 1719
Nº total de palavras diferentes = 414

A partir da análise das evocações podemos observar na tabela 01 que os possíveis elementos que organizam a RS de adolescência são: *alegria, descobertas, liberdade, problemas* e *responsabilidade*. Esse resultado mostra-nos que o adolescente enxerga a adolescência como um período de descobertas, de maior liberdade, mas também um período em que existem problemas que precisam ser resolvidos. Nesse período, também aumenta a responsabilidade devido a esses outros elementos citados. A *alegria*, como elemento mais freqüente e com a maior média de evocação, é um elemento importante na configuração da RS de adolescência. Ela nos aponta para um adolescente feliz, para um adolescente sempre disposto a participar com os amigos de brincadeiras e de festas, para um adolescente um tanto quanto agitado e que está sempre em busca de algo para divertir-se.

Para obtermos uma melhor elaboração dos dados, foi feita a análise de similitude entre os elementos evocados pelos adolescentes. Para isso, foi necessário, primeiro, organizar os dados em categorias. As categorias encontradas encontram-se no quadro 01.

Quadro 01: Relação das categorias e exemplos de palavras relacionadas às categorias

Categorias	**Exemplo de Palavras Relacionadas às Categorias**
Saúde	Academia, conhecer seu corpo, cuidados.
Liberdade	Desejo de liberdade, liberal, liberdade, livre.
Curtição	Lazer, alegria, diversão, sair, noite, ficar, rock, risadas.
Delinqüência	Malandro, mal-educado, vandalismo, violência, intolerantes, indisciplinado, inconseqüentes.
Futuro	Faculdade, esperança, expectativa, emprego, profissão, procura de objetivos, sonhos.
Transição	Fase, fase de crescimento, transformação, transição.
Relacionamento Afetivo	Relacionamento, sexo, namoro, mulher-homem, amor, amizade, família.
Fase Difícil	Aborrecimento, complicado, dificuldades, problemas, conflito, confuso.
Fase Boa	Fase boa, melhor fase, nunca devia acabar, pena que passa.
Atributos Positivos	Bom, capaz, caráter, coragem, disposição, esperto, responsabilidade.

Depois de feita a categorização das palavras, o programa EVOC analisa-as estatisticamente para verificar a sua qualidade como categoria. Os números no quadro a seguir significam: na primeira coluna (Número de Palavras), o número de palavras diferentes que constituíram cada categoria; e, na terceira coluna (Freqüência), indica o número total de citações do conjunto de palavras que constituíram a categoria. A quinta coluna (Palavras mais Freqüentes) tem como base de cálculo a terceira coluna e indica o somatório do número de citações das

palavras utilizadas com maior freqüência e nos mostra a consistência interna de cada categoria. Quanto mais alto o valor encontrado, maior é a sua consistência.

Quadro 02: Distribuição dos elementos de evocação dos sujeitos sobre a adolescência entre as categorias de acordo com o número de palavras, a freqüência e as palavras mais freqüentes (n=360).

Categorias	Número de palavras	%	Freqüência	%	Palavras mais freqüentes	%
Saúde	13	3,1	36	2,1	16	44,4
Liberdade	13	3,1	56	3,3	41	73,2
Curtição	71	17,1	355	20,7	259	73,0
Delinqüência	79	19,1	245	14,3	156	63,7
Futuro	52	12,6	191	11,1	115	60,2
Transição	53	12,8	239	13,9	186	77,8
Relacionamento Afetivo	30	7,2	220	12,8	195	88,6
Fase Difícil	44	10,6	173	10,1	127	73,4
Fase Boa	17	4,1	58	3,4	38	65,5
Atributos Positivos	38	9,2	141	8,2	83	58,9
Total	414	-	1719	-	1216	-

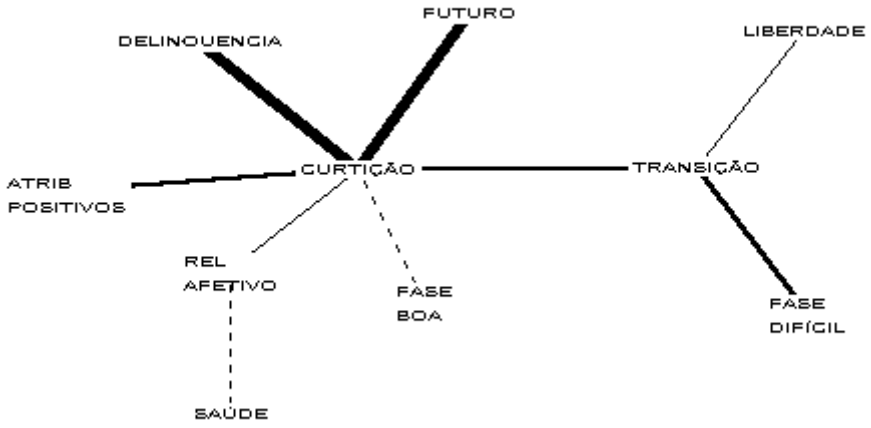
De acordo com a quinta coluna do quadro 02, podemos verificar que as categorias têm uma qualidade interna, pois são constituídas por palavras com alta freqüência. Apenas a categoria *Saúde* apresentou um índice baixo, sendo seus elementos citados, em sua maioria, apenas uma vez, entretanto permanecemos com essa categoria, visto que os elementos relacionavam-se entre si e não se relacionavam com as outras categorias já construídas.

A partir do resultado obtido, podemos fazer a análise de similitude entre as categorias. Esta análise, como explicitado anteriormente, permite, pelo gráfico da árvore máxima, a visualização da relação entre as categorias.

Na Figura 06 verificamos dois eixos que estão conectados, o eixo *Curtição* e o eixo *Transição*. Podemos observar que o primeiro eixo está relacionado com mais força à *Delinqüência* e *Futuro* (linha tripla), seguido de *Atributos Positivos*

(linha dupla), *Relacionamento Afetivo* (linha simples) e *Fase Boa* (linha pontilhada). A categoria *Saúde* está relacionada à categoria *Relacionamento Afetivo* com pouca força (linha pontilhada). Esta configuração apresenta-se em concordância com a análise pelo ALCESTE das questões abertas. Podemos observar que a *Curtição* é parte importante do ser adolescente, ela corresponde aos *Relacionamentos Afetivos* (namoro, ficar, estar com amigos) e é uma *Fase Boa.* No entanto, o adolescente precisa ser responsável e ter bom caráter para que a *Curtição* não o leve a perder-se na *Delinqüência.*

Figura 06: Gráfico de análise de similitude das categorias relacionadas à adolescência (n=360).



O outro eixo que este gráfico mostra indica uma visão mais estereotipada do adolescente. Este se encontra em uma fase de *Transição* para uma *Liberdade* maior e esta transição é algo *Difícil*, relembrando a definição de Hall para a adolescência de Tempestade e Tormenta.

5.2.1.2 Segundo Nível: Diferenciações Grupais

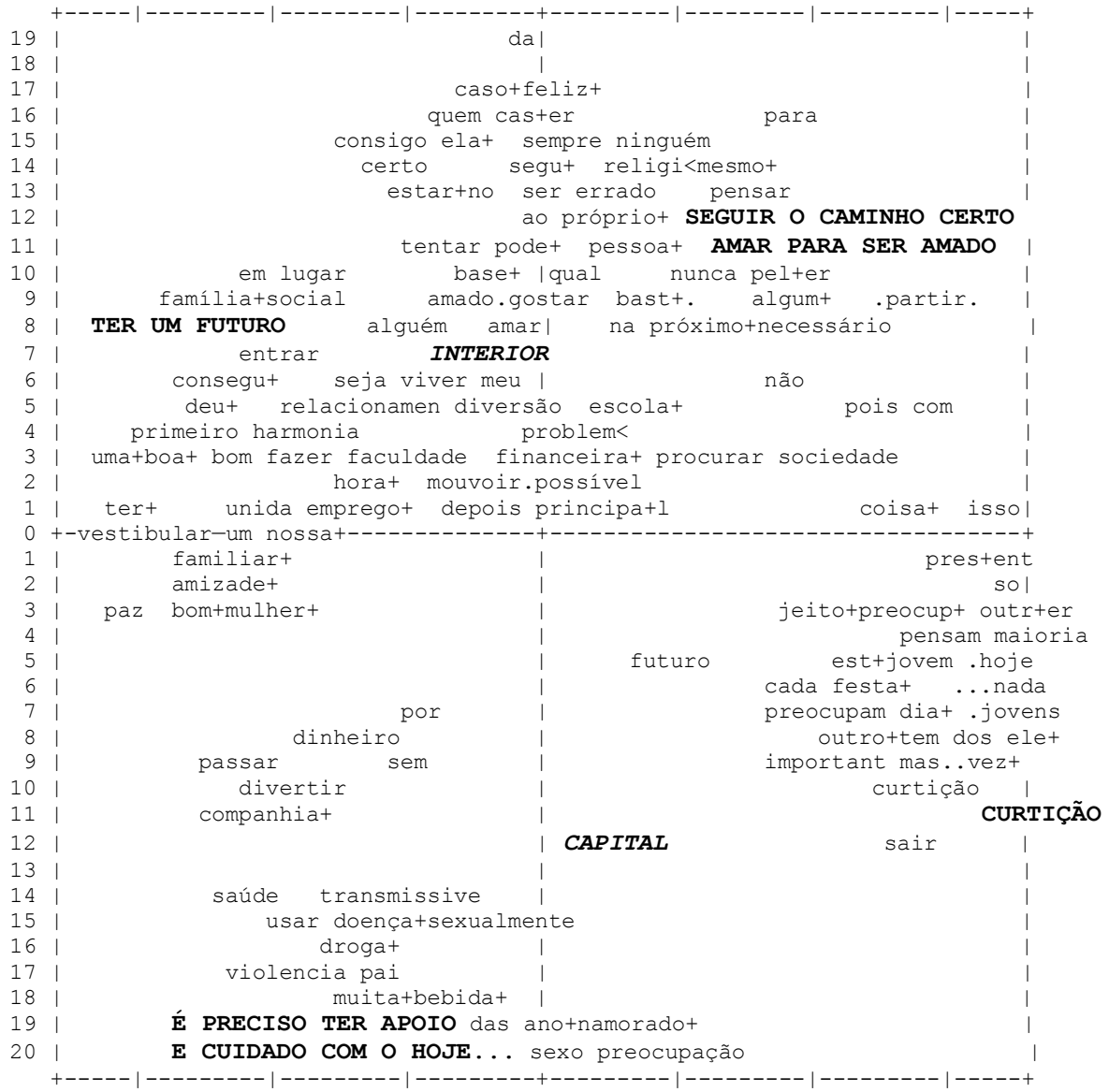
Este nível de análise permite a verificação da existência de diferenças na organização das RS dos adolescentes sobre a adolescência. Utilizaremos a análise fatorial de correspondência para verificar se existem diferenças entre os grupos e, posteriormente, analisaremos as palavras das questões de evocação de acordo com essa diferença.

A) Análise fatorial de correspondência realizada pelo ALCESTE

A análise fatorial de correspondência permite cruzar os eixos encontrados constituídos pelas palavras principais com as variáveis pesquisadas. Neste estudo as variáveis analisadas foram sexo, localidade de moradia, situação civil parental, escolaridade parental e situação profissional parental. A variável de maior significância e ao redor da qual se agrupam discursos distintos é a variável localidade de moradia.

Como dito anteriormente, diversas variáveis participam na construção da adolescência e o gênero é uma variável muito importante. Contudo, esta variável não se mostrou significante para os dois temas pesquisados neste estudo: a adolescência e o suicídio.

Figura 07: Projeção fatorial das questões abertas sobre a adolescência (n=360).



Obs: as classes encontram-se grafadas em negrito e a variável em negrito e itálico.

A Figura 07 nos permite visualizar que existem dois discursos diferentes, um mais relacionado aos adolescentes que residem na capital e outro relacionado aos adolescentes que residem no interior. O discurso dos primeiros apresentam maior expressividade na classe *Curtiçã*o e *É preciso ter apoio e cuidado com o hoje para ter um bom futuro*. Dessa forma, esses adolescentes têm maior possibilidade de vivenciar a curtição, namorar, divertir-se, ir a festas, sair com

amigos, entretanto a curtição possui alguns perigos como a gravidez precoce, as drogas, as doenças sexualmente transmissíveis. São, justamente, esses os perigos com os quais se deve tomar cuidado; caso contrário, o adolescente pode prejudicar o futuro por ele idealizado. Contudo, o cuidado em si não é suficiente, é necessário também o conselho e o apoio de pessoas mais experientes, como os pais, ou de importância afetiva, como os amigos, para passar as experiências vividas.

O discurso dos adolescentes que residem no interior está mais relacionado às classes S*eguir o caminho certo, Amar* e *ser amado e Ter um futuro*. A partir disso, podemos dizer que esses adolescentes têm como objetivo um bom futuro; mas para alcançar tal objetivo, precisam ser bons, responsáveis, trabalhadores, humildes, além de amar e serem amados. Para esses adolescentes, as regras são claras e por isso eles têm bem definido o que é o caminho certo e o caminho errado para alcançar o seu objetivo.

B) Análise das palavras de evocação de acordo com a localidade de moradia

A análise anterior permitiu verificar que a variável relevante para a construção da RS de adolescência é o local de moradia; a partir disso, realizamos a análise das questões de evocação de acordo com este parâmetro. Serão apresentados, primeiro, os resultados da análise das evocações e análise de similitude dos adolescentes da capital e depois dos adolescentes do interior.

B.1) Adolescentes da capital

A partir da associação livre dos adolescentes da capital, como mostra a tabela 02, surgem os seguintes elementos que provavelmente constituem o núcleo central da RS de adolescência: *alegria, juventude, liberdade, problemas*. Estes elementos e os elementos da periferia corroboram, de certa forma, a análise fatorial, posto que as palavras mais citadas são sobre alegria, curtição, festas, liberdade, porém também são sobre problemas, complicação e drogas.

Tabela 02: Elementos da representação dos sujeitos da capital sobre a adolescência, em função da freqüência e da ordem média de evocação (n=180).

		Ordem Média de Evocação			
		Inferior a 2,7		**Superior a 2,7**	
FREQÜÊNCIA	**Acima ou igual a 16**	27 - Alegria	2,66	29 - Amizade	3,20
		19 - Juventude	2,21	17 - Descobertas	2,76
		23 - Liberdade	2,43	32 - Diversão	3,09
		20 - Problemas	2,65	24 - Drogas	2,91
				18 - Estudo	3,22
				33 - Festas	3,00
				22 - Namoro	3,86
				26 - Responsabilidade	2,88
				35 - Sexo	3,05
	Abaixo de 16	08 - Complicado	1,62	09 - Amadurecimento	3,44
		14 - Felicidade	2,35	15 - Amor	4,40
		15 - Rebeldia	2,20	09 - Conflito	2,88
		15 - Vida	2,40	10 - Curiosidade	4,20
				13 - Curtição	3,07
				09 - Escola	3,88
				10 - Irresponsabilidade	2,80
				14 - Mudanças	2,71
				09 - Mulher	3,22
				13 - Rock	3,23

Nº total de evocações = 885
Nº total de palavras diferentes = 252

Para a realização da análise de similitude, foram encontradas as mesmas categorias que as utilizadas para análise do grupo inteiro: *Saúde, Liberdade, Curtição, Delinqüência, Futuro, Transição, Relacionamento Afetivo, Fase Difícil,*

Fase Boa, Atributos Positivos. Essa categorização, como podemos verificar no quadro 03, também mostrou ter qualidade interna com exceção da categoria *Saúde*, que apresentou o índice zero, por ter seus elementos citados em sua maioria apenas uma vez.

Quadro 03: Distribuição dos elementos de evocação dos sujeitos da capital sobre a adolescência entre as categorias, de acordo com o número de palavras, a freqüência e as palavras mais freqüentes (n=180).

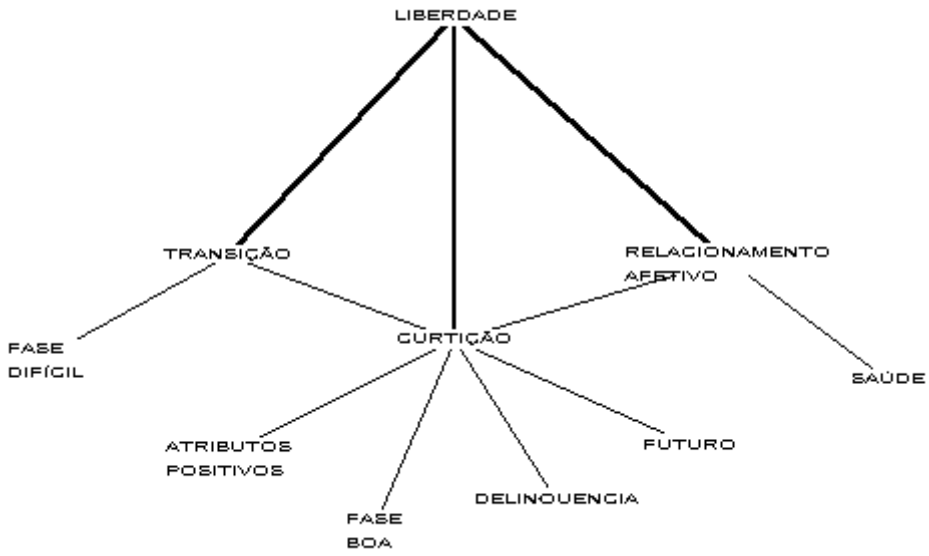
Categorias	Número de palavras	%	Freqüência	%	Palavras mais freqüentes	%
Saúde	8	3,2	13	1,5	-	-
Liberdade	3	1,2	25	2,8	23	92,0
Curtição	49	19,4	222	25,1	162	73,0
Delinqüência	38	15,1	104	11,8	61	58,7
Futuro	29	11,5	81	9,2	39	48,1
Transição	35	13,9	120	13,6	71	59,2
Relacionamento Afetivo	34	13,5	150	16,9	110	73,3
Fase Difícil	24	9,5	77	8,7	49	63,3
Fase Boa	8	3,2	27	3,1	15	55,6
Atributos Positivos	23	9,1	65	7,3	36	55,4
Total	252	-	885	-	566	-

O resultado da análise de similitude desses sujeitos apresenta-se diferente da análise feita com todos os sujeitos. Ao observarmos a Figura 08 não vemos uma configuração de estrela como a anterior, vemos um ciclo com quatro categorias ligadas duas a duas. De acordo com a relação existente entre elas podemos verificar três eixos nos quais todos têm a categoria *Liberdade* como idéia comum. A categoria *Liberdade* está conectada às demais por uma linha dupla. Observamos que a *Curtição* em uma relação mais fraca (linha simples) também mantém relações em todos os eixos.

No primeiro eixo *Liberdade – Transição*, constatamos a mesma lógica que no segundo eixo da Figura 06, isto é, a imagem estereotipada de adolescência de ser uma fase tumultuada e difícil. No segundo eixo *Liberdade – Curtição* também

observamos a mesma lógica que no primeiro eixo da Figura 06; todavia, a esse sentido soma-se a categoria *Liberdade*. O terceiro eixo *Liberdade – Relacionamento Afetivo* demonstra-nos a importância que o relacionamento com pessoas significantes tem para esses sujeitos, chegando mesmo a estar relacionado com a *Saúde*.

Figura 08: Gráfico de análise de similitude das categorias relacionadas à adolescência (n=180).



B.2) Adolescentes do interior

Na tabela 03 observamos os resultados da análise das evocações dos sujeitos que apresentam os seguintes elementos que provavelmente constituem o núcleo central da RS de adolescência: *alegria, liberdade, rebeldia, responsabilidade*. Para este grupo observamos que, além da alegria e da liberdade, aparecem as palavras responsabilidade e rebeldia com uma freqüência e uma ordem de evocação alta. O que nos esclarece que para esses sujeitos a

adolescência também é um período de responsabilidades e não apenas de curtição. A palavra rebeldia aparece e contrapõe-se à palavra responsabilidade, visto que caracteriza o adolescente como um indivíduo que precisa ser “domado” para assumir as suas responsabilidades e, futuramente tornar-se um adulto.

Tabela 03: Elementos da representação dos sujeitos do interior sobre a adolescência, em função da freqüência e da ordem média de evocação (n=180).

		Ordem Média de Evocação			
		Inferior a 2,9		Superior a 2,9	
FREQÜÊNCIA	**Acima ou igual a 19**	25 - Alegria	2,88	25 - Drogas	3,00
		14 - Liberdade	2,08	19 - Estudo	3,36
		20 - Rebeldia	2,35	22 - Festas	3,36
		25 - Responsabilidade	2,84	23 - Namoro	3,78
				33 - Sexo	3,06
	Abaixo de 19	12 - Amadurecimento	2,50	18 - Amizade	3,88
		09 - Complicado	2,11	11 - Amor	4,63
		18 - Diversão	2,61	09 - Curiosidade	3,33
		11 - Dúvida	2,63	12 - Curtição	2,91
		07 - Fase	1,71	10 - Descobertas	3,40
		12 - Felicidade	2,50	07 - Esporte	5,28
		06 - Indecisão	2,66	11 - Futuro	3,18
		06 - Insegurança	2,66	17 - Irresponsabilidade	3,00
		14 - Juventude	2,14	08 - Preocupação	3,62
		07 - Medo	2,57		
		14 - Mudança	2,21		
		08 - Mulher	2,87		
		15 - Problemas	2,40		
		10 - Rock	2,50		
		13 - Vida	2,53		

Nº total de evocações = 860
Nº total de palavras diferentes = 292

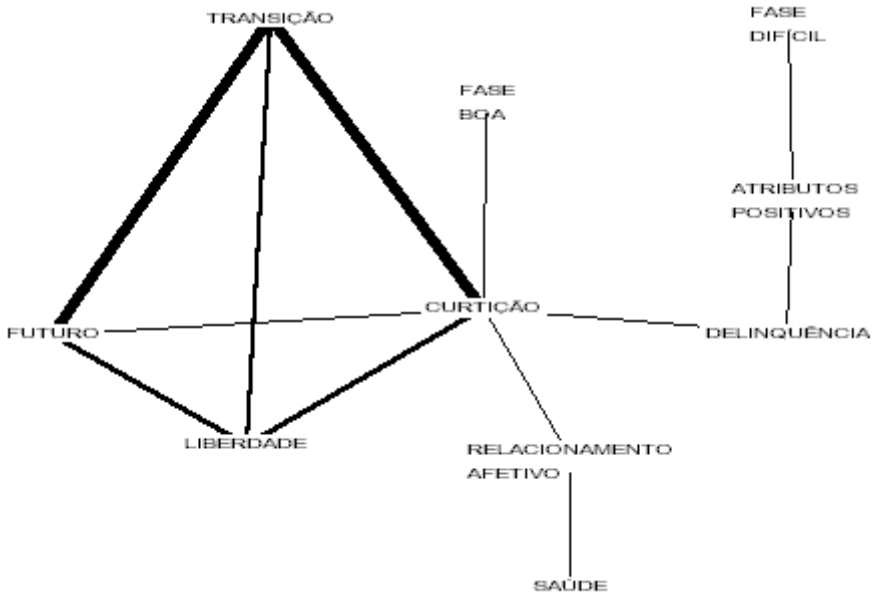
Para a realização da análise de similitude, também foram utilizadas as mesmas categorias utilizadas anteriormente, como indica o quadro 04. Estas também obtiveram um índice de qualidade interno adequado. A categoria *Saúde* apresentou um índice menor, posto que os elementos citados não o foram com grande freqüência, o mesmo ocorre para a categoria fase difícil para este grupo.

Quadro 04: Distribuição dos elementos de evocação dos sujeitos do interior sobre a adolescência entre as categorias, de acordo com o número de palavras, a freqüência e as palavras mais freqüentes (n=180).

Categorias	Número de palavras	%	Freqüência	%	Palavras mais freqüentes	%
Saúde	8	2,7	14	1,6	5	35,7
Liberdade	4	1,4	27	3,1	24	88,9
Curtição	43	14,7	161	18,7	112	69,6
Delinqüência	62	21,2	139	16,2	72	51,8
Futuro	41	14,0	120	14,0	71	59,2
Transição	36	12,3	103	12,0	57	55,3
Relacionamento Afetivo	18	6,2	110	12,8	93	84,5
Fase Difícil	38	13,0	88	10,2	31	35,2
Fase Boa	12	4,1	31	3,6	18	58,1
Atributos Positivos	28	9,6	65	7,6	34	52,3
Total	292	-	860	-	517	-

O gráfico da árvore máxima (figura 09) apresenta-nos uma configuração diferente das duas anteriores, como era esperado.

Figura 09: Gráfico de análise de similitude das categorias relacionadas à adolescência (n=180).



Na Figura 09, observamos que a categoria *Transição* está conectada às categorias *Futuro* e *Curtição* por uma linha tripla e à categoria *Liberdade* por uma

linha dupla e que a categoria *Liberdade* está relacionada às outras categorias por uma linha dupla. Das outras ligações que constam no gráfico, todas são feitas por linhas simples.

A partir dessa configuração, observamos que a categoria *Transição* é o elemento central e que isso permeia a idéia do que é a adolescência. Para esses sujeitos, eles se encontram no período de transição para uma vida adulta, uma vez que o futuro, para eles, está próximo, já que para a maioria, este encontra-se após o término do Ensino Médio, do qual saem como profissionais. Esse período de transição envolve maior liberdade e curtição. O elemento curtição também está relacionado a *Relacionamento Afetivo, Fase Boa* e *Delinqüência*, como nos gráficos anteriores. A diferença está que *Delinqüência* liga-se diretamente a A*tributos Positivos* que, por sua vez, está relacionado à *Fase Difícil.* Isso nos demonstra que esses adolescentes percebem a adolescência como uma fase difícil e por isso é preciso ser uma boa pessoa, ser responsável e ter um bom caráter para evitar a delinqüência. Também indica-nos que a relação *Atributos Positivos* e *Delinqüência*, para esses sujeitos é mais forte e clara.

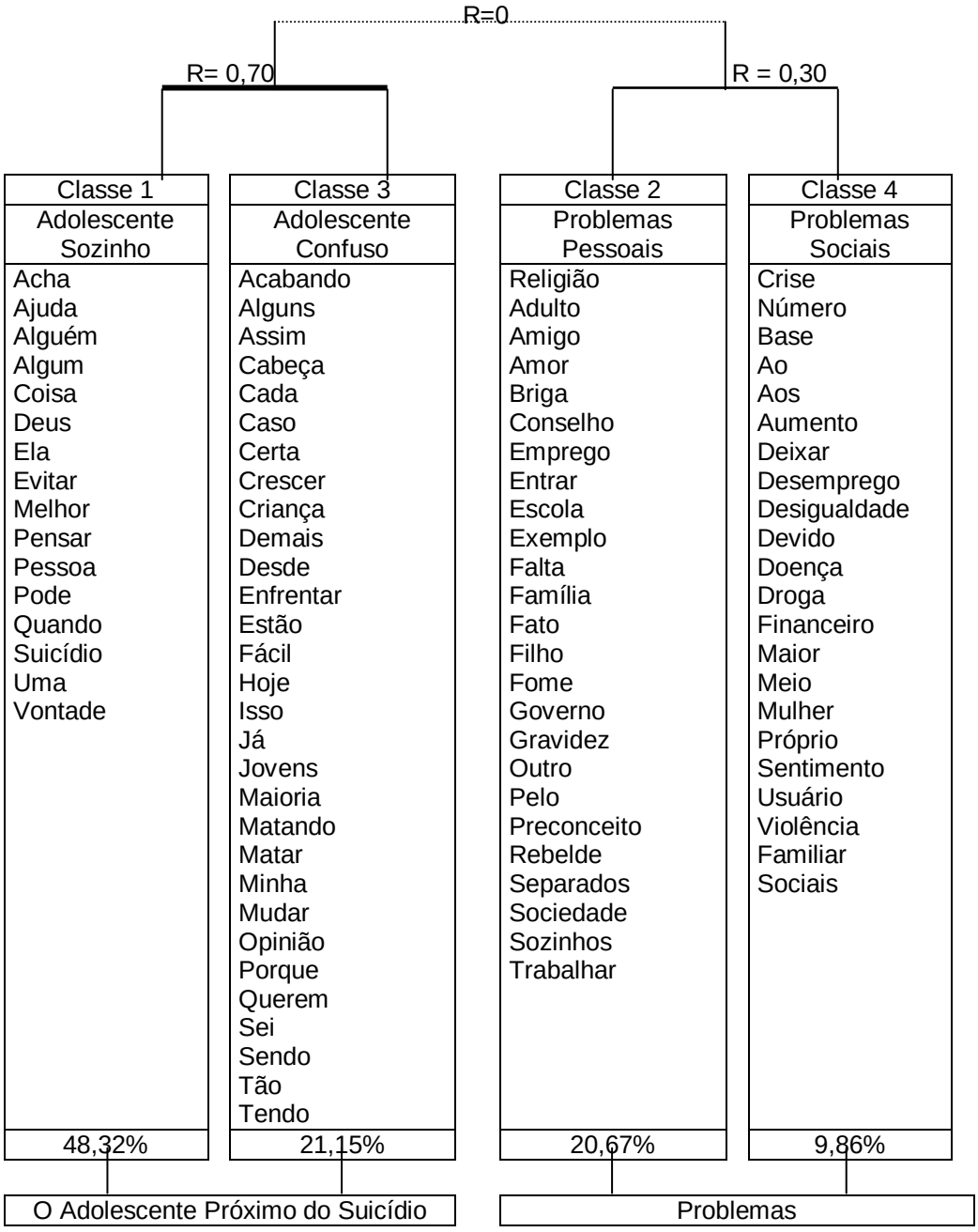
5.2.2 Representação Social de Adolescentes sobre Suicídio

5.2.2.1 Primeiro Nível: O Campo Comum das RS de Suicídio

A) Análise das questões abertas pelo ALCESTE

A análise do *corpus* correspondente às questões sobre suicídio apresentou quatro classes organizadas em dois eixos. A Figura 08 demonstra essas classes e a relação existente entre elas.

Figura 10: Estrutura do *corpus* das questões abertas sobre o suicídio (n=360).



Na Figura 10, observamos dois eixos: o eixo *O Adolescente Próximo do Suicídio* e o eixo *Problemas*. O primeiro eixo é constituído pelas classes *Adolescente Sozinho* e *Adolescente Confuso* com um grau de proximidade alto,

R=0,7; e, o segundo eixo, constituído pelas classes *Problemas Pessoais* e *Problemas Sociais* com um menor grau de proximidade, R=0,3.

O discurso encontrado na classe *Adolescente Sozinho* revela como é importante para o adolescente o apoio e a ajuda de pessoas próximas. As falas dos sujeitos expõem a grande necessidade que o adolescente tem de sentir-se protegido. Esta proteção inclui também a proteção de Deus, que para alguns é de fundamental importância a fim de que não se cometa o suicídio.

"Quando a pessoa está passando por um momento difícil e não acha ninguém para ajudá-la. É importante uma conversa com uma pessoa amiga, ter a presença de Deus".

"Quando uma pessoa desiste de realizar e conseguir o que sempre quis, ela acha que a vida não vale mais, então a melhor coisa é morrer para ver se alguém sente a falta dela".

"Acho que a divulgação da vida seria um bom começo. Fazer uma pessoa se sentir especial, fazer com que ela saiba que não está sozinha, fazer a própria pessoa se valorizar".

"Uma vida sem felicidades, sozinha, se sentir esquecida, abandonada. Sim, quando você nota que uma pessoa do seu convívio está diferente, distante, triste, é tentar reanimá-la, falar coisas alegres".

Na classe *Adolescente Confuso*, encontramos um discurso que diz respeito às dificuldades encontradas pelo adolescente em lidar com determinadas situações. Podemos observar como esse momento de escolhas e de decisões pode ser percebido como algo muito complexo e que, devido às dificuldades e às

pressões externas, o adolescente pode não chegar com sucesso ao seu futuro. Abaixo algumas falas dos adolescentes como exemplo.

"Comigo foi assim: o adolescente está acabando de sair da infância e não tem responsabilidades e se vê obrigado a encarar o mundo de uma maneira diferente, vem o trabalho, casamento, às vezes gravidez, e tudo isso pesa sobre uma pessoa inexperiente".

"Porque os jovens, atualmente estão sendo mais cobrados e se revoltam com facilidade, já que o mundo esta completamente bagunçado".

"É Ele quem dá e é Ele quem deve tirar a vida. O que há hoje é a busca sedenta do maligno sobre as pessoas e os jovens são alvo fácil já que não têm, a maioria, opinião formada".

"O mundo muitas vezes oferece muitos caminhos fáceis e muitos jovens se envolvem com muitas coisas ruins e isso leva ao desespero e a maneira mais fácil de enfrentar os seus problemas é acabar com você mesmo, pois enfrentá-los é muito mais difícil".

"Abandono, depressão, humilhação e pressão. O mundo está se tornando a cada dia um lugar mais difícil de viver, ou você é bem sucedido e tem uma vida tranqüila, ou é mal sucedido e passa necessidade, tendo que sofrer muito para conseguir algo, o que alguns não agüentam e se suicidam".

Nesta classe, também observamos a presença da questão espiritual como algo que pode influenciar na vida do adolescente. Essa influência, caso boa, determina a escolha do caminho certo e, caso "maligna", determina a escolha do caminho errado, sendo clara essa divisão para alguns adolescentes.

O segundo eixo diz respeito aos problemas que os adolescentes podem enfrentar e que podem levá-lo ao suicídio se não lidar com eles de forma adequada. A primeira classe deste eixo com o nome de *Problemas Pessoa*is corresponde aos problemas enfrentados em casa com a família, na escola e com os amigos e colegas. Alguns exemplos das falas dos sujeitos.

"Sentir-se rejeitada pela sociedade, principalmente fisicamente, ter problemas em casa, notas baixas na escola, não corresponder às pressões".

"A maior cobrança da sociedade pelo corpo, rosto etc. Os padrões de beleza muito complicados que a sociedade impõe".

"A falta de carinho dos pais e ausência de amigos faz com que a pessoa se sinta inferior ou ameaçada de morte, ou mesmo por amor como, por exemplo, em duplo suicídio".

"Problemas com a família, com namorado, dificuldades financeiras etc. Que os pais prestem mais atenção nos seus filhos, mesmo que os pais estejam separados, porque a adolescência é uma fase de muitas mudanças e qualquer deslize pode ser fatal".

As falas dos sujeitos expressam uma pressão e cobrança muito grande por parte de todos (família, amigo, escola, colegas), pois é necessário ser bom aluno, bom filho, bom amigo e ainda ser benquisto entre seus iguais, o que significa ser bonito e "popular". Podemos, com isso, observar que existe uma necessidade de reconhecimento por parte do adolescente, uma vez que ele precisa ser reconhecido pelos seus pais como um bom filho, precisa ser reconhecido pela escola como um bom aluno e precisa ser reconhecido entre seus iguais como

uma pessoa “legal”. Esse reconhecimento fornece-lhe a aceitação do grupo e a entrada na sociedade, posto que ele precisa dar conta de tudo isso para depois entrar no mundo adulto.

A segunda classe deste eixo trata de *Problemas Sociais*. O discurso que constitui esta classe relaciona o suicídio aos problemas da sociedade e do mundo. Os adolescentes relacionaram a taxa de desemprego, o aumento do consumo de drogas e o conseqüente aumento no tráfico e a crise econômica como elementos que podem influenciar o suicídio.

“O desemprego, depressão, preocupações, uma doença. Melhorar as condições de vida, mais emprego, mais assistência médica. Devido a problemas sociais, financeiros, drogas, e por chegar ao mercado de trabalho e só encontrar não existem vagas”.

“Crescimento populacional, aumento da violência e maior acesso às drogas”.

“Diminuir as cobranças, melhorar a sociedade de vários ângulos, político, financeiro. Tem que acabar com a corrupção e as desigualdades sociais. A sociedade aumentou as cobranças, ser bem sucedido é meio difícil”.

“Devido a problemas muito maiores que tem aumentado como financeiros, divórcios etc”.

“Devido à atual crise tanto sócio-econômica do país quanto das famílias em geral, onde desemprego e problemas familiares são as maiores causas”.

B) Análise das questões de evocação pelo EVOC

Como feito anteriormente, será apresentado primeiro o resultado das questões de evocação analisadas pelo programa EVOC com o objetivo de fazer o levantamento da organização interna das representações.

Tabela 04: Elementos da representação dos sujeitos sobre o suicídio, em função da freqüência e da ordem média de evocação (n=360).

		Ordem Média de Evocação			
		Inferior a 2,7		Superior a 2,7	
FREQÜÊNCIA	**Acima ou igual a 31**	79 - Desespero	2,46	51 - Depressão	3,20
		93 - Loucura	2,29	31 - Dor	3,38
		81 - Morte	1,63	44 - Drogas	3,11
		82 - Tristeza	2,61	31 - Falta de amor	3,25
				36 - Falta de Deus	2,97
				36 - Infelicidade	2,72
				53 - Medo	2,75
				46 - Problemas	2,84
				60 - Solidão	3,78
	Abaixo de 31	27 - Burrice	2,48	27 - Angústia	2,96
		16 - Covardia	2,37	12 - Desilusão	3,66
		24 - Fraqueza	2,16	16 - Falta de amor próprio	2,93
		12 - Pena	2,41	16 - Fim	3,18
				22 - Sofrimento	3,50
				16 - Solução	2,75

Nº total de evocações = 1631
Nº total de palavras diferentes = 365

Observamos na tabela 04 que os elementos possíveis de constituírem o núcleo central da RS de suicídio são *desespero, loucura, morte* e *tristeza*. Estes elementos demonstram que, de acordo com os sujeitos, para alguém cometer o suicídio precisa estar em grande desespero a ponto de transtornar a si e fazer com que sejam tomadas atitudes consideradas loucas. Um outro elemento ligado ao suicídio é a tristeza. O indivíduo pode também estar passando por uma grande tristeza que o leva a pensar que não há outra saída a não ser o suicídio. A morte é o próprio suicídio, só que autocometida.

Também foi feita a análise de similitude a partir das palavras evocadas que tinham como palavra indutora o suicídio. As categorias encontradas para esta análise encontram-se no quadro 05.

Quadro 05: Relação das categorias e exemplos de palavras relacionadas às categorias.

Categorias	**Exemplo de Palavras Relacionadas às Categorias**
Morte como Solução	Alternativa, alívio, solução, caminho razoável, fuga, liberdade.
Descontrole	Descontrole, desequilíbrio, loucura, desestrutura, endemoniado, extremo.
Drogas	Drogas, bebidas, álcool, vício.
Sentimentos de Revolta	Ódio, raiva, insatisfação, mágoa, rebeldia, revolta.
Sentimentos de Fracasso	Culpa, desilusão, fracasso, fraqueza, frustração, nada dá certo, pena, desesperança, tristeza.
Solidão	Falta de amigos, falta de amor, falta de apoio, falta de carinho, ignorado, solidão.
Desprendimento*	Não gosta das pessoas, não gosta da vida, desamor, desconsideração, desprendimento, desinteressada.
Desânimo	Desmotivação, desânimo, falta de motivação, não luta, pessimismo.
Ambiente Difícil	Desemprego, dificuldades, dinheiro, dívidas, miséria.
Indignação com o Ato	Burrice, desperdício, exagero, horrível, inaceitável, ridículo.
Terrorismo	Bin Laden, ataque kamikaze, homem bomba, Afeganistão.

* Desprendimento, neste caso, tem o significado de desamor e desconsideração com as pessoas e não de abnegação ou altruísmo.

A última categoria, *terrorismo*, existiu provavelmente por ter sido a coleta de dados muito próxima ao incidente de 11 de setembro de 2001 ocorrido nos Estados Unidos da América, no qual as duas torres de 111 andares do World Trade Center e parte do Pentágono (prédio do Ministério da Defesa) foram derrubados por um ataque terrorista e mais de 5000 pessoas foram mortas, incluindo alguns brasileiros.

Todas as categorias encontradas relacionam as possíveis causas que levam uma pessoa ao suicídio, com exceção da *Indignação com o Ato* que demonstra os sentimentos de algumas pessoas em relação àquele que cometeu o suicídio ou ao ato em si.

Também foi feita a análise para verificar a qualidade interna de cada categoria, como demonstra o quadro a seguir.

Quadro 06: Distribuição dos elementos de evocação entre as categorias de acordo com o número de palavras, a freqüência e as palavras mais freqüentes (n=360).

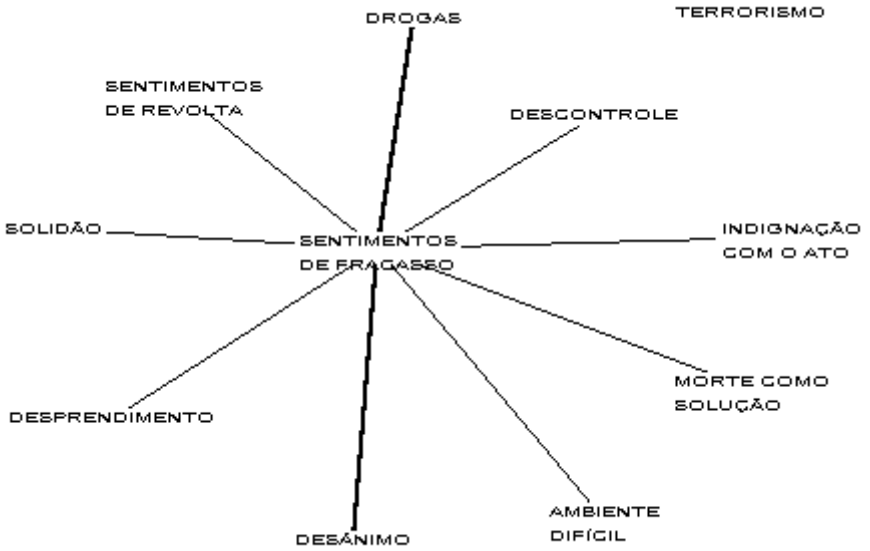
Categorias	Número de palavras	%	Freqüência	%	Palavras mais freqüentes	%
Morte como Solução	54	14,8	121	7,4	49	40,5
Descontrole	43	11,8	167	10,2	123	73,7
Drogas	10	2,7	56	3,4	44	78,6
Sentimentos de Revolta	16	4,4	40	2,5	19	47,5
Sentimentos de Fracasso	68	18,6	574	35,2	503	87,6
Solidão	48	13,2	310	19,0	246	79,4
Desprendimento	20	5,5	30	1,8	5	16,7
Desânimo	9	2,5	28	1,7	17	60,7
Ambiente Difícil	31	8,5	125	7,7	87	69,6
Indignação com o Ato	57	15,6	164	10,1	92	56,1
Terrorismo	7	1,9	14	0,9	-	-
Total	365	-	1631	-	1185	-

No quadro 06, observamos que a grande maioria das categorias apresenta uma qualidade interna, ou seja, é formada por elementos que são citados várias vezes. A categoria *Desprendimento* não apresenta este comportamento, indicando que as palavras foram citadas em baixa freqüência. O mesmo ocorre com a categoria *Terrorismo*. Nesta categoria, sete palavras foram citadas, sendo que a mais citada teve apenas quatro ocorrências.

O gráfico da árvore máxima dessas categorias apresenta-se na Figura 11. Nesta observamos a configuração de uma estrela, que segundo Sá (1996), como mencionado anteriormente, é a estrutura que melhor evidencia um elemento

organizador central. O elemento central encontrado é a categoria S*entimentos de Fracasso* que tem todas as outras categorias conectadas. Observamos também uma ligação mais forte (linha dupla) entre o elemento central e as categorias *Drogas* e *Desânim*o, indicando um eixo central, em que o desânimo e as drogas podem levar aos sentimentos de fracasso ocasionando o suicídio. No entanto, não podemos esquecer que os outros elementos também fazem parte deste eixo e estruturam a RS do suicídio. Para esses sujeitos, o suicídio está fortemente ligado à culpa, à desilusão, ao fracasso, à fraqueza, à frustração, à desesperança e à tristeza e isso pode ser resultado de vários outros elementos como a solidão, um ambiente difícil, os sentimentos de revolta e de inadaptação, o desprendimento das pessoas e das coisas, o descontrole e a dificuldade de encontrar uma saída que não a morte.

Figura 11: Gráfico de análise de similitude das categorias relacionadas ao suicídio (n=180).



A relação da categoria *Indignação com o Ato* com o elemento central merece uma atenção especial por ser uma categoria diferente das demais, como dito anteriormente. Esta tem em sua configuração palavras que expressam sentimentos de incompreensão e indica-nos a dificuldade que é para esses sujeitos entenderem o suicídio.

A categoria *Terrorismo*, neste gráfico encontra-se separada, demonstrando não ter qualquer conectividade com as demais. Isso nos indica que as palavras citadas nesta categoria representam uma idéia circunstancial e que deve estar apenas relacionada ao incidente de 11 de setembro.

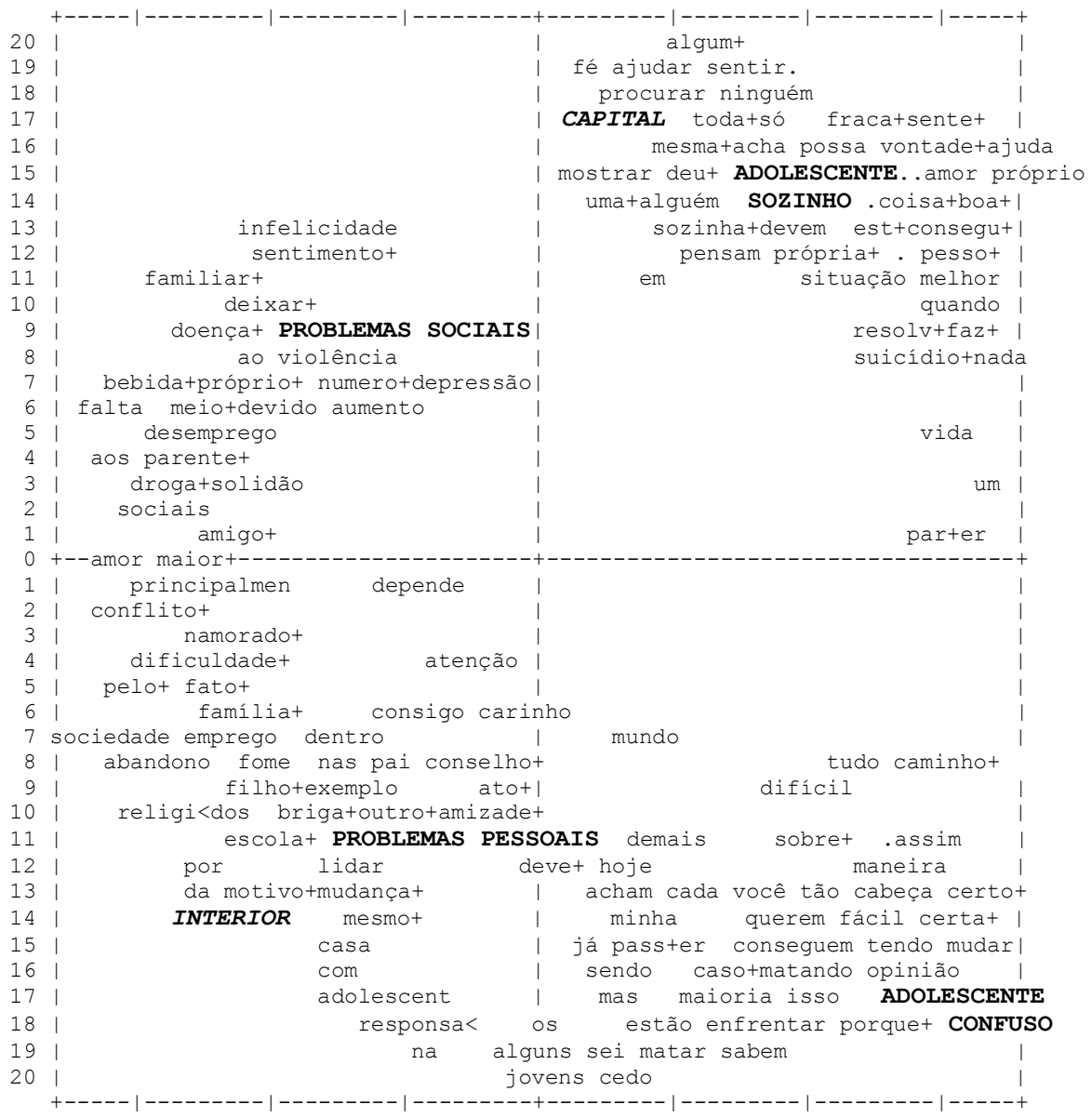
5.2.2.2 2º Nível: Diferenciações Grupais

Da mesma forma como feito anteriormente, verificamos a existência de diferenças na organização das RS dos adolescentes sobre suicídio. Utilizamos a mesma metodologia, a análise fatorial de correspondência, para alcançar este objetivo.

A) Análise fatorial de correspondência realizada pelo ALCESTE

De acordo com esta análise, verifica-se que a variável localidade de moradia também é significante para a RS de suicídio agrupando dois discursos distintos.

Figura 12: Projeção fatorial das questões abertas sobre o suicídio (n=360).



Obs: as classes encontram-se grafadas em negrito e a variável em negrito e itálico.

Na Figura 12, observamos que o local de moradia é uma variável importante para entendermos a RS de suicídio. O discurso mais relacionado com os adolescentes que residem na capital é a classe *Adolescente Sozinho*, que significa que para alguém cometer suicídio precisa sentir-se muito só e abandonado. A pessoa que se encontra nesta situação está perdida e precisando de ajuda, mas não consegue encontrar.

O discurso mais vinculado ao adolescente que reside no interior é um pouco mais rico, conseguindo abranger outros aspectos, além da solidão. A solidão para esses adolescentes não é uma questão tão significativa, e sim, as questões o *Adolescente Confuso*, os *Problemas Pessoais* e os *Problemas Sociais*. Para esses, a adolescência é um período confuso por ser um período de transição, o adolescente precisa terminar os estudos, que muitas vezes se resume ao Ensino Médio, para poder trabalhar, ajudar em casa e futuramente sustentar uma família. Estas são exigências que, muitas vezes, o adolescente não consegue sustentar, posto que não está preparado para elas; desta forma, toma um caminho que, para eles, é considerado o caminho fácil: a fuga — para as drogas ou para o suicídio. O futuro para esses adolescentes está muito próximo, e eles não sabem muito bem o que fazer, que caminho tomar, por isso existe a confusão, ou mesmo a indecisão.

Esses adolescentes também observam que os *Problemas Pessoais* podem dificultar a vida. Nesta classe, eles citam o preconceito, a dificuldade em ser aceito, seja pela família, seja pelos amigos, e as dificuldades financeiras. Os adolescentes do interior mencionam também que precisam de apoio nas horas difíceis, que é muito difícil sentir-se só, mas em seu discurso, além disso, falam dos problemas em casa como a separação dos pais e a cobrança excessiva da sociedade em seguir o modelo estipulado. Esses adolescentes parecem sentir com mais intensidade o peso da cobrança da sociedade, que nada mais é que o futuro que está próximo: a idade adulta na qual precisará conseguir manter-se.

Por meio da classe *Problemas Sociais*, os adolescentes do interior expressam a sua preocupação com os problemas enfrentados hoje no mundo e a

sua relação com o suicídio. É mencionado, com maior freqüência, o aumento do desemprego e o aumento do uso de drogas. Isso acontece, em razão de que são situações vivenciadas por eles. A preocupação com o desemprego ocorre, pois logo serão eles aqueles que estarão em busca de emprego. As drogas são mencionadas como uma explicação para o não sucesso, não havendo muita reflexão sobre isso, já que é uma resposta que acaba em si mesma, sendo ao mesmo tempo causa e efeito. Para eles, a pessoa não consegue emprego porque é drogada e é drogada porque não consegue emprego. As drogas mencionadas não incluem apenas as drogas não legalizadas. Outros fatores também são mencionados como o aumento da população, a falta de acesso à educação adequada, o aumento da violência e a corrupção.

Um fator interessante é que o elemento espiritual esteve presente em todas as classes, como se, para alguns adolescentes, esta fosse a explicação para tudo. A religião é tomada como a salvadora e, realmente, para as pessoas que acreditam, ela tem o objetivo de salvar as almas. Mais do que isso, a religião, através de Deus, consegue estar sempre presente, sendo um conforto para aqueles que têm fé e acreditam. Para muitos a entrada em uma igreja é a resposta para a solução dos problemas, uma vez que encontram um grupo no qual são aceitos e que dita as regras que precisam seguir. O discurso religioso expressa a existência de poderes superiores aos homens a quem se atribui o controle da natureza. *"A natureza não teria, portanto, do ponto de vista da religião um curso independente dos caprichos divinos*" (Monteiro, 1986: 9). A forma como a religião é concebida retira a responsabilidade do indivíduo e tem *"como resultado prático o fato de que os homens, para interferir nos acontecimentos se*

vêem obrigados a aceitar e promover a mediação dos deuses" (Monteiro, 1986:9). Dessa forma, *"a religião é a crença na garantia divina oferecida ao homem para sua salvação e, ao mesmo tempo, no seu comportamento (culto, ética) para obter e conservar tal garantia"* (Zilles, 1991: 11). Para quem acredita, torna-se obrigatória a crença em alguma religião para se ter uma vida feliz. A religião, a partir dessa configuração, possibilita ao indivíduo dar sentido ao mundo, permite explicar o que ocorre a sua volta. A religião evita o impacto com o caos e com a complexidade que é a vida. Aqui foram tecidos alguns comentários sobre a religião e a religiosidade na adolescência, todavia é um fator que precisa de maiores estudos, já que se mostrou tão presente.

B) Análise das palavras de evocação de acordo com a localidade de moradia

A análise anterior possibilitou verificar que a variável relevante para a construção da RS de suicídio é o local de moradia. Sendo assim, como feito anteriormente, realizaremos a análise das questões de evocação de acordo com esta variável. Será apresentado, em primeiro lugar, o resultado da análise das evocações e análise de similitude dos adolescentes da capital e, em segundo, dos adolescentes do interior.

B.1) Adolescentes da capital

A tabela dos elementos de evocação para estes sujeitos apresenta-se da seguinte forma:

Tabela 05: Elementos da representação dos sujeitos da capital sobre o suicídio, em função da freqüência e da ordem média de evocação (n=180).

		Ordem Média de Evocação			
		Inferior a 2,7		**Superior a 2,7**	
FREQÜÊNCIA	**Acima ou igual a 14**	39 - Desespero 17 - Drogas 21 - Infelicidade 49 - Morte 57 - Tristeza	2,61 2,52 2,61 1,57 2,68	34 - Depressão 19 - Dor 43 - Loucura 25 - Medo 26 - Problemas 14 - Sofrimento 35 - Solidão	2,79 3,47 2,74 3,36 2,92 4,07 3,48
	Abaixo de 14	10 - Covardia 06 - Fuga 07 - Solução	1,90 1,83 2,28	13 - Angústia 07 - Burrice 07 - Desilusão 13 - Falta de amor 08 - Falta de Deus 06 - Fim 12 - Fraqueza 06 - Perda	3,00 2,71 3,28 3,92 3,00 3,66 2,75 4,66

Nº total de evocações = 837
Nº total de palavras diferentes = 253

Para este grupo, de acordo com a tabela 05, as palavras possíveis de constituírem o núcleo central da RS de suicídio são: *desespero, drogas, infelicidade, morte, tristeza*. Ao compararmos esta tabela com a tabela do grupo inteiro, observamos dois novos elementos (*drogas* e *infelicidade*) e a saída do elemento *loucura*. A questão da infelicidade está muito relacionada ao sentimento de tristeza, pois podemos considerar que o antônimo de felicidade é a tristeza. O elemento *drogas* demonstra-nos que este também faz parte da RS de suicídio para estes sujeitos. A fim de compreendermos melhor a configuração da RS de suicídio destes sujeitos precisamos observar o resultado da análise de similitude.

Para a realização da análise de similitude, foram encontradas as mesmas categorias verificadas no grupo todo. Abaixo, o quadro 07 apresenta as categorias e os seus respectivos índices.

Quadro 07: Distribuição dos elementos de evocação dos sujeitos da capital sobre o suicídio entre as categorias, de acordo com o número de palavras, a freqüência e as palavras mais freqüentes (n=180).

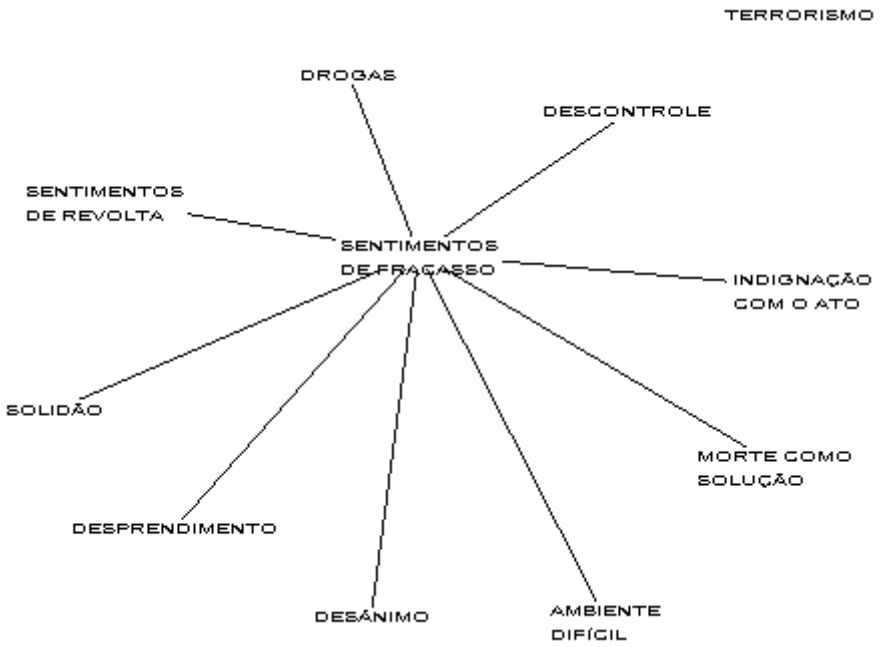
Categorias	Número de palavras	%	Freqüência	%	Palavras mais freqüentes	%
Morte como Solução	37	14,6	110	13,1	68	61,8
Descontrole	28	11,1	89	10,6	58	65,2
Drogas	3	1,2	19	2,3	17	89,5
Sentimentos de Revolta	13	5,1	20	2,4	-	-
Sentimentos de Fracasso	49	19,4	321	38,4	269	83,8
Solidão	31	12,3	95	11,4	49	51,6
Desprendimento	12	4,7	19	2,3	-	-
Desânimo	7	2,8	13	1,6	5	38,5
Ambiente Difícil	27	10,7	68	8,1	36	52,9
Indignação com o Ato	38	15,0	69	8,2	17	24,6
Terrorismo	7	2,8	12	1,4	0	0,0
Total	253	-	837	-	519	-

Neste quadro, observamos que três categorias têm percentagem igual a zero para as palavras mais freqüentes. Isso nos indica que são categorias que tiveram, em sua maioria, palavras citadas apenas uma vez pelos sujeitos. A categoria *Desânimo* e *Indignação com o Ato* apresentaram um índice baixo de qualidade, da mesma forma, são categorias que não apresentam palavras citadas com grande freqüência.

A Figura 13 mostra a configuração do gráfico da árvore máxima relacionando às categorias. Este tem a mesma configuração do gráfico da Figura 09, no entanto todas as ligações têm igual força, todas são feitas por uma linha simples. A partir disso, podemos dizer que os elementos organizam-se em torno da categoria *Sentimentos de Fracasso,* categoria que define a RS de suicídio para estes sujeitos.

A categoria Terrorismo também se encontra sem conexão com os demais elementos, o que nos indica, como na figura anterior, um elemento específico.

Figura 13: Gráfico de análise de similitude das categorias relacionadas ao suicídio (n=180).



B.2) Adolescentes do interior

Após analisadas as questões de evocação avaliando a freqüência de evocação das palavras e a ordem de evocação, encontramos a seguinte configuração:

Tabela 06: Elementos da representação dos sujeitos do interior sobre o suicídio, em função da freqüência e da ordem média de evocação (n=180).

		Ordem Média de Evocação			
		Inferior a 2,7		**Superior a 2,7**	
FREQÜÊNCIA	**Acima ou igual a 19**	42 - Desespero	2,31	28 - Drogas	3,57
		48 - Loucura	1,93	23 - Falta de amor	2,91
		28 - Medo	2,21	28 - Falta de Deus	2,75
		31 - Morte	1,67	19 - Problemas	3,00
		25 - Tristeza	2,44	25 - Solidão	4,20
	Abaixo de 19	11 - Besteira	1,45	15 - Angústia	2,86
		10 - Fraqueza	1,70	15 - Burrice	2,73
		18 - Infelicidade	2,61	18 - Depressão	3,44
		07 - Pena	1,71	11 - Dor	3,09
		07 - Revolta	2,00	13 - Falta de amor próprio	2,76
		09 - Sofrimento	2,66	09 - Falta de fé	3,00
				09 - Fim	3,00

Nº total de evocações = 794
Nº total de palavras diferentes = 234

Para este grupo, como apresenta a tabela 06, as palavras possíveis de constituírem o núcleo central da RS de suicídio são: *desespero, loucura, medo, morte, tristeza*. Estes elementos são os mesmos evocados se considerarmos o grupo todo, com exceção do elemento *medo*. Este elemento indica-nos que estes adolescentes sentem-se mais próximos desse fenômeno, ou seja, pode também acontecer com eles. Foi observado na parede de uma das salas em que o questionário foi aplicado, o dizer “vou me suicidar”.

Na análise das respostas dos sujeitos do interior, foram encontradas as mesmas categorias encontradas para o grupo todo, com exceção da categoria *Terrorismo* que não se apresentou para este grupo. A seguir, está a tabela das categorias com os seus respectivos índices.

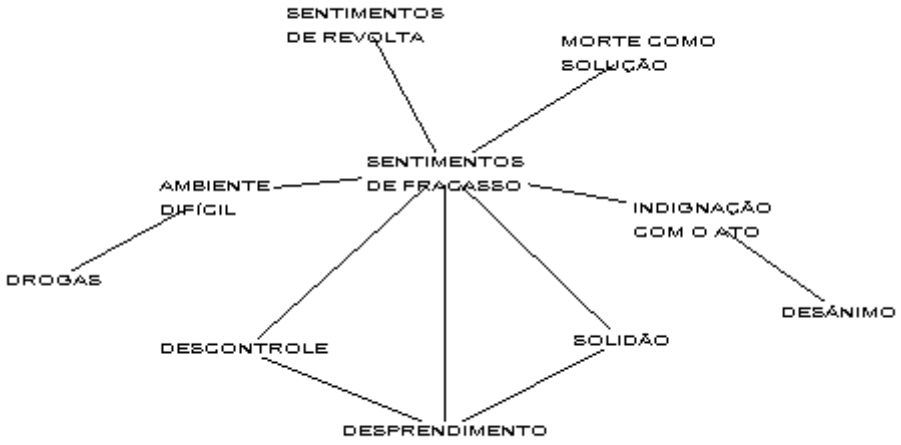
Quadro 08: Distribuição dos elementos de evocação dos adolescentes do interior sobre o suicídio entre as categorias, de acordo com o número de palavras, a freqüência e as palavras mais freqüentes (n=180).

Categorias	Número de palavras	%	Freqüência	%	Palavras mais freqüentes	%
Morte como Solução	28	12,0	81	10,2	51	63,0
Descontrole	24	10,3	83	10,5	60	72,3
Drogas	5	2,1	36	4,5	28	77,8
Sentimentos de Revolta	14	6,0	28	3,5	12	42,9
Sentimentos de Fracasso	51	21,8	266	33,5	206	77,4
Solidão	33	14,1	128	16,1	90	70,3
Desprendimento	10	4,3	13	1,6	-	-
Desânimo	5	2,1	7	0,9	-	-
Ambiente Difícil	21	9,0	59	7,4	36	61,0
Indignação com o Ato	42	17,9	91	11,5	32	35,2
Terrorismo	-	-	-	-	-	-
Total	234	-	794	-	515	-

No quadro 08, observamos que as categorias *Desprendimento* e *Desânimo* têm percentagem igual a zero para as palavras mais freqüentes, o que indica que são categorias com pouca incidência no discurso daqueles sujeitos. A categoria *Indignação com o Ato*, apesar de ter um número de palavras elevado, apresentou uma maior dispersão interna, tendo poucas palavras citadas com freqüência.

Abaixo está o gráfico árvore máxima relacionando as categorias acima.

Figura 14: Gráfico de análise de similitude das categorias relacionadas ao suicídio (n=180).



A Figura 14 apresenta uma pequena modificação em relação aos dois anteriores, mas mantém como elemento central os *Sentimentos de Fracasso*.

Neste gráfico, observamos uma relação de ciclo entre *Sentimentos de Fracasso, Descontrole, Desprendimento* e *Solidão*, estando também *Desprendimento* ligado ao elemento central. Este ciclo mostra-nos que tanto o descontrole, o desequilíbrio pessoal está relacionado ao desprendimento das coisas e das pessoas como a solidão, embora a categoria desprendimento não seja uma categoria expressiva neste grupo.

Neste gráfico, podemos também observar outros dois eixos *Sentimentos de Fracasso – Ambiente Difícil – Drogas* e *Sentimentos de Fracasso – Indignação com o Ato – Desânimo*. O primeiro eixo demonstra a relação entre drogas e ambiente difícil explicitada na classe Problemas Sociais resultado da análise do programa ALCESTE para as questões abertas sobre suicídio, em que a resposta para o problema acaba em si mesma. O segundo eixo relaciona *Indignação com o Ato* e *Desânimo*, o que transforma o significado deste último. Para estes sujeitos, o sentimento de desânimo está vinculado ao desânimo frente a uma situação em que alguém cometeu o suicídio.

Os elementos *Sentimentos de Revolta* e *Morte como Solução* estão relacionados com o elemento central da mesma forma que nos gráficos anteriores.

6.3 Terceiro Nível: A Ancoragem da Adolescência e do Suicídio

O aumento nos índices de suicídio na população adolescente e jovem chamou-nos a atenção para essa faixa etária. A partir disso, buscamos entender e analisar a sua percepção de mundo juntamente ao seu contexto sócio-cultural para uma melhor compreensão desse fenômeno.

O referencial teórico utilizado foi a Teoria das Representações Sociais de Moscovici que propõe, como exposto anteriormente, que as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado que têm como função a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Nesse estudo, utilizamos duas abordagens que nos proporcionaram descrições mais detalhadas: a Teoria do Núcleo Central e a abordagem de Willem Doise. A primeira permite identificar a estrutura e o conteúdo das RS, e a segunda possibilita entender as variações das diferentes tomadas de posição de acordo com o processo de ancoragem. O propósito da ancoragem é dar um sentido ao objeto social dentro de um contexto, ou seja, tornar algo não familiar em familiar. No nosso caso, o não familiar são as novas experiências vividas no período anterior à idade adulta e o mistério que fazem as pessoas tirarem a própria vida.

Por meio desse estudo, verificamos a proximidade dos adolescentes com o suicídio, podendo identificar alguns fatores de risco. Primeiramente, precisamos compreender o significado do que é ser adolescente e como este sujeito lida com o mundo a sua volta para podermos, então, entender essa proximidade.

As duas abordagens utilizadas nos permitiram identificar com sucesso o que é ser adolescente para os sujeitos pesquisados. Foi verificado que, apesar

de existirem pontos em comum, o viver adolescente se diferencia de acordo com a inserção sócio-cultural. Conforme Margulis (2001), a adolescência é uma condição historicamente construída e determinada.

A população estudada é caracterizada por dois grupos, um grupo que reside em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo e um grupo que reside em uma região na qual a principal fonte econômica é a agricultura. Os sujeitos que residem na capital freqüentam o Ensino Médio em uma escola particular, em um bairro nobre da capital, e os que residem no campo freqüentam o Ensino Médio em uma escola agrotécnica pública na região Sul do Estado. Para efeito de clareza utilizamos a nomenclatura de sujeitos da capital para os residentes da capital e de sujeitos do interior para os que moram na região Sul do Estado.

De acordo com os dados, observamos que o nível de escolaridade dos pais dos sujeitos da capital é mais elevado do que o dos pais do outro grupo. Os primeiros concentram o seu nível escolar no Ensino Superior e não apresentam sujeitos com o Ensino Fundamental incompleto; no grupo do interior, encontramos pais com o Ensino Fundamental incompleto, completo e com o Ensino Médio. Apenas uma minoria de pais deste grupo tem o Ensino Superior. Também observamos que existe um maior número de mães dos sujeitos do interior, se comparados com as mães dos sujeitos do grupo da capital, que não exercem atividades remuneradas e permanecem em casa com a responsabilidade dos serviços domésticos. Estes dados juntamente com os dados fornecidos pelo IBGE (1999, 2000) e Cepal (1993 apud. Durston 2001) indicam-nos duas formas de viver o mundo. Como expõe Sobrinho (1998), os indivíduos *"estão inseridos em determinados espaços onde se impõe a apreensão diferenciada dos objetos*

sociais que constituem os diferentes sistemas de referências identitárias e dão visibilidade aos atores" (p.120), ou seja, as representações sociais não se dão em um vazio social, e sim, em um espaço repleto de significações, opiniões, desejos e produções simbólicas; conseqüentemente, a estrutura e o conteúdo de cada representação se configura de acordo com um espaço social — com a história de vida e o contexto em que o indivíduo se encontra. Tanto o nível de escolaridade como a inserção no mundo do trabalho podem ser fatores que contribuem para a produção de diferenças no contexto de cada um dos grupos.

As diferenças entre os espaços sociais são de fundamental importância para compreendermos as diferentes formas de viver a adolescência. Foram observados pontos comuns entre os grupos, como o vocabulário utilizado para identificar o que é adolescência na questão de palavra indutora. A partir disso, obtivemos na análise das evocações, as mesmas categorias; entretanto, ao executarmos a análise de similitude, observamos que a estruturação das RS é diferente para os grupos, já que as palavras associam-se de maneira diferente.

Um ponto comum entre os grupos que merece atenção aparece como resultado do levantamento dos elementos de representação pelo EVOC. A palavra que se apresentou em primeiro lugar de acordo com a freqüência e a ordem de evocação foi alegria. A partir disso, podemos dizer que esta palavra tem grande probabilidade de compor o núcleo central da RS de adolescência.

A palavra alegria representa o "estado de espírito" do ser adolescente e está relacionada a uma visão estereotipada do adolescente cheio de vida e energia e que está mais interessado em divertir-se do que em se manter informado dos acontecimentos à sua volta e no mundo. Por esse fator

observamos como ocorre a apreensão das teorias psicológicas pelo pensamento social como nos mostrou Moscovici (1978/1961) em seu trabalho *La pshychanalyse son image et son public*. Verificamos uma apreensão seletiva das teorias de Hall e Ana Freud, a qual tem como orientação a dimensão do imaginário e do afetivo. Sobre essa forma de ser do adolescente, também verificamos, como nos lembra Cárdenas (2000), que a imagem e a expectativa sociais de uma conduta influem no desenvolvimento da mesma. Dessa forma, o próprio sujeito interioriza o estereótipo e muitas vezes se comporta de acordo com ele.

Apesar de a palavra alegria, na análise feita pelo EVOC, aparecer como elemento de grande significância para os dois grupos, ao observarmos o conjunto de dados verificamos que este conceito de alegria aparece com mais intensidade no grupo de adolescentes da capital, representada pela classe *Curtição*.

Existe mais um elemento comum entre os grupos: ambos identificam a adolescência como um período de transição para um futuro que, se mal administrado, pode levar ao fracasso. Entretanto, a forma como cada grupo caracteriza o seu futuro, a forma de alcançá-lo e o que é considerado fracasso é diferenciada.

Os adolescentes da capital freqüentam uma escola particular, provavelmente freqüentam cursos de línguas e participam de outras atividades extracurriculares. Sua preocupação está em sair com os amigos, passar de ano e escolher o curso que irá fazer na faculdade. O futuro para esses sujeitos ainda está distante. Eles precisam primeiro passar no vestibular, fazer o curso superior para, então, pensar em uma vida profissional. O período de transição da infância

para a idade adulta é maior. Sendo assim, podemos observar que, quando estes falam do futuro, dizem apenas os problemas que precisam evitar para alcançá-lo, como exemplo, drogas, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, entre outras. O futuro para eles é idealizado, ou seja, não é concebido a partir de uma realidade, e sim, sobre o objetivo de ser feliz. A partir disso, verificamos que o discurso destes relaciona-se principalmente ao presente.

O discurso mais significativo dos adolescentes da capital refere-se à curtição, à liberdade, ao relacionamento afetivo, aos problemas e também ao fato de a adolescência ser um período de transição. Esses elementos representam o presente imediato, podemos dizer que a pergunta que circula entre os adolescentes é: “Qual é a balada/rock de hoje?” Esses adolescentes valorizam poder sair com os amigos e de preferência, sem hora para voltar, ir a festas, “ficar” com meninas/meninos, mas sabem que se exagerarem e não tomarem o devido cuidado poderão se prejudicar. Também, em seu discurso, mencionam a importância do apoio dos pais, dos amigos e da escola para que ensinem e expliquem o que fazer, como agir em situações de perigo.

O discurso é dividido em dois pólos: curtição e apoio. Ao mesmo tempo em que eles precisam de liberdade para se divertirem, precisam do apoio e da proteção para sentirem-se seguros. A forma como vivem se assemelha à forma como uma criança é criada. O seu ambiente é controlado ora pela família, ora pela escola, para que brinquem com tranqüilidade com seus pares. A diferença é a maneira de brincar. Com isso, vemos que o apoio e a proteção são elementos significativos para a vida.

Ao analisarmos com mais detalhe esse discurso, podemos observar que o verbo que melhor representa é o verbo TER. Para esses sujeitos terem uma vida e um crescimento saudável, precisam ter liberdade, ter bons pais, ter amigos, ter uma boa escola, ter segurança, ter dinheiro, em outras palavras, precisam ter apoio e um ambiente seguro. Essa forma de pensar ancora-se no sistema econômico em que vivemos que valoriza quem *tem* mais. A partir disso, também verificamos que esse discurso vai além das necessidades básicas, tornando-se importante ter boas roupas (andar na moda), ter carro, entre outros. Esse discurso pode tornar-se trágico para alguns adolescentes que fazem parte desse grupo, mas não podem acompanhar as suas exigências para serem aceitos e transitar neste sem problemas.

Ratificando a proposição de Margulis (2001) sobre a pluralidade da adolescência; para os adolescentes do interior, a adolescência é um tanto diferente da experienciada pelos adolescentes da capital. Para aqueles, ao contrário, o futuro está muito próximo: o fim do Ensino Médio. O Ensino Médio Técnico é dado em turno integral, durante um período os alunos têm aulas do ensino médio (história, português, matemática, entre outras) e no outro têm aulas práticas específicas do curso técnico. Essas aulas práticas exigem que os alunos trabalhem e se responsabilizem pelo trabalho executado. O Ensino Médio Técnico significa uma grande conquista para esses sujeitos, pois não seguirão a profissão de agricultor, mais comum naquela região, estarão qualificados para trabalharem como Administradores de Fazenda. Deixam de ser um simples agricultor para ser o capataz da fazenda. Terminado o Ensino Médio esses sujeitos estarão, em sua

grande maioria, em busca de emprego. Isso significa que a maioria irá trabalhar, ganhar dinheiro para futuramente estabelecer uma família.

A partir deste contexto, entendemos melhor o que a adolescência significa para esses sujeitos. A adolescência além de ser uma fase de curtição, de liberdade, é a fase de definição da vida futura, da vida adulta. Por isso é muito importante que o adolescente siga o caminho certo, ou seja, é importante que ele seja responsável e, portanto, seja um bom aluno, um bom filho, um bom amigo e siga em busca dos seus sonhos. As regras para seguir o caminho certo são claras e precisam ser seguidas, caso contrário o adolescente é considerado rebelde e com grande probabilidade de se tornar um delinqüente. O verbo predominante neste discurso é o SER. O adolescente precisa ser muito bom para alcançar os seus objetivos, depende basicamente dele se quiser chegar a algum lugar. Por isso, vivenciam a adolescência como uma fase difícil e complicada. O grupo de sujeitos da capital também menciona que esse é um período difícil, contudo esse discurso está mais relacionado à visão típica da adolescência como um período de *tempestade e tormenta.*

O TER e o SER são dois discursos que representam a forma de viver de cada grupo. O TER exprime o nosso sistema econômico e a cultura consumista em que ser é definitivamente algo que não faz nenhum sentido desatrelado da posse. A posse dá sentido ao ser, à medida que dependendo da quantidade e da qualidade dos produtos de posse a pessoa é qualificada. TER é a expressão máxima do lucro.

O discurso SER, a princípio, pode parecer contraditório ao TER, pois pode-se pensar que, neste caso, o SER representa a humanidade, a experiência

máxima do ser humano. Entretanto, não é o que ocorre. O discurso SER acontece em função do TER, pois revela que é preciso SER para TER. Sendo assim, é preciso ser um exemplo de pessoa para ter algo. Em outras palavras, é preciso ser um bom aluno, ser um bom filho, ser uma boa pessoa, para ter uma oportunidade de trabalho para deixar de ser um simples agricultor. A esperança de uma oportunidade de trabalho está atrelada à esperança de ter uma casa, de ter um carro entre outras coisas. O esforço é valorizado, pois acredita-se que é por meio do esforço pessoal que as oportunidades são alcançadas. Essa forma de pensar também ancora-se no sistema econômico em que vivemos, que deposita no sujeito a responsabilidade de alcance de sucesso, desconsiderando que as oportunidades não são iguais entre as classes.

Os dados desmistificam a romantização da vida no campo. É comum confrontar-se capital e interior atribuindo à vida na capital o fortalecimento do individualismo, do egoísmo, e pensando a vida no interior como fortalecida por relações de cooperação, forjando pessoas melhores, mais solidárias e atentas às necessidades do outro. À primeira vista, os dados sobre o discurso TER e SER pareceriam corroborar estas diferenças, no entanto, uma apreensão mais acurada mostrou que o SER , para os adolescentes do interior, é apenas um caminho para o TER. As aspirações destes sobre o TER podem ser mais modestas, mas estão presentes todo o tempo. Isso pode indicar que, para eles, já está mais claro que suas características pessoais serão importantes na construção de um futuro melhor e que, para os adolescentes da capital, esta questão ainda não se coloque.

Como esperado, a RS da adolescência diferencia-se de acordo com a inserção social; da mesma forma, a RS de suicídio será diferente para cada grupo. Apesar de ambos considerarem o suicídio como conseqüência de sentimentos de fracasso, já que na análise de similitude, a categoria que aglutinava os sentimentos de fracasso ficou configurada como elemento central do gráfico árvore máxima, o que significa ser o elemento organizador das RS, verificamos que as ligações do gráfico são diferentes, assim como o discurso analisado pelo programa ALCESTE.

Antes de darmos continuidade, precisamos parar e explicar a presença da categoria terrorismo na RS do suicídio. Essa categoria apareceu e está claramente relacionada ao incidente de 11 de setembro de 2001 que aconteceu nos Estados Unidos da América, no qual dois prédios considerados símbolos do país, as torres do World Trade Center e parte do Ministério da Defesa, foram derrubados por aviões comerciais seqüestrados por terroristas ligados ao Talibã, exército religioso que controlava o Afeganistão, pois as palavras que compõem essa categoria referiam-se ao suposto mandante do ataque, a ataques suicidas, ao Talibã e ao país que o Talibã governava.

O incidente teve repercussão global, várias redes de TV destinaram grande parte do seu tempo em entrevistas e matérias sobre o incidente, assim como as principais revistas de informação. A carga de informação sobre o incidente e tudo o que se relacionava a ele foi muito grande e por isso tornou-se assunto entre as pessoas e passou a participar das RS das pessoas, ainda que periférica.

De acordo com os dados, a categoria terrorismo está presente na RS de suicídio, entretanto é um elemento que não tem ligação com as demais

categorias, o que o identifica como um elemento específico e sem relação ao suicídio por nós estudado. O terrorismo é um elemento novo e que só é citado pelo grupo da cidade que tem mais acesso à informação e está mais exposto à mídia do que o outro grupo.

Ao considerarmos a RS como organizada por um Núcleo Central e que ao seu redor são organizados os elementos de periferia, verificamos que o elemento terrorismo pertence a este último, que tem a função de regulação e adaptação do sistema central às evoluções do contexto.

Essa análise foi importante, pois mostrou-nos com clareza a dinâmica de uma RS. A RS não é estática, ela se transforma de acordo com o contexto, corroborando a afirmação de Abric (1998). Podemos verificar que com isso o indivíduo participa da construção de sua realidade ao mesmo tempo em que é influenciado por ela.

Retornando às nossas análises sobre a relação entre suicídio e adolescência, podemos observar que, para os adolescentes da capital, o discurso sobre o suicídio circula em torno de um único tópico: a falta do outro. Para estes, sentir-se só e abandonado é a grande causa para esse fenômeno. Se observarmos como eles vivem a adolescência, podemos entender porque pensam dessa forma. Eles vivenciam a adolescência como uma época em que é preciso ter a proteção e o apoio dos pais e demais familiares e, também, uma época de divertimento. Caso um desses lhes falte significa uma perda muito grande e difícil de superar. O primeiro significa a família e o segundo a inserção em um grupo de pares. Isso corrobora os novos estudos em Psicologia do Desenvolvimento que

propõem que a socialização no grupo de pares é essencial para um crescimento saudável e que não pode ser subestimada (Harris, 1995).

Tomando a definição de Grünspun (1991), podemos afirmar que os fatores de risco para o suicídio entre estes sujeitos são: problemas familiares como maus tratos, negligência parental, separação parental entre outros; e dificuldades em relacionar-se com os outros, que podem estar relacionadas à auto-estima, ao nível sócio-econômico, às síndromes psiquiátricas entre outros. Estes achados corroboram as pesquisas realizadas como a de Zubia et al, 1991; Overholser et al, 1991; Reyes et al., 1998; Brown et al. 1999 e; Feijó et al, 1999, citadas anteriormente.

O discurso que envolve o suicídio para os adolescentes do interior é composto por mais elementos e também está relacionado com a maneira como vivem a adolescência.

Esses sujeitos, da mesma forma que o grupo da capital, também concebem a falta do outro como significante para se pensar em suicídio, pois é importante a participação em um grupo e ter uma relação familiar saudável. No entanto, existe uma diferença entre os grupos sobre esse tópico. Os adolescentes da capital expressam apenas a dor que é sentir-se só, já os do interior exemplificam as dificuldades que sentem. A respeito dos problemas familiares relatam com mais freqüência a separação parental, a falta de carinho dos pais e problemas financeiros. Quando falam do grupo de pares referem-se à dificuldade em serem aceitos neste. Também mencionaram as dificuldades em seguir os padrões impostos pela sociedade: ser bonito, tirar notas boas, ser bom filho, enfim, ser um exemplo. Para esse grupo, as regras de como agir são estabelecidas de forma

clara, assim como os padrões de certo e errado. Dessa forma, ou se está de um lado ou de outro, não havendo possibilidades de viver no espaço intermediário.

Outros elementos também concorrem para que o adolescente pense no suicídio como resposta. Esses adolescentes estão prestes a ser considerados pela sociedade como adultos, já que ao término do Ensino Médio Técnico estarão em condições de entrar no mercado de trabalho e, para os dois grupos, parece ser este o critério de ingresso no mundo adulto. Isso traz muitas dúvidas sobre o futuro. A grande questão para eles é: Será que conseguirei? Essa questão envolve a realidade que enfrentarão: desemprego, baixos salários, dificuldade em manter-se e em constituir uma família, entre outros. Uma minoria tem como objetivo fazer uma faculdade, mas isso não a isenta de ter de trabalhar e manter-se. Tudo isso pode dificultar a vida para esses adolescentes e levá-los ao fracasso em corresponder ao esperado. Diante do fracasso, o suicídio é considerado como forma de fuga. A fuga pode ser a resposta tanto para a dificuldade em enfrentar o fracasso, como em enfrentar a realidade em que vivem e ir em busca de tranqüilidade ou de uma "vida melhor", confirmando as proposições de Dias (1991) e Cassorla (1991b). A partir disso, estes adolescentes concebem o suicídio como algo concreto e possível, por isso o medo aparece como um elemento provável de constituir o campo central das representações sociais desse grupo.

As drogas tanto lícitas quanto ilícitas também participam da RS de suicídio do grupo do interior. Para esse grupo, as drogas são a explicação para o insucesso na vida, contudo não há uma reflexão sobre isso, pois é uma resposta que acaba em si mesma, sendo ao mesmo tempo causa e efeito. As drogas são

mencionadas junto com o suicídio como uma forma de fuga da realidade; entretanto, elas também são citadas como possível causa de suicídio.

Os fatores de risco que se apresentam para o grupo do interior são os problemas sociais: alta competitividade no mercado de trabalho, poucos postos de trabalho, baixos salários, dificuldades financeiras, entre outros; os problemas familiares; e, a dificuldade em relacionar-se.

Podemos observar que esses resultados nos mostram duas formas de viver a adolescência. O viver adolescente está ancorado na expectativa de vida que cada grupo possui, além de seus valores, e nas histórias vividas por cada grupo. O sistema econômico participa de forma importante, pois direciona as expectativas de futuro. O mesmo ocorre com a representação social de suicídio. A ocorrência do suicídio está relacionada à perda de algo significativo, e a definição do que é significativo, para cada grupo, depende, justamente, dos fatores de ancoragem. O que acarreta os sentimentos de fracasso para um não é o mesmo para o outro.

Apesar das diferentes formas de conceber o suicídio, podemos observar que ambos os grupos citaram a solidão como possível causa. Se considerarmos que a adolescência é um período em que a formação da identidade ainda está em processo, entenderemos que essa é uma fase em que eles, realmente, precisam de apoio, de incentivo, de compreensão, de atenção e de amor, além de segurança e de limites para experimentarem formas saudáveis de viver a vida.

Capítulo 6:

Considerações Finais — Algumas Recomendações

Ao longo deste trabalho, discutimos a adolescência e o fenômeno do suicídio, que tem aumentado nesta faixa etária. Utilizamos para isso o referencial teórico das Representações Sociais. Tal escolha teórica se fez devido ao interesse pela abordagem psicossocial, que nos permitiu enfocar tanto a participação do indivíduo na construção de sua realidade como a influência sofrida por esse indivíduo pelo seu meio social.

A partir desta teorização e de acordo com os dados, pudemos observar que é impossível afirmarmos a universalidade do estágio da adolescência. Como Margulis indica (2001), existem várias adolescências cuja caracterização depende de diversas variáveis. No nosso estudo, observamos que a história de vida e a inserção cultural são muito importantes para entendermos a adolescência e como os adolescentes lidam com um assunto muito complexo que é o suicídio. Neste estudo, o gênero não se apresentou como variável significativa, embora muitos estudos indiquem esta variável como um aspecto importante. Este é um aspecto que merece maiores estudos, pois com certeza o gênero é significante para o entendimento do comportamento suicida, já que o número de suicídios cometidos por homens é maior que os cometidos pelas mulheres e que o número de tentativas de suicídio pelas mulheres é muito maior que o dos homens.

Um outro aspecto que merece maiores estudos são as drogas na adolescência. As drogas são uma realidade na vida do adolescente e por isso é um aspecto preocupante e assunto de várias pesquisas. Neste estudo,

verificamos a existência de uma relação entre a expectativa de futuro dos adolescentes e o que pensam sobre as drogas. Este é um tema que precisa ser mais bem pesquisado e que pode acrescentar novos rumos à discussão das drogas na adolescência.

O suicídio nos dias de hoje ainda é tido como um tema interdito, como um tabu. Morin (1997) deixa isso claro ao explicitar sobre a morte em seu livro *O Homem e a Morte*, contudo é um tema que precisa ser falado abertamente para que formas de prevenção sejam discutidas e, posteriormente, postas em ação. As medidas de prevenção devem ser elaboradas localmente e com a participação dos interessados, no nosso caso, os adolescentes e os jovens. As estratégias utilizadas devem ser de apoio aos sujeitos e com o objetivo de satisfazer suas necessidades, possibilitar a realização de suas potencialidades, potencializar as suas capacidades para a realização dos seus desejos de futuro, possibilitar uma produtividade econômica sustentável para o futuro e estimular o reconhecimento e o exercício de seus direitos de participação na sociedade (Durston, 2001). Por meio dessas estratégias, poderemos estar mais próximos dos adolescentes e jovens que precisam, dando o apoio necessário para o alcance de um futuro saudável.

A atenção à saúde do adolescente e do jovem e mais especificamente a prevenção ao suicídio são primordiais. Existem alguns centros e organizações para a prevenção de suicídio que dão suporte, pelo telefone, a pessoas que pensam em matar-se, entretanto, não é apenas uma ação isolada que conseguirá com sucesso diminuir substancialmente o índice de suicídio. Um conjunto de

ações, nas comunidades, nas escolas, nos meios de comunicação seria mais apropriado.

O suicídio é um desperdício de vidas que pode ser evitado. Com nosso estudo, acreditamos ter contribuído para o crescimento da discussão em torno desse tema, no entanto apontamos que novas pesquisas com adolescentes em outros contextos sociais devam ser realizadas para que possamos ter um conhecimento amplo sobre o tema e consigamos alcançar o nosso objetivo final, qual seja, a possibilidade do adolescente viver uma vida saudável, feliz e com perspectivas de futuro.

Referências Bibliográficas

Abric, J.C. (1998) A abordagem estrutural das representações sociais. In Moreira A.S.P e Oliveira, D.C. (orgs.) *Estudos interdiciplinares de representação social*. Goiânia: AB

Ariès, P. (1978). *História social da criança e da família*. RJ: Guanabara.

Ariès, P. (1975). *A história da morte no ocidente*. RJ: Francisco Alves.

Banchs, M.A. (2000). Aproximaciones procesuales y estructurales al estúdio de las representaciones sociales. In *Paper on social representations*, vol 9, Peer Reviewed Online Jounal.

Barros, M.B.A. (1991). As mortes por suicídio no Brasil. In Cassorla, R.M.S.(coord.). *Do suicídio: estudos brasileiros*. Campinas, SP: Papirus

Brown, J., MPH; Cohen, P. PhD; Johnson, J.PhD; Smailes, E. M.Phil. (1999). Childhood abuse and neglect: specificity of effects on adolescent and young adult depression and suicidality. In *Journal of The American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*. *38* (12): 1490-1496.

Barchifontaine, C.P. e Pessini, L. (1990). *Bioética e saúde*. São Paulo: CEDAS.

Bussab, V.S.R. e Ribeiro, F.L. (1998). Biologicamente cultural. In L. Souza, M.F.Q. Freitas e M.M.P. Rodrigues (orgs.) *Psicologia: reflexões impertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cárdenas, C.J. (2000). Adolescendo: um estudo sobre a constituição da identidade do adolescente no âmbito da escola. *Dissertação de Mestrado*, Brasília - DF, Instituto de Psicologia, UnB.

Cassorla, R.M.S. (1991a).Comportamentos suicidas na infância e na adolescência.In Cassorla, R.M.S. (coord.). *Do suicídio: estudos brasileiros*. Campinas,SP: Papirus.

_____. (1991b). Considerações sobre suicídio. In Cassorla, R.M.S.(coord.). *Do suicídio: estudos brasileiros*. Campinas, SP: Papirus.

Castro, R.V. (1995). Representação social da prostituição na cidade do Rio de Janeiro. In Spink, M.J. (org.) O *conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.

Coelho, A.R. (1997). Suicídio: um estudo introdutório. In *Psicologia e Sociedade 9 (1/2)*; jan/dez.

Dias, M.L. (1991). O suicida e as suas mensagens de adeus. In Cassorla, R.M.S.(coord.) *Do suicídio: estudos brasileiros*. Campinas, SP: Papirus.

Dimenstein, G. e Oliveira, M. Vítima de suicídio é cada vez mais jovem. *Folha de São Paulo – Cotidiano*. 20/03/98.

Doise, W. (2000). Da psicologia social à psicologia societal. *Conferência proferida por ocasião da aula inaugural do Instituto de Psicologia*, UnB, Brasília, Abril.

Doise, W; Clémance, A; de Rosa, A.S.; Gonzalez, L. (1995). La represéntacion sociale des droits de l'homme: Une recherche internationale sur l'étendue et les limites de l'universalité. *Jounal International de Psychologie*, 30.

Durkheim, E. (2000/1897). *O suicídio – Um estudo sociológico*. Martins Fontes.

Durston, J. (2001). Juventud rural y desarollo en américa latina: estereotipos y realidades. In Burak, S.D.(org.) *Adolescência y juventud em américa latina*. Cartago: Libro Universitário Regional.

Erikson, E. (1950). *Childhood and society*. NY: Norton.

Erikson, E. (1968). *Identity: youth and crisis*. NY: Norton.

Escóssia, F. Suicídio entre jovens cresce 26% no país. *Folha de São Paulo – Cotidiano*. 20/03/98.

Fairbairn, G.J. (1999). *Reflexões em torno do suicídio: a linguagem e a ética pessoal*. São Paulo: Paulus.

Feijó, R; Raupp, A; John, A. (1999). Eventos estressores de vida e sua relação com tentativas de suicídio em adolescentes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria. 48* (4).

Ferreira, O.M.O. (1995). Representações sociais do suicídio na imprensa escrita. *Dissertação de Mestrado*. Lisboa.

Gallintin, J.E. (1942/1978). A teoria de desenvolvimento do adolescente de Erikson. Em: Gallintin, J. E. *Adolescência e individualidade*. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda.

Guareschi, N.M.F. (1995). A criança e a representação social de poder e autoridade: negação da infância e afirmação da vida adulta. In Spink, M.J. (org.) O *conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.

Grossman, E. e Cardoso, M.H.C. (1997). As bases conceituais dos documentos oficiais de atenção à saúde do adolescente. In *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano. 7* (2).

Grünspun, H. (1991). Fatores Suicidógenos como avaliação de risco de suicídio em adolescentes. In Cassorla, R.M.S.(coord.) *Do suicídio: estudos brasileiros*. Campinas, SP: Papirus.

Günther, I.A. (1996). Os jovens têm na cabeça mais do que bonés. In *Psicologia: Teoria e Pesquisa. 12* (1).

Harris, Judith R. (1995). Where is the child enviroment? A group socialization theory of development. In *Psychology Review*. 102.

IBGE. Censo 2000. Disponível em http://www.ibge.gov.br. Acesso em 24 maio de 2002.

IBGE (1999). População Jovem no Brasil. Departamento de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro.

Leme, M.A.V.S. (1993). O impacto da teoria das representações sociais. In Spink, M.J. (org.) O *conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.

Margulis, M. (2001). Juventud: una aproximación conceptul. In Burak, S.D.(org.) *Adolescência y juventud em américa latina*. Cartago: Libro Universitário Regional.

Mead, M. (1967). *Adolescencia y cultura en Samoa*. Buenos Aires: Ed. Paidós.

Melo, M.F. (2000). O suicídio e suas relações com a psicopatologia: análise qualitativa de seis casos de suicídio racional. In *Cadernos de Saúde Pública.* 16 (1).

Minayo, M.C.S. (1998). A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública. In *Cadernos de Saúde Pública. 14* (2).

Monteiro, P. (1986). Magia e religião. In Monteiro, P. *Magia e pensamento mágico*. São Paulo: Ática.

Morin, E. (1997). *O homem e a morte*. RJ: Imago

Moscovici, S. (1978/1961). *A representação social da psicanálise*. RJ: Zahar Editores.

MS/Funasa/Cenepi – Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). Disponível em http://www.datasus.gov.br. Acesso em 18 de abril de 2002.

Muuss, R.E. (1976). *Teorias da Adolescência*. B.H. Interlivros.

Naiff, D.G.M. (1999). A construção social de um fenômeno: a aids na mídia escrita. *Dissertação de Mestrado*, Brasília - DF, Instituto de Psicologia, UnB.

Oliveira, M.A.C. e Egry, E.Y. (1997). A adolescência como um constructo social. In *Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano*. *7* (2):12-21.

OPS. (1998). *La Salud em las Américas*, v.1, Washington, DC.

OMS. (2000). *Qué ocurre com los muchachos? Una revision sobre la salud y el desarrolo de los muchachos adolescents.* Genebra, Suíça.

OMS. Taxa de suicídio no mundo e Brasil. Disponível em http://www.who.org.int. Acesso em 20 de fevereiro de 2002.

Ordaz, O. e Vala, J. (1998) Objetivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita. In Moreira, A.S.P. e Oliveira, D.C. (orgs.) *Estudos interdisciplinares de representações sociais*. Goiânia:AB.

Overholser, J. Ph.D; Adams, D. MA; Lehnert, K. MA; Brinkman, D. MA. (1995). Self-esteem deficits and suicidal tendencies among adolescents. In *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry.* 34 (7).

Quapper, K.D. (2001). Juventude o juventudes? Acerca de como mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente. Em Burak, S.D.(org.) *Adolescência y juventud em américa latina*. Cartago: Libro Universitário Regional.

Reinert, M. (1990). ALCESTE, une métholologie d'analyse des donées textuelles et une application: Aurélia de G. De Nerval. *Bulletin de Méthologie Socio*logique. (28).

Reyes G, A; Escobar Y, J.L.; Valerio H, M. (1998). Suicidio en niños. In *Med. Leg*. 1*5* (1/2), Costa Rica.

Ribeiro, A.S.M. (2000). Macho, adulto, branco, sempre no comando? *Dissertação de Mestrado*, Brasília - DF, Instituto de Psicologia, UnB.

Rodriguez-Pullido, F.; Revuelta, J.L.G.R; Gracia-Marco, R; Hernandez, D.M.O. (1990). El suicidio y sus interpretaciones teoricas. In *Psiquis: Revista de Psiquiatria, Psicologia y Psicossomática. 11* (10). Espanha.

Rodrigues, J.C. (1983). *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achimé.

Reyes, Y.C. (2001). Políticas públicas de juventud: desafío del nuevo tiempo iberoamericano. In Burak, S.D.(org.) *Adolescência y juventud em américa latina*. Cartago: Libro Universitário Regional.

Sá, C.P. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.

_____. (1993). Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In Spink, M.J. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.

Salvo, L.; Rioseco, P.; Salvo, S. (1998). Intento de suicidio en adolescentes. In *Rev. Pisquiatrica. 15* (1), Santiago do Chile.

Sawaia, B.B. (1993). Representação e ideologia – o encontro desfetichizador. In Spink, M.J. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.

Sobrinho, M.D. (1998). “Habitus” e representações sociais: questões para o estudo de identidades coletivas. In Moreira, A.S.P. e Oliveira, D.C. (orgs.) *Estudos interdisciplinares de representações sociais*. Goiânia:AB.

Spink, M.J. (1993). Apresentação. In Spink, M.J. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.

Trindade, Z.A. (1996). Representação social: "modo de conhecer" no cenário da saúde. In Trindade, Z.A. e Camino, C. (orgs.). *Cognição e juízo moral*. 1(6). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP.

Turecki, G. (1999). O suicídio e sua relação com o comportamento impulsivo-agressivo. In *Revista Brasileira de Psiquiatria*. *21* (supl.2): SII18-SII22.

Vansan, G.A. (1996). Tentativas de suicídio admitidas em um serviço de urgências psiquiátricas de um Hospital Geral. In *Neurobiologia. 59* (1).

Zilles, U. (1991). Filosofia da religião. São Paulo: Edições Paulinas.

Zubia, C.; Corta, M.J.; Prieto, G.; Blanco, L. (1991). Tentativa de suicídio en um hospital general. Estudio de los anos 1987-1988. In *Psiquis: Revista de Psiquiatria, Psicologia y Psicosomatica*. *12* (8).

ANEXO I

TAXA DE SUICÍDIO NO MUNDO

(Por 100.000 pessoas)

Último ano disponível de acordo com a Organização Mundial da Saúde

País	Ano	Homens	Mulheres
Albânia	1993	2.9	1.7
Alemanha	1998	21.5	7.3
Argentina	1996	9.9	3.0
Armênia	1997	3.4	0.8
Austrália	1995	19.0	5.1
Áustria	1998	30.0	9.2
Azerbaijão	1997	2.3	0.5
Bahamas	1995	2.2	0.0
Bahrein	1988	4.9	0.5
Barbados	1995	9.6	3.7
Bielorrússia	1998	63.4	10.1
Bélgica	1994	31.2	11.4
Belize	1995	12.1	0.9
Brasil	1992	5.6	1.6
Bulgária	1998	26.2	10.6
Canadá	1997	19.6	5.1
Cazaquistão	1997	51.0	9.4
Chile	1994	10.2	1.4
China	1994	14.3	17.9
Coréia do Sul	1997	17.8	8.0
Hong Kong	1996	15.9	9.1
Colômbia	1994	5.5	1.5
Costa Rica	1995	9.7	2.1
Croácia	1997	31.5	10.8
Cuba	1996	24.5	12.0
Dinamarca	1996	24.3	9.8

Equador	1995	6.4	3.2
El Salvador	1993	10.4	5.5
Eslováquia	1995	23.4	4.6
Eslovênia	1997	49.3	11.8
Espanha	1996	12.8	4.3
Estados Unidos da América	1997	18.7	4.4
Estônia	1998	59.4	10.5
Filipinas	1993	2.5	1.7
Finlândia	1996	38.7	10.7
França	1997	28.4	10.1
Geórgia	1990	5.4	2.0
Grécia	1997	6.2	1.0
Guatemala	1984	0.9	0.1
Guiana	1994	14.6	6.5
Hungria	1998	51.1	14.7
Ilhas Maurício	1998	21.9	7.8
Ilhas Seichelles	1987	9.1	0.0
Índia	1995	11.4	8.0
Irã	1991	0.3	0.1
Irlanda	1996	19.2	3.5
Islândia	1995	16.4	3.8
Israel	1996	8.2	2.6
Itália	1996	12.4	4.2
Iugoslávia	1990	21.6	9.2
Jamaica	1985	0.5	0.2
Japão	1997	26.0	11.9
Kuwait	1997	1.4	2.4
Letônia	1998	59.8	12.2
Lituânia	1998	73.7	13.7
Luxemburgo	1997	29.0	9.8
Macedônia	1997	11.5	4.0
Malta	1997	5.9	2.1
México	1995	5.4	1.0

Moldávia	1996	30.9	6.2
Nova Zelândia	1996	23.4	5.9
Nicarágua	1994	4.7	2.2
Noruega	1995	19.1	6.2
Países Baixos	1997	13.5	6.7
Panamá	1987	5.6	1.9
Paraguai	1994	3.4	1.2
Peru	1989	0.6	0.4
Polônia	1996	24.1	4.6
Portugal	1998	8.7	2.7
Porto Rico	1992	16.0	1.9
Quirguistão	1998	18.4	3.7
Reino Unido	1997	11.0	3.2
Rússia	1997	66.4	12.3
República Tcheca	1998	25.3	6.5
Romênia	1998	21.3	4.2
Síria	1985	0.2	0.0
Santa Lúcia	1988	9.3	5.8
São Tomé e Príncipe	1987	0.0	1.8
Singapura	1997	14.3	8.0
Sri Lanka	1991	44.6	16.8
Suécia	1996	20.0	8.5
Suíça	1996	29.2	11.6
Suriname	1992	16.6	7.2
Tadjiquistão	1992	5.1	2.3
Tailândia	1994	5.6	2.4
Trinidad e Tobago	1994	17.5	5.1
Turcomenistão	1994	8.1	3.4
Ucrânia	1998	51.7	10.6
Uruguai	1990	16.6	4.2
Uzbequistão	1993	9.3	3.2
Venezuela	1994	8.3	1.9
Zimbábue	1990	10.6	5.2

ANEXO II

Mortalidade - Espírito Santo

Óbitos por Ocorrência por Faixa Etária OPS segundo Macrorregião/Município
Causa - CID-BR-10: Lesões autoprovocadas voluntariamente
Período 1999

Macrorreg/Municip	5 a 14 anos	15 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 54 anos	55 a 64 anos	65 a 74 anos	75 anos e mais	Total
TOTAL	1	20	24	21	10	9	7	3	95
Metropolitana	1	13	15	9	7	7	4	2	58
.... Afonso Cláudio	0	0	2	0	1	1	1	0	5
.... Aracruz	0	1	0	1	0	0	0	0	2
.... Cariacica	0	1	4	2	1	1	0	0	9
.... Fundão	0	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Guarapari	0	0	0	0	1	0	0	0	1
.... Itarana	0	0	0	1	1	0	0	1	3
.... Linhares	0	1	0	1	1	2	0	0	5
.... Piúma	0	0	1	0	0	0	0	0	1
.... Rio Bananal	0	1	0	0	0	0	0	0	1
.... Santa Maria de Jetibá	0	1	0	0	0	0	1	0	2
.... Serra	0	2	2	1	1	0	0	0	6
.... Venda Nova do Imigrante	1	0	0	0	0	0	0	0	1
.... Vila Velha	0	2	0	2	0	1	1	0	6
.... Vitória	0	4	6	0	1	2	1	1	15
Norte	0	0	2	2	0	1	0	0	5
.... Conceição da Barra	0	0	1	0	0	0	0	0	1
.... Jaguaré	0	0	1	0	0	0	0	0	1
.... Montanha	0	0	0	0	0	1	0	0	1
.... Pinheiros	0	0	0	1	0	0	0	0	1
.... São Mateus	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Noroeste	0	3	4	5	0	1	1	1	15
.... Baixo Guandu	0	0	1	1	0	0	1	0	3
.... Colatina	0	0	3	2	0	0	0	1	6
.... Ecoporanga	0	2	0	0	0	0	0	0	2
.... Mantenópolis	0	1	0	0	0	0	0	0	1
.... Nova Venécia	0	0	0	1	0	1	0	0	2
.... São Gabriel da Palha	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Sul	0	4	3	5	3	0	2	0	17
.... Alegre	0	0	0	1	2	0	0	0	3
.... Atílio Vivacqua	0	0	1	0	0	0	0	0	1

.... Bom Jesus do Norte	0	0	0	0	0	0	1	0	1
.... Cachoeiro de Itapemirim	0	1	0	3	1	0	0	0	5
.... Guaçuí	0	2	1	0	0	0	0	0	3
.... Iúna	0	0	0	1	0	0	1	0	2
.... Vargem Alta	0	1	1	0	0	0	0	0	2

Óbitos por Ocorrência por Faixa Etária OPS segundo Macrorregião/Município
Causa - CID-BR-10: Lesões autoprovocadas voluntariamente
Período 1998

Macrorreg/Municip	15 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 54 anos	55 a 64 anos	65 a 74 anos	75 anos e mais	Total
TOTAL	27	34	26	15	8	8	6	124
Metropolitana	19	22	18	9	3	5	4	80
.... Afonso Cláudio	1	0	2	0	0	0	0	3
.... Alfredo Chaves	0	0	0	0	0	1	0	1
.... Aracruz	2	0	0	0	0	0	0	2
.... Cariacica	4	4	2	2	0	0	0	12
.... Conceição do Castelo	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Domingos Martins	0	1	0	0	0	0	0	1
.... Guarapari	2	3	0	0	0	0	0	5
.... Ibiraçu	0	0	0	1	0	0	0	1
.... Itaguaçu	0	1	0	0	1	1	0	3
.... Itarana	0	1	0	0	0	0	0	1
.... Linhares	0	0	2	0	0	0	0	2
.... Marataizes	0	1	0	0	0	0	0	1
.... Santa Leopoldina	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Santa Maria de Jetibá	0	0	1	0	1	0	0	2
.... Serra	0	1	3	1	1	2	0	8
.... Venda Nova do Imigrante	2	0	0	0	0	0	0	2
.... Viana	1	0	1	0	0	0	0	2
.... Vila Velha	3	5	3	3	0	0	3	17
.... Vitória	4	5	2	2	0	1	1	15
Norte	0	0	2	0	0	0	0	2
.... Conceição da Barra	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Pinheiros	0	0	1	0	0	0	0	1
Noroeste	4	3	4	4	1	3	1	20
.... Águia Branca	0	0	0	0	0	1	0	1
.... Alto Rio Novo	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Baixo Guandu	1	0	0	0	0	0	0	1

.... Barra de São Francisco	0	0	0	1	0	0	0	1
.... Colatina	2	2	2	1	0	1	0	8
.... Ecoporanga	1	0	0	0	1	0	0	2
.... Nova Venécia	0	1	1	1	0	0	0	3
.... São Gabriel da Palha	0	0	0	1	0	1	0	2
.... Vila Pavão	0	0	0	0	0	0	1	1
Sul	4	9	2	2	4	0	1	22
.... Alegre	1	0	1	0	0	0	0	2
.... Atílio Vivacqua	0	0	0	0	1	0	0	1
.... Cachoeiro de Itapemirim	1	1	0	0	2	0	0	4
.... Castelo	0	3	0	0	0	0	0	3
.... Dores do Rio Preto	0	1	0	0	0	0	0	1
.... Guaçuí	1	1	1	0	0	0	0	3
.... Irupi	1	0	0	0	0	0	0	1
.... Iúna	0	1	0	0	1	0	0	2
.... Mimoso do Sul	0	0	0	0	0	0	1	1
.... Muniz Freire	0	1	0	1	0	0	0	2
.... Presidente Kennedy	0	1	0	1	0	0	0	2

Óbitos por Ocorrência por Faixa Etária OPS segundo Macrorregião/Município
Causa - CID-BR-10: Lesões autoprovocadas voluntariamente
Período 1997

Macrorreg/Municip	5 a 14 anos	15 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 54 anos	55 a 64 anos	65 a 74 anos	75 anos e mais	Total
TOTAL	4	25	37	19	16	4	7	4	116
Metropolitana	1	20	23	11	10	3	2	3	73
.... Afonso Cláudio	0	1	1	0	0	0	0	0	2
.... Anchieta	0	1	0	0	0	0	0	0	1
.... Aracruz	0	1	1	0	0	0	0	0	2
.... Cariacica	1	3	1	2	1	0	1	0	9
.... Conceição do Castelo	0	1	0	0	0	0	0	0	1
.... Domingos Martins	0	0	0	1	1	0	0	0	2
.... Guarapari	0	1	0	0	0	0	0	0	1
.... Itaguaçu	0	0	0	0	1	0	0	0	1
.... Itapemirim	0	0	0	0	1	0	0	0	1
.... Itarana	0	0	0	1	0	0	0	1	2
.... Laranja da Terra	0	1	0	0	0	0	0	0	1
.... Linhares	0	1	0	0	0	1	0	1	3
.... Santa Maria de Jetibá	0	1	1	1	2	0	0	0	5

.... Santa Teresa	0	1	1	0	0	0	0	0	2
.... Serra	0	4	4	1	2	1	0	0	12
.... Venda Nova do Imigrante	0	0	1	1	0	0	0	0	2
.... Vila Velha	0	2	7	1	1	0	0	0	11
.... Vitória	0	2	6	3	1	1	1	1	15
Norte	1	1	2	1	0	0	0	0	5
.... Conceição da Barra	1	0	1	0	0	0	0	0	2
.... Jaguaré	0	0	0	1	0	0	0	0	1
.... São Mateus	0	1	1	0	0	0	0	0	2
Noroeste	1	3	4	1	3	0	2	1	15
.... Boa Esperança	0	1	0	0	0	0	1	0	2
.... Colatina	1	0	3	1	2	0	1	0	8
.... Nova Venécia	0	0	0	0	0	0	0	1	1
.... Pancas	0	1	0	0	0	0	0	0	1
.... São Gabriel da Palha	0	1	1	0	0	0	0	0	2
.... Vila Valério	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Sul	1	1	8	6	3	1	3	0	23
.... Alegre	0	1	0	0	0	0	0	0	1
.... Bom Jesus do Norte	0	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Cachoeiro de Itapemirim	0	0	5	1	0	0	1	0	7
.... Castelo	0	0	1	0	0	0	0	0	1
.... Guaçuí	1	0	1	0	1	0	0	0	3
.... Iúna	0	0	1	1	0	1	2	0	5
.... Jerônimo Monteiro	0	0	0	1	1	0	0	0	2
.... Mimoso do Sul	0	0	0	0	1	0	0	0	1
.... Muniz Freire	0	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Vargem Alta	0	0	0	1	0	0	0	0	1

Óbitos por Ocorrência por Faixa Etária OPS segundo Macrorregião/Município
Causa - CID-BR-10: Lesões autoprovocadas voluntariamente
Período 1996

Macrorreg/Municip	5 a 14 anos	15 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 44 anos	45 a 54 anos	55 a 64 anos	65 a 74 anos	75 anos e mais	Total
TOTAL	1	28	27	29	10	11	3	2	111
Metropolitana	1	19	19	22	8	8	1	1	79
.... Anchieta	0	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Cariacica	0	6	3	1	0	1	0	0	11
.... Conceição do Castelo	0	0	0	1	1	1	0	0	3

.... Domingos Martins	0	1	3	0	0	0	0	0	4
.... Fundão	0	0	1	0	0	0	0	0	1
.... Guarapari	0	1	0	1	0	0	0	0	2
.... Itaguaçu	0	0	0	0	0	1	0	0	1
.... Itapemirim	0	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Laranja da Terra	0	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Linhares	0	0	1	0	2	0	0	0	3
.... Santa Leopoldina	0	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Santa Maria de Jetibá	0	0	0	1	1	0	0	0	2
.... Santa Teresa	0	1	0	1	0	0	0	0	2
.... Serra	1	4	4	2	1	0	0	0	12
.... Venda Nova do Imigrante	0	1	0	0	0	0	0	0	1
.... Viana	0	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Vila Velha	0	1	2	5	1	4	0	0	13
.... Vitória	0	4	5	5	2	1	1	1	19
Norte	0	1	1	0	0	1	0	0	3
.... Pedro Canário	0	0	0	0	0	1	0	0	1
.... São Mateus	0	1	1	0	0	0	0	0	2
Noroeste	0	6	4	5	0	0	0	0	15
.... Baixo Guandu	0	1	0	0	0	0	0	0	1
.... Boa Esperança	0	1	0	0	0	0	0	0	1
.... Colatina	0	1	3	3	0	0	0	0	7
.... Ecoporanga	0	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Nova Venécia	0	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Pancas	0	2	0	0	0	0	0	0	2
.... São Domingos do Norte	0	1	0	0	0	0	0	0	1
.... São Gabriel da Palha	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Sul	0	2	3	2	2	2	2	1	14
.... Alegre	0	1	0	0	0	0	0	0	1
.... Cachoeiro de Itapemirim	0	0	0	0	0	1	2	1	4
.... Castelo	0	0	0	0	2	0	0	0	2
.... Guaçuí	0	0	1	0	0	0	0	0	1
.... Ibatiba	0	0	1	0	0	0	0	0	1
.... Irupi	0	0	1	0	0	0	0	0	1
.... Iúna	0	0	0	1	0	0	0	0	1
.... Muniz Freire	0	1	0	0	0	0	0	0	1
.... São José do Calçado	0	0	0	1	0	1	0	0	2

ANEXO III

Questionário

Sexo: ☐ Feminino ☐ Masculino Idade: _____

Endereço: Bairro e Cidade: _____

Escolaridade - marque a série que está cursando:

1º Grau ☐ 7ª série
☐ 8ª série

2º Grau ☐ 1º ano
☐ 2º ano
☐ 3º ano

Escolaridade – pais

	Pai	Mãe
1º Grau incompleto	☐	☐
1º Grau completo	☐	☐
2º Grau incompleto	☐	☐
2º Grau completo	☐	☐
Superior	☐	☐

Pai: Profissão: _____

Mãe: Profissão: _____

- Seus pais são:

☐ Casados
☐ Separados
☐ Solteiros
☐ Viúvo/a
☐ Não tem

- Mora com:

☐ Pais
☐ Pai
☐ Mãe
☐ Responsável
☐ Outros: _____

- Tem irmãos? Quantos? _____ Idade dos mesmos: _____
- Você trabalha: ☐ Sim ☐ Não
- Você estuda em escola: ☐ particular ☐ pública

1) O que você sente, pensa, imagina quando ouve a palavra: (dê pelo menos quatro respostas).

Adolescente

_____ _____

_____ _____

_____ _____

_____ _____

2) O que você considera importante para se ter uma vida feliz?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

3) De acordo com a sua opinião, quais são as preocupações do adolescente e do jovem de hoje?

_____

_____

_____

_____

_____

4) O que você sente, pensa, imagina quando ouve a palavra: (dê pelo menos quatro respostas).

Suicídio

_____ _____

_____ _____

_____ _____

_____ _____

5) O que você acha que leva uma pessoa ao suicídio?

_____

_____

_____

_____

_____

6) Você acha que algo pode ser feito para que o suicídio não aconteça? O quê?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

7) “A taxa de suicídio entre pessoas de 15 e 24 anos foi a que mais cresceu nos últimos anos” (Folha de São Paulo 12/06/98). Por que você acha que houve esse aumento?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Obrigada pela sua atenção!

ANEXO IV

Vitória, Agosto de 2001.

Srs. Diretor e Coordenador,

Está sendo realizada, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, uma pesquisa com o objetivo de descrever e analisar o que os jovens pensam a respeito do suicídio. Essa pesquisa tem grande relevância, pois podemos observar que, no período entre 1979 e 1993, a taxa de suicídio cresceu 26% entre pessoas de 15 a 24 anos (Folha de São Paulo - 16/02/98). Os resultados da pesquisa serão utilizados em Dissertação de Mestrado, tornando-se uma informação importante na comunidade científica, para que possam, posteriormente, ser estudadas novas medidas de prevenção e tratamento nesses casos.

Por isso estamos entrando em contato com Vsª para solicitar o tempo de 20 (vinte) minutos para o preenchimento do questionário (em anexo) pelos alunos que estão na faixa etária entre 15 e 18 anos. Deixamos claro que o adolescente não correrá riscos, uma vez que o questionário não se aprofunda em questões pessoais.

A aplicação do questionário deve ser coletiva e pode ocorrer em qualquer sala de aula.

A identificação do adolescente ficará resguardada e os dados coletados serão usados estritamente para a pesquisa aqui delimitada.

Esperamos poder contar com a sua colaboração no desenvolvimento de maiores conhecimentos a respeito do tema.

Em caso de maiores esclarecimentos estarei à disposição. Meus telefones de contatos são XXXXX e XXXXXX.

Atenciosamente,

Priscilla de Oliveira Martins
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Universidade Federal do Espírito Santo

Zeidi Araújo Trindade
Prof. Doutora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Universidade Federal do Espírito Santo

ANEXO V

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO
EM PROJETO DE PESQUISA

Concordo com a participação dos alunos que estão na faixa etária de 15 a 18 anos no projeto de pesquisa abaixo discriminado, nos seguintes termos:

Projeto: “Representações Sociais de Adolescência e Suicídio entre Adolescentes”
Responsável: Prof ª Drª Zeidi Araújo Trindade
Mestranda: Priscilla de Oliveira Martins
Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo

Descrição dos procedimentos a que o aluno será submetido:

Será aplicado um questionário a todos os alunos das salas indicadas, com o objetivo de descrever e analisar o que os jovens pensam a respeito da adolescência e do suicídio. O questionário será aplicado por uma psicóloga e terá a duração de vinte minutos.

Identificação da escola:

Escola:_____
Endereço: _____

Identificação do funcionário responsável:

Nome: _____
Função / Cargo: _____
Prova documental de responsabilidade: _____ RG : _____

Estando assim de acordo, assinam o presente termo de compromisso em duas vias.

_____, de _____de 2001.

_____ _____
Representante legal Responsável pelo projeto